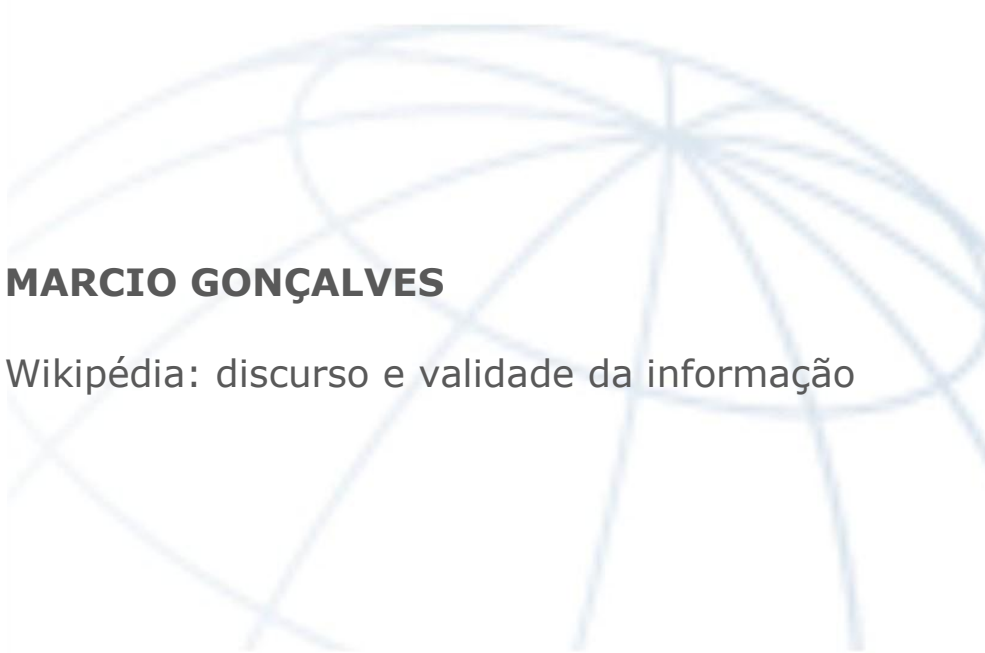




MARCIO GONÇALVES

Wikipédia: discurso e validade da informação

Tese de doutorado
Fevereiro de 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

MARCIO GONÇALVES

WIKIPÉDIA: DISCURSO E VALIDADE DA INFORMAÇÃO

Rio de Janeiro

2014

MARCIO GONÇALVES

WIKIPÉDIA: DISCURSO E VALIDADE DA INFORMAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientador: Clóvis Ricardo Montenegro de Lima

Rio de Janeiro

2014

G635	Gonçalves, Marcio Wikipédia: discurso e validade da informação / Marcio Gonçalves. Rio de Janeiro, 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014. Orientador: Clóvis Ricardo Montenegro de Lima. 1. Validade da Informação. 2. Discurso. 3. Controvérsia. 4. Jürgen Habermas. 5. Wikipédia. I. Lima, Clóvis Ricardo Montenegro de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. IV. Título. CDD: 193
------	---

MARCIO GONÇALVES

WIKIPÉDIA: DISCURSO E VALIDADE DA INFORMAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Aprovado em: 25 de fevereiro de 2014.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ricardo Montenegro de Lima

Prof. Dr. Clóvis Ricardo Montenegro de Lima (Orientador)
PPGCI/IBICT-UFRJ

Profa. Dra. Maria Nélide González de Gómez
PPGCI/IBICT-UFRJ

Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza
PPGCI/IBICT-UFRJ

Profa. Dra. Marcia Heloísa Tavares de Figueiredo
PPGCI/UFF

Profa. Dra. Nanci Elizabeth Oddone
PPGB/UNIRIO

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha
PPGCI/IBICT-UFRJ

Profa. Dra. Geni Chaves Fernandes
PPGB/UNIRIO

AGRADECIMENTOS

Ao orientador do doutorado, o professor Clóvis Montenegro, que com seu jeito peculiar de homem sagitariano, nunca fez com que eu deixasse a peteca cair e me incentivou todo o tempo. É um grande homem, que quer o melhor para o progresso da ciência, e busca reunir pessoas do bem ao seu lado para promover o enriquecimento da pesquisa.

À equipe da gerência de relacionamento com docentes que pertence à diretoria executiva de gente e gestão da Estácio.

À professora Isa Freire por ter sido minha orientadora no mestrado e uma das mais incentivadoras da minha carreira acadêmica.

À professora Gilda Olinto, que nem sabe disso, mas ela foi a primeira pessoa do programa de pós-graduação em Ciência da Informação com quem tive contato quando eu ainda pensava em fazer o mestrado. Foi por meio de Rodrigo Cobra, na época estagiário do Ibict, que cheguei até ela.

A todos os demais professores do PPGCI-IBICT/UFRJ com quem tive o prazer de ser aluno.

À professora Lena Vânia, em especial, que me acolheu em seu grupo de pesquisa e permitiu que participasse com os colegas do grupo na produção do livro *Múltiplas Facetas da Comunicação e Divulgação Científicas: Transformações em Cinco Séculos*.

À equipe de técnicos administrativos do Ibict Rio de Janeiro pela gentileza em atender os discentes.

Aos amigos, que tiveram paciência comigo quando precisei estar ausente nos encontros sociais devido à dedicação aos objetivos acadêmicos.

Aos colegas de classe do programa tanto da turma de 2010 quanto das posteriores.

Ao colega Pedro Ivo, que me ajudou a navegar no Software Pajek.

Aos Deuses, aos pais e aos avós.

Ciência e tecnologia são, uma e outra,
ocupações altamente criativas. Derek de
Solla Price

GONÇALVES, Marcio. **Wikipédia**: discurso e validade da informação. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

Discute a dinâmica de validação da informação na Wikipédia. Descreve a cultura colaborativa da Wikipédia, identifica verbetes construídos colaborativamente, investiga o processo de validação social dos verbetes construídos de forma colaborativa e descreve como a web é considerada um espaço de produção de sentido por meio de discurso argumentativo. É usada a cartografia das controvérsias e a análise de redes sociais para compreender as dinâmicas infocomunicacionais de um grupo de pessoas com interesse em discutir uma lista de verbetes que devem constar em todas as Wikipédias. Conclui-se que, de acordo com as propostas teóricas de Jürgen Habermas, a Wikipédia é um ambiente discursivamente emancipatório e construído a partir do discurso argumentativo habermasiano.

Palavras-chave: Validade da Informação. Discurso. Controvérsia. Jürgen Habermas. Wikipédia.

GONÇALVES, Marcio. **Wikipédia**: discurso e validade da informação. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014.

ABSTRACT

It discusses the dynamic validation of information on Wikipedia. It describes the collaborative culture of Wikipedia entries built collaboratively, It investigates the process of social validation of entries constructed collaboratively and It describes how the web is considered an area of production of meaning through argumentative discourse. It is used mapping of controversies and social network analysis to understand the infocommunicative dynamics of a group of people interested in discussing a list of entries to be included in all Wikipedias. In conclusion, according to the theoretical proposals of Jürgen Habermas, Wikipedia is an emancipatory discourse environment and It is built according to Habermasian argumentative discourse.

Keywords: Validity claims. Discourse. Controversy. Jürgen Habermas. Wikipedia.

GONÇALVES, Marcio. **Wikipédia**: discurso e validade da informação. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMEN

Discute principalmente la dinâmica de la validación de la información en Wikipedia. Describe la cultura de colaboración de las entradas de Wikipedia construidas colaborativamente, investiga el proceso de validación social de las entradas construidas colaborativamente y describe cómo la web se considera un área de producción de sentido a través del discurso argumentativo. El mapeo de controversias y el análisis de redes sociales se utilizan para comprender la dinámica info-comunicacional de un grupo de personas interesadas en la discusión de una lista de entradas que deben incluirse en todas las Wikipedias. En conclusión, de acuerdo con las propuestas teóricas de Jürgen Habermas, Wikipedia es un entorno discurso emancipatorio y está construido de acuerdo con el discurso argumentativo de Habermas.

Palabras clave: Validez de la información. Discurso. Controversia. Jürgen Habermas. Wikipedia.

GONÇALVES, Marcio. **Wikipédia**: discurso e validade da informação. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014.

RÉSUMÉ

Pour discuter la validation dynamique de l'information dans Wikipedia. Décrire la culture de collaboration d'entrées Wikipedia construits en collaboration enquêter sur le processus de validation d'entrée sociaux construits en collaboration et décrire comment le web est considéré comme une zone de production de sens par le discours argumentatif. Conflits de cartographie et d'analyse de réseau social sont utilisés pour comprendre l' info- communication dynamique d'un groupe de personnes intéressées à discuter d'une liste d'entrées à inclure dans tous les Wikipédias . En conclusion, selon les propositions théoriques de Jürgen Habermas, Wikipedia est un environnement de discours émancipateur et est construit selon le discours argumentatif de Habermas.

Mots-clé: Validant l'information. Discours. Controverse. Jürgen Habermas. Wikipédia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 -	Linha do tempo com evolução do número de wikipedistas da Wikipédia em português.....	35
Gráfico 2 -	Grafo das redes de wikipedistas que participam da construção da lista em questão.....	55
Figura 1 -	Reprodução da página de login da Wikipédia.....	57
Quadro 1 -	Medidas de ARS atribuídas aos atores.....	58
Quadro 2 -	Medidas de ARS atribuídas às ligações.....	61
Quadro 3 -	Medidas de ARS atribuídas às redes como um todo.....	65
Quadro 4 -	Estágios da filosofia.....	80
Quadro 5 -	Tipos de ação.....	83
Quadro 6 -	Distinções semióticas do estabelecimento de relações interpessoais.....	84
Quadro 7 -	Representação esquemática das correções válidas.....	86
Quadro 8 -	Modelos de verdade enganadores.....	90
Quadro 9 -	Modos de utilização da linguagem.....	92
Quadro 10 -	Pretensões de validade intersubjetivamente reconhecidas...	93
Quadro 11 -	Tipos de discurso.....	97
Quadro 12 -	Planos do discurso.....	99
Quadro 13 -	Tabelas das pretensões de validade.....	101
Quadro 14 -	Panorama dos tipos de saber e de ação da argumentação e dos modelos de saber.....	103
Quadro 15 -	Tipos de argumentação.....	115
Quadro 16 -	Estádios de interação. Perspectivas.....	119
Quadro 17 -	Passagem ao Estádio de interação convencional (1): do comportamento de competição pré-convencional ao agir estratégico.....	129

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	WIKIPÉDIA: PROCESSO DISCURSIVO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	16
2.1	ENCICLOPÉDIA COMO BUSCA DA VERDADE E DO CONHECIMENTO.....	16
2.2	WIKIPÉDIA E O AMBIENTE DISCURSIVAMENTE EMANCIPATÓRIO.....	29
3	REDES E CONTROVÉRSIAS.....	47
3.1	DINÂMICAS SOCIAIS DA CONTROVÉRSIA NA WIKIPÉDIA.....	47
3.2	VISUALIZAÇÃO DAS REDES E DOS CONFLITOS.....	54
4	DISCURSO E VALIDADE DA INFORMAÇÃO.....	67
4.1	CONTROVÉRSIA E ARGUMENTO.....	67
4.2	PRETENSÕES DE VALIDADE.....	78
4.3	AUTORIDADE DO ARGUMENTO.....	108
5	CONCLUSÃO.....	132
	REFERÊNCIAS.....	135
	ANEXO A- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS.....	145
	ANEXO B- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS/ARQUIVO.....	154
	ANEXO C- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS 2.....	167

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa enfoca a questão da dinâmica de validação da informação no contexto contemporâneo a partir da filosofia da linguagem do sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas. O pensamento de Habermas, que é um autor contemporâneo e ainda vivo, como considera Gracioso (2011, p. 97), pode ser um eixo para se refletir as revoluções científicas e tecnológicas que a sociedade contemporânea vivencia atualmente.

Parte-se, dessa maneira, do princípio estabelecido por Eco (2005, p. 2) para se fazer uma tese com resultado científico: a partir da leitura e entendimento de textos clássicos sistematizar as ideias que se encontram dispersas em outros textos. Um olhar sob a construção da Wikipédia ganha, portanto, um trabalho que põe ordem nessas ideias e ordena os dados recolhidos.

O problema que se esclarece no estudo é o de avaliar se a Wikipédia possibilita um ambiente mais emancipatório discursivamente falando, a partir do estudo sistemático do pensamento de Habermas, por meio da teoria do discurso e da linguagem e da validação. Na Wikipédia verifica-se que surge a iniciativa de estratégias colaborativas de produção por meio da força do melhor argumento.

Procura-se responder às seguintes questões: investigar e discutir, principalmente, a dinâmica de validação da informação na Wikipédia. Além do mais, descrever a cultura colaborativa da Wikipédia, identificar verbetes construídos colaborativamente, investigar o processo de validação social dos verbetes construídos de forma colaborativa e, por fim, descrever como a web é considerada um espaço de produção de sentido por meio de discurso argumentativo.

Com as inovações no processamento de volume de dados altera-se a percepção quanto ao que significa autoridade. No período de pouco mais de uma década e, talvez, de forma mais extensa do que em qualquer outro período na história, mexe-se com a maioria das ideias sobre valor cultural e intelectual. As bases dos argumentos estabelecidos por Habermas sobre a interação comunicativa contribuem para entender tais mudanças atuais.

Em relação à metodologia aplicada a este estudo, percebe-se que a utilização científica de abordagem do estudo de redes em relação a fenômenos políticos, sociais e econômicos tem despertado o interesse de pesquisadores de ciências humanas, sociais e comportamentais para novas possibilidades metodológicas

(SOUZA; QUANDT, 2008, p. 31). Trata-se não de um único, mas de uma compilação de métodos que traduzem um pouco da perspectiva, que é baseada em premissas da Análise de Redes Sociais (ARS).

Esse tipo de estudo tem um cunho estruturalista e parte do princípio que, ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais, é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 115). Destaca-se, a fim de mitigar a escolha filosófica para ancorar essa tese, o fato de que Habermas está sempre pensando em atores sociais, não em sujeitos epistêmicos ou psicológicos, como afirma González de Gómez (2009b, p. 122): “esses atores se movimentam em tramas diversificadas de plexos acionais, onde possuem a possibilidade de alternar demandas de certeza e critérios de validade”.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 116) contam que a ARS surge em meio aos estudos sociológicos do começo do século XX e chega a confundir-se com a Sociometria, que é considerada um braço matemático de análise. Destacam-se diversos estudos neste período: Simmel, nos Estados Unidos, por meio dos estudos e mapeamento de relações sociais e de como essas relações influenciam os sistemas sociais; Augusto Comte, com as ideias sobre as dinâmicas sociais e Weber e Tönnies, além da sociologia alemã em geral, como influências marcantes na abordagem estruturalista que marca as redes sociais.

É creditado, porém, a Jacob Levy Moreno, que emigra para os Estados Unidos, os princípios que regem a análise de redes sociais. Moreno escreve, em 1934, o livro *Who shall survive*, que é considerado um dos pilares fundadores dos estudos sociométricos. Nessa obra, Moreno relata seus achados em um estudo na *Hudson School of Girls*: primeiros gráficos sociométricos que tentam sistematicamente quantificar interações e avaliar seu impacto no grupo. Esse mesmo autor, conseqüentemente, cria a definição do conceito de sociograma (“foto” da rede onde os pontos representam as pessoas e as linhas e as relações observadas entre os indivíduos) (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p.117, grifo das autoras). Para Sousa (2007, p. 120, grifo da autora) um “sociograma é representado por uma matriz bidimensional que mostra as relações entre as pessoas, sendo que cada célula da matriz indica a ligação entre duas pessoas”.

Kurt Lewin é outro estudioso, que além de Moreno, também busca refúgio, em 1951, nos Estados Unidos, e contribui, com influência da *gestalt*, nos estudos

das dinâmicas de grupos para as redes sociais: campo de inter-relações entre os indivíduos. Percebe-se que a ARS nasce de um conjunto de estudos com foco empírico e sistemático e, também, com um foco matemático e gráfico. Mas é a partir do final do século XX, que um novo grupo de estudos surge, com foco na estrutura de rede. A proposta da teoria das redes concentra na observação das propriedades dinâmicas das mesmas tratando-as como estruturas em movimento e em evolução constantes (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 118).

Na abordagem da ARS é preciso selecionar o objeto e a forma de coleta de dados antes de se dar a análise. Considerando que a Wikipédia não é uma rede social, pensa-se que os atores (os wikipedistas) formam redes sociais mediadas pela estrutura de recursos incitados pela Wikipédia. A partir de uma representação gráfica (quantitativa) seguida da descrição de relatos textuais (qualitativos) é possível conhecer as dinâmicas sociais de discussão na Wikipédia. Assim está feito no capítulo sobre a visualização das redes e dos conflitos na criação de verbetes.

Mesclam-se outros métodos para a realização desta pesquisa. Seguir os atores é um deles. Desde o estabelecimento da delimitação do objeto inicia-se, tendo em vista as primeiras pistas que o recorte teórico estabelece, o reconhecimento do espaço de pesquisa. Mais do que saber que os atores estão em ambiente virtual, a dinâmica que leva à produção constante de verbetes na Wikipédia também é estimulada em outros lugares além da própria enciclopédia *online*. A cartografia das controvérsias e a Teoria do Ator-Rede, segundo os estudos de Bruno Latour, levam a entender que o relato textual permite contar os passos dados até se alcançar a linha de chegada desta pesquisa.

Descobre-se que desde 2005 é realizada uma conferência internacional denominada *Wikimania*. Nela participam voluntários nos projetos da *Wikimedia Foundation*. A primeira contou com mais de 400 entusiastas e membros da diretoria da fundação. Em 2014 acontece a décima edição na cidade de Londres. Em 2012, na cidade de Washington, nos Estados Unidos da América, este pesquisador esteve presente para conhecer mais de perto os atores e interagir com o grupo de wikipedistas. O evento rendeu contatos de colaboradores brasileiros e permitiu entender melhor a dinâmica de criação e de desenvolvimento do projeto Wikipédia.

As conversas com as pessoas presentes na Wikimania 2012, as dicas de voluntários brasileiros e estrangeiros e as interações vividas durante esse encontro possibilitam, assim, amadurecer o embrião de pesquisa a partir das leituras

escolhidas. Alguns dos voluntários mais ativos que contribuem para a versão brasileira promovem encontros com presença física em certos períodos do ano. Além disso, na rede social online Facebook é mantido um grupo desses entusiastas do projeto do qual agora este pesquisador faz parte. Na lista de discussão mantida no Google também acontece o mesmo. Monitorar as informações nestes locais passou a ser tarefa constante ao longo do estudo.

A divisão dos assuntos abordados em cada capítulo começa a se desenhar a partir do encadeamento das ideias de que as coisas têm **pretensões de validez** e que elas passam por um **processo de validação** até adquirirem **validade**. Considera-se que o valor da Wikipédia é gerar atualização e que a enciclopédia online mantém o valor de ser atual. Nesse sentido, estabelece-se que deve haver um capítulo sobre a história da enciclopédia.

O capítulo intitulado “Enciclopédia como busca da verdade e do conhecimento” faz uma descrição da história da enciclopédia a partir de relatos que contextualizam o “Século das Luzes” como o século da enciclopédia e a enciclopédia como registro de princípios filosóficos. Para isso, as pesquisas conduzidas por Olga Pombo, da Faculdade de Ciências, na Universidade de Lisboa, contribuem para que os relatos ganhem informações curiosas para os que se interessam por fontes de informação.

Em seguida, no capítulo Wikipédia e o ambiente discursivamente emancipatório é narrada a história da criação da Wikipédia e dos demais projetos desenvolvidos pela *Wikimedia Foundation*. Reconhece-se a influência da Wikipédia em língua portuguesa, descreve-se a colaboração na produção de conteúdo dessa versão a partir das estatísticas de crescimento e, por fim, destaca-se que a Wikipédia é construída por meio da autoridade do melhor argumento.

A parte empírica do estudo encontra-se no capítulo que descreve as dinâmicas sociais da controvérsia na Wikipédia. Diante de tantas possibilidades para visualização das controvérsias e conflitos na enciclopédia online, escolhe-se visualizar as redes formadas entre os wikipedistas na criação de uma lista que busca reunir os 1000 verbetes que toda Wikipédia deve ter. É possível perceber que, por meio do conceito de discurso proposto por Jürgen Habermas, desenvolvem-se atos de falas e argumentação entre os atores para que, ao final, alcancem entendimento no desenvolvimento dos verbetes e, conseqüentemente, da Wikipédia em português.

Por fim, no capítulo sobre discurso e validade da informação, o arcabouço teórico é construído a partir dos conceitos de controvérsia, argumento, pretensões de validade e autoridade do argumento. Busca-se descrever as teorias de Jürgen Habermas, diante de um fio narrativo com bons argumentos para, ao final da tese, concluir que a Wikipédia é uma enciclopédia construída discursivamente.

2 WIKIPÉDIA: PROCESSO DISCURSIVO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

2.1 ENCICLOPÉDIA COMO BUSCA DA VERDADE E DO CONHECIMENTO

A palavra enciclopédia (do grego *enkyklopaideia*, formada por *enkyklios* = circular e *paideia* = educação, cultura) significa, na sua origem, um sistema ou círculo completo da aprendizagem e da educação. Designa uma obra de referência cujo objetivo é agrupar o somatório de todos os ramos do saber humano (POMBO¹, 2013, p. 181; CUNHA, 2010, p.1). Na forma moderna, a palavra é um neologismo do século XVI e foi pela primeira vez usada em inglês por Sir Thomas Elyot em *Boke of the Governour* (1531), e, em francês, por Rabelais, em *Pantagruel* (1532) (POMBO, 2006, p. 181).

O termo enciclopédia, posteriormente, passa a ser usado para fazer referência às obras que reúnem as informações necessárias a este tipo de instrução e que apresenta, de forma sistemática, o conteúdo das várias artes e ciências. Nas enciclopédias encontram-se “o mundo classificado, diagnosticado, definido e explicado” (CAMPELLO, 2003, p. 9; CUNHA, 2010, p. 1). Da história da publicação da primeira edição tudo o que se pode inferir é que o texto da obra foi escrito por um grupo heterogêneo de autores unidos por um comprometimento comum com a tarefa e que seus luxuosos volumes *in-folio*² foram adquiridos por leitores abastados e aristocráticos dispersos pela Europa, além de ter sido extremamente lucrativa (DARNTON, 1996, p. 26).

Desde a Antiguidade existem trabalhos que abarcam a totalidade do conhecimento. Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) é chamado de pai da enciclopédia, pois o conjunto de sua obra, que contempla uma extensa gama de assuntos, é considerado um trabalho enciclopédico apesar de não ter sido escrito com essa intenção. Naquela época as obras com características enciclopédicas eram chamadas de dicionários. As enciclopédias, no início, eram “antologias que reuniam um número variado de temas, organizados de maneira sistemática (em grandes

¹ Pesquisadora Olga Pombo, da Faculdade de Ciências, na Universidade de Lisboa, disponibiliza conteúdo sobre história da enciclopédia em <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/>. Material digital acerca da produção acadêmica está disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/publicacoes%20opombo/textosolgapombo.htm>

² *In-folio* é a expressão usada após a dobradura do papiro (em rolos). Refere-se à folha de impressão dobrada ao meio que resulta em cadernos de quatro páginas.

assuntos)” (CAMPELLO, 2009, p. 9). Como não havia concordância quanto à melhor forma de ordenar logicamente o conhecimento, tal organização variava de obra para obra.

A concepção de enciclopédia é bastante modificada ao longo do tempo e essa evolução acompanhou as necessidades culturais e educacionais da sociedade (CAMPELLO, 2003 p. 9). “As primeiras enciclopédias destinavam-se a um público erudito, característica que pode ser observada principalmente nos trabalhos de autores gregos na Antiguidade” (CAMPELLO, 2003, p. 10). É com os escritores romanos, que continuaram durante a Idade Média, que as enciclopédias voltadas para o público leigo surgem (CAMPELLO, 2003, p. 10).

Na sua origem, as enciclopédias são consideradas – juntamente com a língua e a gramática – instrumentos para a busca da verdade e do conhecimento. É como explica Campello:

O título de uma das mais importantes enciclopédias, datada de 1244, - *Speculum Major* ou Grande Espelho – mostra a intenção do autor, o escritor Vincent de Beauvais (1190-1264), de que suas ideias fossem não apenas conhecidas, mas imitadas; a palavra espelho no título da obra dá a entender que a mesma apresentava o mundo como deveria ser. Essa concepção da enciclopédia, como instrumento para o aperfeiçoamento da humanidade, persistiu durante vários séculos (CAMPELLO, 2003, p. 10).

A enciclopédia, muito embora seja um produto do século XVII, tem suas raízes antigas e medievais. De Varrão a Plínio, das *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha ao *Speculum Majus* de Vincent de Beauvais, é possível falar de um enciclopedismo medieval e mesmo de um enciclopedismo romano (POMBO, 2006). Quanto à tradição enciclopédica chinesa, a mesma data do século III e, diferentemente da tradição clássica ocidental, foi contínua e intermitente. Só no período Ming, entre 1368 e 1644, são conhecidas 139 enciclopédias (BURKE, 2003, p. 157).

“O protótipo da moderna enciclopédia do mundo ocidental foi apresentado em 1704, na obra *Lexicon Technicum*, de John Harris (1666-1719)” (CUNHA, 2010, p. 1). “Nela havia uma compilação de artigos, organizados alfabeticamente, escritos por inúmeros especialistas e com uma copiosa bibliografia” (CUNHA, 2010, p. 1). O termo enciclopédia só veio aparecer no século XVI, com a publicação, em 1559, da obra denominada *Encyclopedia: Seu, Orbis Disciplinarum, Tam Sacratum Quam*

Prophanum Epistemon (Enciclopédia ou conhecimento do mundo das disciplinas tanto sagradas quanto profanas), do escritor alemão Paul Scalich (1534-1573) (CAMPELLO, 2003, p. 9).

É inevitável a imparcialidade na apresentação dos assuntos nas enciclopédias, por isso certo grau de tendenciosidade sempre ocorreu. Muitas delas refletem inclinações políticas e ideológicas de seus autores e editores e, por esse motivo, a censura a enciclopédias já ocorreu em diversas ocasiões e países (CAMPELLO, 2003, p. 10). A *Encyclopédie* ou *Dictionnaire Raisonée des Sciences, des Arts e des Métiers*, ou, simplesmente Enciclopédia, tal como ficou conhecida, é um exemplo.

Ligada ao Iluminismo – movimento que preconizava a divulgação ampla do saber – “pelos escândalos, perseguições e pela sobrevivência pura e simples” (DARNTON, 1996, p. 24-25), a “Enciclopédia passou a ser reconhecida, por amigos e inimigos, como a síntese de um grandioso movimento intelectual. E os homens que dela participaram ficaram conhecidos não meramente como colaboradores, mas como “enciclopedistas” (DARNTON, 1996, p. 25).

Horkheimer contextualiza a importância do movimento iluminista:

Desde sempre o Iluminismo, no sentido mais abrangente de um pensar que faz progressos, perseguiu o objetivo de livrar os homens do medo e de fazer deles senhores. [...] O programa do iluminismo era o de livrar o mundo do feitiço. Sua pretensão, a de dissolver os mitos e anular a imaginação, por meio do saber (HORKHEIMER, 1983, p. 89).

“A obra do enciclopedista inglês Ephraim Chambers (1680-1740), denominada *Cyclopaedia* ou *Universal Dictionary of Arts and Sciences*, publicada na Inglaterra em 1729, em dois volumes, foi que deu origem à Enciclopédia” (CAMPELLO, 2008, 10). Coube ao filósofo francês Denis Diderot (1713-1784) a coordenação da tarefa de revisão da tradução francesa. Diderot trabalhou com um grupo de cerca de 160 colaboradores. Destacam-se o filósofo e matemático Jean D’Alembert (1717-1783), que ficou responsável pelo prefácio e pelos verbetes sobre matemática, os filósofos Jean Jacques Rousseau (1712-1778), Etienne Bonnot de Condillac (1714-1780) e, também, Charles Montesquieu (1689-1755) (CAMPELLO, 2003, p. 11).

Darnton destaca a enciclopédia como registro de princípios filosóficos:

É importante salientar um fato fundamental que se tornou evidente para as autoridades francesas tão logo o primeiro volume da primeira edição chegou às mãos dos assinantes: a obra era perigosa. Não se tratava meramente de uma coleção, em ordem alfabética, de informações a respeito de tudo; a obra registrava o conhecimento segundo os princípios filosóficos expostos por D'Alembert no Discurso Preliminar. Embora reconhecesse formalmente a autoridade da Igreja, D'Alembert deixava claro que o conhecimento provinha dos sentidos, e não de Roma ou da Revelação (DARNTON, 1996, p. 17-18).

Diderot e D'Alembert apresentaram sua obra como uma coletânea de informações e um manifesto filosófico. Os dois procuraram difundir esses dois aspectos fazendo parecer “os dois lados de uma mesma moeda: o enciclopedismo” (DARNTON, 1996, p. 18). Os enciclopedistas identificaram sua filosofia com o Iluminismo, com o “conhecimento válido, aquele que deriva dos sentidos e das faculdades mentais, em oposição ao do tipo fornecido pela Igreja e pelo Estado” (DARNTON, 1996, p. 18).

Darnton ressalta que o “agente ordenador era a razão, que combinava as informações dos sentidos, trabalhando com as faculdades irmãs, memória e imaginação”. O autor ressalta:

A Enciclopédia defendia o argumento graficamente, com a gravura de uma árvore do conhecimento mostrando como todas as artes e ciências originavam-se das três faculdades mentais. A filosofia compunha o tronco da árvore, enquanto a teologia ocupava um tronco remoto, vizinho à necromancia. Diderot e D'Alembert haviam destronado a antiga rainha das ciências, reordenando o universo cognitivo e nele realocando o homem deixando a divindade do lado de fora (DARNTON, 1996, p. 18).

“A ligação da Enciclopédia com a Revolução Francesa é reconhecida por vários autores, pois seu conteúdo sintetizava os fundamentos ideológicos que serviram de base para o movimento” (CAMPELLO, 2008, p. 11). “Vários verbetes ridicularizavam a pompa e as pretensões da aristocracia”, explica Darnton (1996, p. 19). O elemento radical não residia em uma visão profética das distantes “revoluções francesa e industrial, mas em uma tentativa de mapear o mundo do conhecimento, segundo novas fronteiras, determinadas, única e exclusivamente pela razão” (DARNTON, 1996, p. 20).

Darnton (1996, p. 18-19) dá exemplos na relação entre verdade e conhecimento quando afirma que os leitores podiam perceber heresias menores disseminadas por toda a obra:

Encontrá-las tornava-se um jogo; não adiantava procurar nos lugares óbvios, pois ali os enciclopedistas tiveram de tomar o máximo cuidado com a censura, embora houvessem introduzido certa impiedade no verbete “CHRISTIANISME” (DARNTON, 1996, p. 18-19).

Segundo o mesmo autor, era melhor investigar em verbetes sem relação com o assunto perigoso, com títulos absurdos como ASCHARIOUNS e EPIDÉLIUS, em busca de observações dissimuladas. Darnton conta curiosidades na construção da enciclopédia:

Os enciclopedistas fantasiaram o papa com um quimono japonês antes de o ridicularizarem em SIAKO, disfarçaram a Eucaristia em exótico ritual pagão em YPAINI, metamorfosearam o Espírito Santo em um pássaro grotesco em AIGLE e fizeram a Encarnação parecer tão simplória quanto uma superstição sobre uma planta mágica em AGNUS SCYTHICUS. Ao mesmo tempo, apresentaram uma profusão de hindus, confucionistas, hotentores, estóicos, socinianos, deístas e ateístas, todos muito corretos e de espírito elevado, que, via de regra, parecia levar a melhor sobre os ortodoxos nas discussões, embora a ortodoxia sempre triunfasse no final graças a algum *non sequitur* ou à intervenção de autoridades eclesiásticas, como em UNITAIRES. Desse modo, os enciclopedistas estimulavam os leitores a buscar os significados nas entrelinhas e a prestar atenção nas mensagens de duplo sentido (DARNTON, 1996, p. 18-19).

Darnton também apresenta a relação entre os verbetes convencionais e contraditórios quando diz que o leitor aprendia a exercitar dessa maneira seu raciocínio, pois passava a descobrir irracionalidade em todas as esferas da vida, inclusive a social e a política. “A *Encyclopédie* dava ao Estado um tratamento mais respeitoso do que à Igreja, não contestando a supremacia das ordens privilegiadas” (DARNTON, 1996, p. 18-19). Darnton, no entanto, contextualiza que:

Em meio aos verbetes convencionais e por vezes contraditórios, o leitor atento podia deparar com muita insolência pelas grandes personalidades do mundo secular. Diderot parecia condicionar a autoridade do rei ao consentimento do povo em AUTORITÉ POLITIQUE, enquanto D’Holbach preconizava uma monarquia constitucional de tipo burguês em REPRÉSENTANTS; Rousseau

antecipava os argumentos radicais de seu Contrato Social em *ÉCONOMIE Morale et Politique*, e Jaucourt popularizava a teoria da lei natural em dezenas de verbetes que implicitamente contestavam a ideologia do absolutismo dos Bourbon. Vários verbetes ridicularizavam a pompa e as pretensões da aristocracia. (DARNTON, 1996, p. 18-19).

Não é por acaso que o “Século das Luzes” é o século da enciclopédia. Cem anos de ciência tornam, então, urgente, a construção da “ordem e encadeamento” (grifo do autor) dos conhecimentos humanos. Face à autonomia das disciplinas fundamentais, à cobertura integral que a ciência já fez da natureza (Física, Química, Biologia, Geologia) e à avassaladora massa de conhecimentos que se vão conquistando, o século XVIII pensa a unidade como um programa “autônomo, distinto da própria teoria da ciência, a partir da questão da organização dos conhecimentos, do catálogo dos saberes, numa palavra, da enciclopédia” (POMBO, 2006).

Lévy-Leblond comenta sobre o progresso após o aparecimento da Enciclopédia:

[...] a segunda metade do século XVIII verá certamente uma viva aceleração do desenvolvimento das técnicas. [...] É só bem no final do Século das Luzes, uma vez que estas já não estavam mais na moda, que a ciência vai alcançar e depois começar a guiar as técnicas com, por exemplo, a nova química de Lavoisier, Priestley etc., que fecundará rapidamente a indústria dos corantes, dos adubos – e dos explosivos. Aliás, foi nesse momento – o da Revolução Francesa mais precisamente, quando a burguesia industrial apodera-se do poder – que a vocação aplicada das ciências começará a se reafirmar com força (LÉVY-LEBLOND, 2009, p. 18-19).

Em relação às características das enciclopédias, a maioria delas foi produzida antes da invenção da imprensa (1442) e tinha arranjo metódico ou sistemático por grandes assuntos. Esse acomodamento diferia de obra para obra, a critério do autor, cada um escolhendo o que lhe parecia mais lógico. Essa diversidade na arrumação das enciclopédias continuou até 1620 quando o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) definiu o plano de sua obra *Instauratio Magna*, que colocou fim às controvérsias a respeito da classificação do conhecimento e forneceu as bases para a organização de muitas das enciclopédias publicadas posteriormente (CAMPELLO, 2003, p. 12; POMBO, 2006, p. 203).

Campello apresenta, a partir de Bacon, a divisão do conhecimento:

Bacon divide o conhecimento em três grandes classes: *natureza externa* (astronomia, meteorologia, geografia, minerais, vegetais e animais); *homem* (anatomia e fisiologia) e *ação do homem na natureza* (medicina, química, artes visuais, sentidos, emoções, intelecto, arquitetura, transporte, aritmética e outros assuntos). Mais do que delinear um plano para o arranjo de sua obra, Bacon conseguiu produzir um esquema da totalidade do conhecimento humano disponível na época, que funcionava como um *checklist*, evitando que se omitisse qualquer assunto na elaboração de trabalhos enciclopédicos. Esse sistema de classificação do conhecimento teve grande influência na qualidade da organização e do conteúdo das enciclopédias produzidas anteriormente (CAMPELLO, 2003, p. 12).

A disposição sistemática, aos poucos, cede lugar ao alfabético e uma das consequências dessa prática é o surgimento dos dicionários enciclopédicos caracterizados por verbetes curtos e ordenados alfabeticamente. Em 1674, com a publicação de *Le Grand Dictionnaire Historique*, pelo religioso francês Louis Moréri (1643-1680), fica estabelecida a preferência pela ordem alfabética que veio a facilitar a consulta e o reforço da função da enciclopédia como obra de referência (CUNHA, 2010; CAMPELLO; CALDEIRA, 2005; DIAS, 2000; DIAS; PIRES, 2005). Essa tendência coincide com a prática de utilização do vernáculo, que substitui o latim, língua que, até àquela época, era utilizada pelos autores das enciclopédias (CAMPELLO, 2003, p. 12).

Burke discorre sobre o aparecimento da ordem alfabética:

A ordem alfabética aparecera no século XI, numa enciclopédia bizantina conhecida como “Suidas”. Índices desse tipo eram usados pelos cisterciãos e outros no século XIII. A famosa biblioteca da abadia de Saint-Victor, em Paris, fora catalogada alfabeticamente no princípio do século XVI, enquanto Erasmo ordenava sua famosa coleção de provérbios, os *Adagia* (1500), da mesma forma. A *Biblioteca* (1545), de Gesner, arrolava os livros em ordem alfabética, e sua *História dos animais* (1551-) listava alfabeticamente os animais. O *Índex católico* dos livros proibidos seguia o mesmo critério. Até museus o seguiam: a coleção reunida pela família Farnese em sua grande casa em Caprarola, por exemplo, era guardada em gavetas ordenadas de A a N (BURKE, 2003, p.164).

As enciclopédias tratam metodicamente de todas as ciências e de todas as artes. Expõem uma informação imediata e oferecem uma orientação geral, ou seja, servem como ponto de partida para qualquer assunto que não conhecemos

(ALCARÁ, 2004). As enciclopédias possuem as seguintes funções: apresentar fatos essenciais (básicos) de maneira acessível; servir como ponto de partida para um estudo; recomendar leituras mais profundas e completas; responder a questões que frequentemente começam com as palavras: quem, que, qual, como e quando; dar informações de *background*. (ALCARÁ, 2004).

Classificam-se as enciclopédias em:

- **Gerais ou Universais:** tratam de todos os ramos do conhecimento, apresentando de forma concisa e facilmente acessível, informações gerais a respeito de tópicos dentro do assunto tratado pela enciclopédia.
- **Especializadas:** âmbito claramente definido, como por exemplo: física, psicologia, direito, tecnologia química e outras; o nível do tratamento do assunto costuma ser altamente técnico; os artigos são escritos por especialistas e geralmente assinados; a tendência desse tipo de enciclopédia é oferecer maior profundidade na informação e, em alguns casos, se destinar a um público restrito de especialistas e de profissionais.
- **Dicionários enciclopédicos:** em essência, apresentam a mesma estrutura das enciclopédias gerais, embora em alguns casos incluam termos comuns do vocabulário usual e ofereçam uma exposição breve e sintética de cada assunto, destinada aos usuários que necessitam de uma informação rápida e concisa (ALCARÁ, 2004).
- **Geográficas:** podem ser nacionais ou internacionais.
- **Temporais:** buscam fatos históricos ou contemporâneos (DIAS; PIRES, 2005, p. 29, grifo nosso).

Para Dias (2000) as obras de referência ou fontes de referência designam aquelas obras de uso pontual e recorrente. Para o autor uma das principais finalidades das fontes de referência é facilitar a localização da informação que se procura. Dentre os critérios possíveis para avaliação na seleção das obras de referência estão os aspectos intrínsecos e os aspectos extrínsecos. O primeiro está relacionado ao conteúdo. O segundo é referente à forma. Dos aspectos do conteúdo pode-se destacar o propósito (público e objetivo), o alcance/cobertura (área do conhecimento, idioma, editora), o ponto de vista, a frequência de atualização etc. Dos aspectos da forma podem-se destacar: a dimensão, o tipo de encadernação, a

qualidade do papel e da impressão, ao formato (bolso ou não) etc. Quanto à organização, estão a disposição, a organização e a utilização do acervo de referência.

Algumas bibliotecas possuem espaços separados para essas obras. Denomina-se de coleção de referências, sala de referência etc. Outras bibliotecas incorporam as obras no acervo geral. A organização, num todo, obedece ao mesmo sistema de classificação adotado em outras obras. No que tange à possibilidade de utilização, quando presencialmente, em muitos casos estas obras não são disponibilizadas para empréstimo domiciliar e possuem consulta somente no salão de leitura. Embora existam diversas possibilidades de disposição e utilização, comumente a coleção de referência é separada da coleção geral e não é emprestada (DIAS, 2000).

Até mesmo a própria *Encyclopedia* precisou de atualização e em pouco tempo surgiram rivais, entre elas a Enciclopédia Britânica (1768 em diante), o *Dictionnaire raisonné des connaissances humaines* (58 volumes, 1770-80) e a *Encyclopédie méthodique* (1782-91, que acabou chegando a 210 volumes) (BURKE, 2012, p. 319). Embora a totalidade numérica dos saberes seja almejada, sabe-se que isto não é possível. O que o enciclopedista busca apresentar, portanto, é um universo de “coisas a saber”, que projetaria no espaço uma leitura do mundo. “Tal como o cartógrafo, o enciclopedista delinearia um mapa, um mapa-múndi de saberes” (SCOTTA, 2009, p. 73).

Scotta destaca a enciclopédia como a construção discursiva de um todo:

Por conseguinte, não haveria na enciclopédia a apreensão de todos os saberes já formulados, mas sim a construção discursiva de um ‘todo’. A enciclopédia seria, pois, um conjunto fechado, delimitado e estruturado de saberes, como um ‘todo circular’, que se fecha sobre si mesmo (SCOTTA, 2009, p. 74).

Mesmo com as inovações trazidas pela Internet, a função da enciclopédia como repositório autorizado do conhecimento e como recurso educacional confiável ainda permanece. Acrescida de recursos possibilitados pelas inovações tecnológicas, a enciclopédia evolui e mantém seu espaço entre os variados recursos de informação atualmente disponíveis (CAMPELLO, 2008, p. 16-18). As enciclopédias, no entanto, são obras caras e a sua aquisição pode constituir-se em

uma dificuldade, isso sem falar na necessidade constante de atualização, seja com livros do ano ou com novas edições.

Uma das características da internet é o hipertexto e a hipermídia. O primeiro consiste na organização não linear da informação, armazenada em partes, trechos de textos, ligados através de *links*. E quando há a utilização dos recursos de som e imagem denomina-se hipermídia (ALCARÁ, 2004). É a tecnologia do hipertexto que traduz o ideal sempre buscado pelos editores de enciclopédias, que é o de possibilitar a máxima integração do conhecimento humano.

Essa possibilidade de exploração dos assuntos por meio da navegação mais fácil pelo conteúdo da enciclopédia é levada às últimas consequências pelo uso do hipertexto (CAMPELLO, 2003, p. 16). Este constitui, portanto, uma forma de representação e acesso à informação em que confluem vários meios de comunicação, que formam estruturas associadas e conectadas entre si, mediante relações semânticas.

Os dicionários e enciclopédias na internet caracterizam-se pelo uso de hipermídia e links internos e externos, que possibilitam o acesso a outras informações e fontes na rede que estejam relacionadas com o assunto, proporcionando uma leitura não linear (ALCARÁ, 2004). No caso das enciclopédias, que por sua natureza são obras que pretendem representar a realidade em todas as suas manifestações, a tecnologia tem permitido uma elevada aproximação dessa realidade, devido à inclusão de som e imagem em movimento à tradicional configuração de texto mais ilustrações, figuras, gravuras etc. “Mas a simples incorporação não seria revolucionária sem a existência do hipertexto que permite ao usuário navegar mais facilmente por meio do conteúdo das enciclopédias eletrônicas” (CAMPELLO, 2003, p. 16).

“As enciclopédias mais inovadoras vão efetivamente rejeitar tanto a estrutura alfabética contínua e homogênea, como a organização disciplinar, e adotar uma estrutura temática”, de acordo com Pombo (2013). A tendência é a redução do número das entradas, selecionando aquelas cuja pertinência, atualidade ou capacidade de irradiação justifique um tratamento alargado e compreensivo (POMBO, 2013).

Pombo atualiza o conceito de enciclopédia nos dias atuais:

Ontem, como hoje, a enciclopédia continua construída, se não com

base numa ideia de progresso perpétuo das luzes, pelo menos na de uma progressão exponencial dos conhecimentos. Já se não acredita no progresso ordenado e cumulativo do conhecimento científico, mas ninguém duvida que o crescimento dos conhecimentos seja cada vez mais exponencial. Nesse sentido, a enciclopédia aparece como uma das poucas tentativas de generalização e unificação do saber que, precária mas efectivamente, é levada a cabo. Talvez que o interesse renovado no movimento enciclopedista a que hoje se assiste tenha aí o seu fundamento (POMBO, 2013).

A enciclopédia serve para recordar que o conhecimento tem uma unidade: “revelando a não pertença a ninguém do universo do saber que é de todos, afirmando os valores do internacionalismo, hoje acrescido das determinações ecológicas da mundialização e globalização dos problemas” (POMBO, 2013). Ela [a enciclopédia] continua a manifestar, em virtude mesmo da sua natureza textual barroca, o sonho da unidade da ciência, como apresenta Pombo:

Unidade que não anula, antes reclama, a livre circulação entre os saberes. Unidade que suporta no seu interior a vertigem da *errância*, a heurística da *combinatória*, o risco da *deriva*, modelos de relação ao saber que a enciclopédia potencia porventura melhor que qualquer outra figura da Unidade da Ciência (POMBO, 2013).

As enciclopédias passam a ser revisadas, reescritas e reorganizadas para acompanhar o fluxo crescente de novas informações. A reforma das enciclopédias é entendida como resposta ou expressão de uma reforma mais ampla do conhecimento (BURKE, 2012, p. 319). “Só muito recentemente começaram, por exemplo, a ser estudados os efeitos do hipertexto na construção e comunicação do saber científico e na redefinição da estrutura colectiva da comunidade científica” (POMBO, 2006, p. 10).

O que acontece é que, surpreendentemente, o hipertexto se constitui como lugar de revelação de categorias e determinações textuais muito antigas, aponta Pombo:

[...] a questão da autoria, das práticas de escrita e de leitura, dos gêneros e formas literárias, da multiplicidade das leituras, da navegação num espaço múltiplo, da deriva, da não linearidade, da conectividade, da intertextualidade, da transtextualidade, da indeterminação dos limites ou da infinita abertura do texto (POMBO, 2006, p. 11).

A partir da década de 70, do século passado, começa a configurar-se a tendência para dotar a enciclopédia de um modelo estrutural mais capaz de conglomerar a dispersão informativa a que a enciclopédia está cada vez mais sujeita. Rejeitando tanto a organização disciplinar de raiz medieval como a estrutura alfabética que a modernidade inventou, as enciclopédias mais inovadoras - como a *Britannica*, a partir da sua 15ª edição (1973-1974), a *Universalis* (1968-1975) ou a *Einaudi* (1977-1984) – “vão substituir a exigência positivista de cobertura integral das disciplinas por uma estruturação temática, integradora e compreensiva, por um tratamento crítico dos temas transversais mais decisivos da contemporaneidade” (POMBO, 2006, p.12).

Os efeitos das novas tecnologias de informação, em destaque o hipertexto, são sentidos em todos os processos de criação, conservação e transmissão do saber. “Desde o *Memex*, de Vannevar Bush, em 1945, ao hipertexto, de Ted Nelson, em 1965, e, desde a fundação da “Arpanet“, em 1969, ao projeto da World Wide Web, por Tim Berners-Lee, nos finais dos anos 80” e a sua exponencial implementação, a partir de 1991, estes desenvolvimentos inscrevem-se de forma direta na história da enciclopédia (POMBO, 2006, p. 13).

Santarem Segundo (2012, p. 102) comenta sobre a implementação do hipertexto:

No momento histórico em que Berners-Lee, especialista em documentação eletrônica, implementa e viabiliza o hipertexto, ele cria e começa, consequentemente, o uso da World Wide Web. Inicia-se um processo que posteriormente vai introduzir a Internet como principal meio de comunicação do homem, alterando a forma de publicação científica, a comunicação mediática, o mundo do marketing, a relação das pessoas com as máquinas e naturalmente introduzindo a Internet nos estudos da Ciência da Informação, seja ela como objeto, como suporte ou como aparato tecnológico que permite criar e transformar conhecimento (SANTAREM SEGUNDO, 2012, p. 102).

O hipertexto, porém, veio muito antes de Berners-Lee. Paul Otlet, no contexto da Ciência da Informação, foi quem pensou em relações que interligassem documentos ainda no século XIX. Mas é somente em 1990 que Berners-Lee vence a dificuldade de implementar a ideia de hipertexto e no Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (CERN, Suíça) conduz a criação da linguagem HTML e do protocolo HTTP. Com o uso da Internet, une HTML e HTTP efetivando o uso de uma etiqueta (tag)

que caracteriza o link entre dois documentos ou dois pontos dentro de um mesmo documento, materializando, portanto, o hipertexto (SANTAREM SEGUNDO, 2012, p. 104).

Sabe-se que a enciclopédia é dominada pela ideia de cartografia. Diderot e D'Alembert, por exemplo, definiram com grande clareza as tarefas do enciclopedista: traçar uma espécie de mapa-mundo (não exatamente do mundo, mas do mundo da cultura - o *Système Figurè des Connaissances Humaines*) onde estivessem marcados, como se de países eles fossem, os diversos conhecimentos, a sua posição relativa, o caminho que vai de um a outro, os obstáculos que embargam esse caminho, os vazios, as zonas por explorar, onde fosse possível entrever as passagens secretas e as saídas. (POMBO, 2006, p. 14).

Pombo apresenta a enciclopédia e os elementos que a compõe:

Se a enciclopédia tinha como determinação constitutiva o aproveitamento semântico dos recursos diagramáticos da linguagem, se ela valorizava já os materiais linguísticos não lineares (gravuras, desenhos, ilustrações, mapas, cartas, atlas, tabelas, fotografias), se o fazia com finalidades nunca meramente decorativas e se, além disso, o fazia muitas vezes de forma massiva, intensiva, porventura excessiva (vejam-se os onze volumes de gravuras publicados entre 1767 e 1772 como complemento das mais de seiscentas que se encontram espalhadas ao longo dos 17 volumes da *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert), se a enciclopédia pode, por isso, ser pensada como o lugar monumental onde podem residir, em simultâneo, elementos textuais e imagéticos do saber, por seu lado, o hipertexto, na composição geométrica que essencialmente o caracteriza, opera uma exploração inaudita da fronteira entre imagem e palavra. (POMBO, 2006, p. 15).

O hipertexto transporta consigo novas experiências do tempo. Pombo (2006, p.15) não se refere só à potenciação da experiência de velocidade, de “instantaneidade, de efemeridade, ao triunfo do aqui e do agora que hoje perturba a nossa vontade de ruminar, que hoje coíbe a nossa nostalgia de um eterno e vagaroso regresso”. A autora não se remete só à dissolução da ideia de época numa atualização frenética e permanente, à mistura de textos de todos os estilos e de todos os tempos. Refere-se, na verdade, à articulação entre o tempo da conexão e o tempo da percepção que o hipertexto estabelece.

Pombo contextualiza o ponto de vista comparando o impresso com o digital:

No livro impresso, posso voltar atrás, à página 10 ou a página 23, ou a página 258. Mas, para isso, tenho que afastar o livro de mim, fazê-lo recuar; tenho que tomar o livro como um todo, como algo que me é estranho e que me transcende, e, aí, nessa exterioridade absoluta, localizar a página a que quero regressar. Pelo contrário, no hipertexto, a função *back* permite-me a reversibilidade das etapas que segui sem a necessidade de regresso ao todo que a minha leitura marcou, cadenciou, cindiu. Posso rever, recuperar os movimentos passados da minha própria leitura, apreendê-los naquilo que foi o meu percurso privado sem que, para isso, entre mim e a intimidade da minha leitura, o livro se erga na sua monumentalidade de desconhecido, na sua transcendente objectualidade (POMBO, 2006, p. 16).

É certo, portanto, que a proliferação dos conhecimentos científicos torna cada vez mais exigente e difícil a tarefa da enciclopédia. “Mas, por isso mesmo, torna-a também mais necessária que nunca” (POMBO, 2013). Não é mais, porém, o monge ou o teólogo da Idade Média, o humanista do século XVI, o filósofo iluminista, ou ainda uma equipe de especialistas que elaboram as “coisas a saber”. Neste “sítio significante” os saberes são postos em circulação por diferentes sujeitos que se encontram em diferentes lugares e momentos. (SCOTTA, 2009, p. 78). Numa enciclopédia não “está” o conhecimento da humanidade, pois conhecimento “não está”, sendo dinâmica interminável de desconstrução/reconstrução. “Está aí apenas a compilação dos processos estabilizados de produção do conhecimento, no fundo, já congelados como informação” (DEMO, 2009).

2.2 WIKIPÉDIA E O AMBIENTE DISCURSIVAMENTE EMANCIPATÓRIO

Como a Wikipédia é disponibilizada não somente para acesso em ambiente online, mas, nos dias atuais, também em aplicativos para dispositivos móveis, como em celulares, *tablets* e *smartphones*, é necessário distinguir dois conceitos que costumam gerar confusão na literatura: *web* e *internet*. Como lembra Figueiredo (2011, p. 49), *web* e *internet* não são palavras sinônimas “apesar de possuírem estreitas relações que resultaram em um novo mundo de possibilidades de pesquisa e comunicação não apenas para pesquisadores, mas útil para toda a sociedade”.

A internet é desenvolvida na década de 60 do século passado, nos Estados Unidos, por meio da *Advanced Research Projects* (ARPA). Criada em 1958 pelo Departamento de Defesa Norte Americano, a missão é mobilizar recursos de pesquisa, em particular para o mundo acadêmico com objetivo de alcançar

superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do Sputnik, primeiro satélite artificial da Terra, em 1957 (CASTELLS, 2003, p. 13; FIGUEIREDO, 2011, p. 49).

Em setembro de 1969, dentro do *Information Processing Techniques Office* (IPTO), que é um departamento da ARPA, é criado o *Arpanet*: uma rede de computadores que, para Castells (2003, p. 14), é justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar, on-line, tempo de computação. Anos mais tarde, agora em 1990, a *Arpanet* fica obsoleta e é retirada de operação, mas a base para o desenvolvimento da internet já está feita (FIGUEIREDO, 2011, p. 49).

A partir deste período a internet cresce rapidamente como uma rede global de computadores (CASTELLS, 2003, p. 15). A definição do termo *Internet*, porém, acontece somente em 24 de outubro de 1995, por meio de uma Resolução proferida pelo *Federal Networking Council* (FNC), feita de acordo com as lideranças da *Internet* e comunidades de direitos e propriedades intelectuais (FIGUEIREDO, 2011, p. 50).

Ao programador Tim Berners-Lee, no entanto, em 1990, é creditada a criação da *web*, ou *world wide web* (www). É considerada uma aplicação de compartilhamento de informação e de grande alcance global que contempla documentos de diferentes mídias capazes de serem acessados, produzidos, interligados e executados na internet (CASTELLS, 2003, p. 17). Para ocorrer a inserção e o compartilhamento de informações, Figueiredo (2011, p. 50) explica que é necessário um navegador da web e a conexão entre os computadores pela internet tornando-os, conseqüentemente, dependentes.

Considerando-se, hoje, uma divisão das nomenclaturas das “webs 1.0, 2.0 e 3.0”, Santaella (2013, p. 40-41) ressalta que esses termos começam a ser usados depois que a expressão “web 2.0” é apresentada por Tim O’Reilly para se referir a uma espécie de segunda geração de aplicativos, comunidades e serviços de que a web seria a grande plataforma. Embora tenha a conotação de uma nova versão para a Web, o termo não designa atualizações técnicas. Por isso existem críticos que não aceitam o termo, uma vez que muitos dos componentes tecnológicos da *Web 2.0* são os mesmos dos componentes tecnológicos da *Web 1.0*.

Gracioso e Saldanha (2010, p. 105) destacam que “nesse complexo virtual em que entrecruzam informações sistematizadas, não sistematizadas e

interativamente constituídas” é preciso mencionar os esforços de articulação semântica entre os conteúdos que têm sido estabelecidos pela programação computacional que se configura como *Web 3.0*:

A Web semântica, assim dizendo, se propõe organizar e relacionar conteúdos a partir das relações semânticas estabelecidas entre os conceitos (e seus respectivos significados) utilizados na composição dos conteúdos (sejam esses sistêmicos ou interativos). Seria o virtual, em plano semiótico, como analisado por Pierre Lévy, que permitiria codificar outras máquinas abstratas (no sentido de Deleuze). Esta virtualidade reescreveria o ambiente por meio de signos. [...] A *Web 3.0* teria como intuito minimizar esse esforço de discriminação de conteúdos demandados ao usuário da rede no momento em que proporia estabelecer interoperacionalmente dados sobre dados a partir de orientação semântica (GRACIOSO; SALDANHA, 2010, p. 105).

Longe de ser considerada uma “massa amorfa, a *web* articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista” (LÉVY, 2000, p. 154-155). É um território movediço, paradoxal, urdido por inúmeros mapas, todos diferentes, do próprio território. Na *web*, cada um dos indivíduos torna-se autor e proprietário de uma parcela do ciberespaço. Nela, “o autor ou proprietário coletivo toma corpo [...] e haverá lugar para toda a gente, todas as culturas, todas as singularidades, infinitamente” (LÉVY, 2000, p. 155).

O ciberespaço, caracterizado pelo escritor canadense William Gibson, em 1984, é:

Essa nova realidade do ciberespaço afeta, sem dúvida alguma, não apenas a vida, o trabalho, o lazer dos indivíduos em particular, mas também a comunicação entre as pessoas, a educação, a cultura, a política, numa palavra, a vida da sociedade como um todo. Isso por duas razões. Primeira: o acesso público às informações em rede pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas em geral. Segunda: as tecnologias digitais permitem novos tipos de controle das informações por parte de quem possui o poder econômico, político ou técnico-científico (SIEBENEICHLER, 2010, p. 12).

Na esteira do que Pierre Lévy apresenta no início do século XXI, passa a operar, a partir de 15 de janeiro de 2001, um dos maiores projetos de referência

editados colaborativamente em todo o mundo: a Wikipédia³. Parece, assim, iniciar a ideia proposta de Lévy para a web, que é a de “anunciar e realizar a unificação de todos os textos num só hipertexto, a fusão de todos os autores num só autor coletivo, múltiplo e contraditório” (LÉVY, 2000, p. 155). Para Santaella (2013, p. 93), “a história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas hoje mediadas pelas tecnologias digitais”.

Demo comenta e exemplifica o novo cenário:

Plataformas digitais como web 2.0, sendo potencialmente autorais, valorizam a perspectiva colaborativa, pela via da geração de conteúdo próprio interativo em blogs, wikis, moodle, redes sociais etc. Exemplo maior é a Wikipédia, uma enciclopédia pertinente e gratuita, feita a mil mãos, na qual a autoria individualizada não prepondera, em nome do processo coletivo de produção do conhecimento (DEMO, 2012, p. 96).

A *Wikimedia Foundation*, presidida por Jimmy Wales, que é co-criador da Wikipédia, surge, em 2003, como projeto complementar à *Nupedia* e passa abrigar o site, cuidar do servidor e do desenvolvimento do projeto de enciclopédia *online*. É importante lembrar, porém, que o acadêmico Larry Senger, que já desenvolvia a *Nupedia* - um projeto semelhante -, mas que tinha como premissa a correção e edição sumária dos artigos enviados, é quem assina a criação. A sede fica localizada em São Francisco, Estados Unidos da América (até 2007 sua sede era no estado da Flórida).

A fundação é uma entidade filantrópica cujo regulamento declara que seu propósito é o recolhimento de dados, o desenvolvimento de conteúdo educacional e divulgação de forma eficaz e global. O objetivo declarado da *Wikimedia Foundation* é desenvolver e manter conteúdo aberto, por meio de projetos baseados no sistema *wiki* e fornecer o conteúdo completo desses projetos ao público gratuitamente.

Como afirma Panciera, Halfaker e Terveen (2009, p. 512), a Wikipédia tem sido de interesse dos pesquisadores desde o surgimento em 2001. Gleick (2013, p. 382) compara a Wikipédia, em relação ao limite, com a biblioteca imaginária de Jorge Luís Borges, do conto *A biblioteca de Babel*, de 1941: “a biblioteca mítica que contém todos os livros, em todos os idiomas, livros de apologia e profecia, as

³ A Wikimedia Foundation Inc. possui a página, em diversas línguas, no endereço <http://wikimediafoundation.org>, e compartilha, de forma aberta, dados estatísticos da fundação.

escrituras e o comentário das escrituras e o comentário do comentário das escrituras, a história minuciosamente detalhada do futuro”.

Em meio aos grandes empreendimentos dos primórdios da internet, Gleick discorre:

[...] a Wikipédia não era uma empresa – não ganhava dinheiro, apenas gastava. Era sustentada por um fundo de caridade sem fins lucrativos criado para tal propósito. Na época em que chegou aos 50 milhões de usuários por dia, a folha de pagamento da fundação incluía dezoito pessoas, sendo uma na Alemanha, uma na Holanda e uma na Austrália, e um advogado, e todos os demais voluntários: os milhões de colaboradores, os milhares ou mais designados como “administradores” e, mantendo sempre uma presença próxima, o fundador Jimmy Wales, que se descreve como “líder espiritual”. Inicialmente, Wales não tinha planejado a entidade incompleta, caótica, diletantesca e amadora, livre para a participação de todos, que a Wikipédia logo se tornou. A aspirante à enciclopédia começou com uma equipe de especialistas, credenciais acadêmicas, verificação e revisão feitas por especialistas. Mas a ideia de wiki assumiu o controle, inelutavelmente (GLEICK, 2013, p. 389-390).

Além da Wikipédia, a fundação gera um dicionário multilíngue chamado Wikcionário, uma enciclopédia de citações chamada *Wikiquote*, um repositório de textos de fontes em qualquer língua chamado *Wikisource*, e uma coleção de textos, estilo livros, para estudantes (tais como: manuais e livros de domínio público) chamado *Wikibooks*. *Wikijunior* é um subprojeto do *Wikibooks* e é especializado em livros para crianças. Todos os projetos principais da *Wikimedia Foundation* são desenvolvidos colaborativamente por seus usuários por meio do software *MediaWiki*. O conteúdo é livre e distribuído sob a Atribuição-Compartilhamento pela mesma Licença 3.0 (exceto o Wikinotícias, licenciado sob o *Creative Commons Attribution 2.5*), o que significa que pode ser livremente usado, livremente editado, reproduzido e redistribuído, sujeito às restrições de tal licença.

Recorda-se que as primeiras enciclopédias constituíam trabalhos individuais e, portanto, por mais erudito que fosse seu autor, o trabalho refletia apenas seu próprio conhecimento. O crescimento e a especialização da ciência levaram à prática da constituição de comissões editoriais, transformando as enciclopédias em obras de autoria coletiva. É possível perceber, portanto, que a dinâmica editorial da enciclopédia foi se modificando lentamente ao longo dos anos. (CAMPELLO, 2008,

p. 15). “A democratização do conhecimento também atinge as enciclopédias, notadamente a Wikipédia online” (BURKE, 2012, p. 341).

A tecnologia eletrônica transforma as tradicionais enciclopédias impressas em produtos definitivamente ultrapassados, pelo menos para a faixa de usuários que utiliza o computador e tem acesso fácil às redes eletrônicas. Nesse sentido, a enciclopédia, que é um produto que conta com grande aceitação social, com um reconhecimento estético-formal instantâneo, passa a sofrer mudanças que podem ser caracterizadas por um novo paradigma similar ao ocorrido por ocasião da invenção da imprensa no século XVI (CAMPELLO, 2008, p. 15).

O advento de tecnologias digitais permite a criação de uma enciclopédia online, a Wikipédia, e que pode ser considerada como carro-chefe da ciência cidadã (BURKE, 2012, p. 341). Mais especificamente, considera-se neste trabalho a de conteúdo em língua portuguesa, formada por cidadãos dos seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Baseado na tecnologia *wiki*, o conteúdo da Wikipédia é produzido por meio de código aberto e de forma coletiva na internet. Distingue-se, ainda mais, por ser feita de “a partir de baixo” (grifo do autor) (BURKE, 2012, p. 342). O termo *wiki* é inventado, em março de 1995, pelo programador de computador norte-americano Ward Cunningham e desde este período é usado para os sites configurados no modelo de criação coletiva (JOHNSON, 2010, p. 18). Cunningham batiza sua criação de *Wiki* (do havaiano *wiki-wiki* = “rápido”, “veloz”, “célere”) por ser a primeira expressão havaiana que aprendeu quando um atendente do aeroporto recomendou, em sua primeira visita às ilhas, que pegasse os ônibus expressos “wiki wiki”, no Aeroporto de Honolulu (BLATMANN e SILVA, 2007, p. 201).

O sistema *Wiki*, diferentemente de outras páginas da Internet, permite que o conteúdo seja editado e atualizado pelos usuários, constantemente, sem haver a necessidade de autorização do autor da versão anterior. Este sistema permite corrigir erros e inserir novas informações, ou seja, ninguém é autor proprietário de nenhum texto e o seu conteúdo é atualizado devido à possibilidade de ser reformulado (BLATMANN e SILVA, 2007, p. 201). “Significa que não existe limite físico nem econômico para o número ou extensão dos artigos. Os bits são gratuitos” (GLEICK, 2013, p. 391).

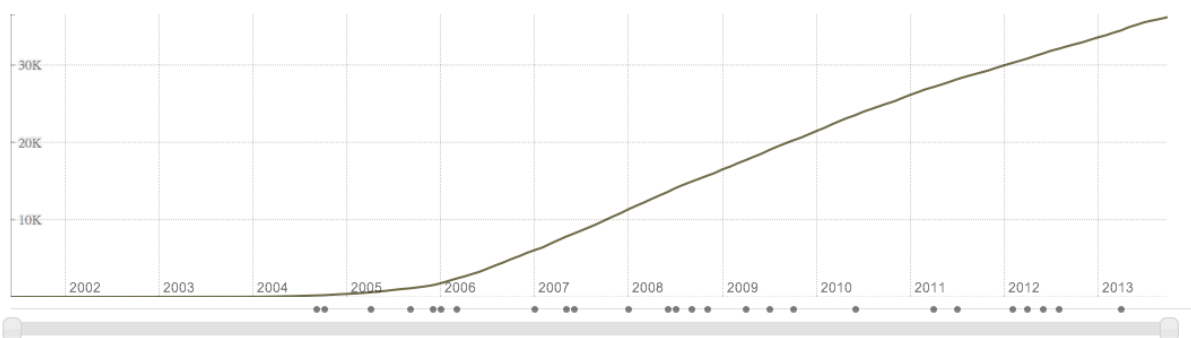
Disponível na web desde sua criação e chamado de *Portland Pattern Repository* (<http://www.c2.com>), Cunningham pretendia desenvolver um *site* no qual os próprios usuários pudessem gerar, gerenciar e disseminar conteúdos. Com o sucesso do sistema que desenvolveu, vários clones surgem como alternativa para a construção participativa de textos. Para Bauwens (2005) um número crescente de redes sociais, como os blogs e as *wikis*, facilita a emergência de processos entre pares (O Peer to Peer = P2P) por meio da criação de confiança e capital social e da criação de valor de uso sem o intermédio da produção ou distribuição feita por organizações com fins lucrativos.

Segundo a *Wikimedia Foundation*⁴, a Wikipédia é um dos cinco sites mais acessados no mundo com mais de 400 milhões de visitantes únicos por mês e este número representa 5% de toda a população mundial. A comunidade colaborativa é formada por voluntários (36.197, na Wikipédia em português, até a data de 10 de dezembro de 2013, conforme gráfico a seguir) que contribuem com artigos novos, edição de artigos existentes, sugestão de mudanças, formatação nos padrões de edição, inclusão de referências, ajuda a novos usuários, além de criação e inserção de imagens com objetivo de contribuir com um assunto em que é especialista. “A participação adquire formas altamente flexíveis e fragmentadas possibilitadas pelo voluntariado e a ideologia do commons” (AALTONEN; KALLINIKOS, 2013, p. 166).

Gráfico 1 – Linha do tempo com evolução do número de wikipedistas da Wikipédia em português

Linha do tempo

Tool Labs – Ferramentas para projetos lusófonos



Fonte: Ptwikis ([2013?]).

A Wikipédia não é apenas uma enciclopédia online multilíngue. Embora o site seja útil, popular e permita que praticamente qualquer pessoa contribua, é apenas o

⁴ Dados estatísticos retirados de WIKIMEDIA FOUNDATION ([2013?]).

artefato mais visível de uma comunidade ativa. “É uma comunidade e uma enciclopédia. E a enciclopédia, a qualquer momento no tempo, é simplesmente um instantâneo de conversação contínua da comunidade” (REAGLE JR, 2010, p. 2).

Alguns princípios básicos pelos quais a Wikipédia opera é sumarizada pelos editores na forma de cinco pilares: (i) é considerada uma enciclopédia; (ii) rege-se pela imparcialidade; (iii) é uma enciclopédia de conteúdo livre; (iv) possui normas de conduta e (v) não possui regras fixas. Ressalta-se, neste sentido, o que ela não é: enciclopédia de papel, dicionário, publicadora de pesquisas originais ou coleção de informação indiscriminada; anunciante, meio de promoção, blog, rede social, site de memórias; repositório de links, imagens ou arquivos de mídia; diretório, manual, guia ou periódico científico; democracia, burocracia, anarquia, campo de batalha ou site de hospedagem de páginas web, bola de cristal.

Os artigos da Wikipédia não são criados de uma vez só. Eles crescem ao longo de várias edições e muitas vezes feitas pela colaboração de diversos usuários diferentes. Um colaborador pode iniciar o artigo. Outro pode acrescentar mais textos e outro ainda pode reorganizar para deixá-lo mais fácil de ler. Ninguém é dono do artigo, mas muitas pessoas têm um zelo especial por aqueles nos quais investiram boa quantidade de tempo. Os colaboradores discutem como os artigos devem evoluir, avaliam a qualidade das fontes e estabelecem políticas editoriais. Essas páginas e discussões são abertas para análise pública detalhada, bem como os próprios artigos.

Há a premissa de que o debate entre muitos colaboradores com ideias diferentes sobre o mesmo assunto pode gerar como resultado o consenso. Tipicamente as discussões iniciam mais calorosas e participativas até se estabilizarem. Quando atingem o estágio menos dinâmico, o conteúdo é considerado como válido pela maioria do grupo, o que pode ser interpretado como consenso. O ideal de consenso é a força que move a sociedade e, na web, isso se manifestaria proporcionalmente, como explica Gracioso:

Ao mesmo tempo, se algum desvio a esse ideal é concebido, ele é formalizado no uso da linguagem e, segundo a concepção de Habermas, a partir de uma análise pragmática formal, é possível que essa ação social seja diagnosticada nesse uso da linguagem. O discurso, no ambiente virtual, também se manifestaria para restabelecer a validade comunicativa que foi rompida, caso não se esteja chegando a consensos, e esse discurso poderia ser analisado.

Desse modo, o discurso só se estabelece quando fica interrompido um processo comunicacional. Quando surge um impasse que impede o jogo, se sai desse e constitui-se outro (o discurso) (GRACIOSO, 2011, p. 113).

Rodas (2009, p.102) explica que cada artigo tem sua própria página de discussão. No topo de cada artigo há um link chamado “Discussão”. É possível clicar nele e visualizar a evolução do debate em cada criação de artigo. Como a produção é colaborativa e voluntária, a qualidade dos artigos varia imensamente. Como meta descrita no planejamento estratégico⁵ da *Wikimedia Foudation*, para o período que vai de 2011 a 2015, de todos os seus projetos, as prioridades são: estabilizar a infraestrutura, aumentar a participação, aprimorar a qualidade, aumentar a busca e incentivar a inovação. Benkler (2011, p. 104) acredita que algumas discussões são tão calorosas como as desenvolvidas frente a frente.

Sunstein (2006, p. 149) apresenta a ideia de que os *wikis* são democráticos no sentido de permitir que qualquer pessoa tenha poder de editar o conteúdo. A Wikipédia ainda possui projetos-irmãos, como *Wikispecies*⁶ (destinado aos cientistas e busca agregar as diferentes espécies), *Wikitionary*⁷ (dicionário e tesouro em diversas línguas), *Wikisource*⁸ (biblioteca livre, que possui um acervo digital de livros e textos fontes que estejam em domínio público ou possam ser usados livremente, de acordo com a licença Creative Commons), *Wikiquote*⁹ (coletânea de citações), Wikinotícias¹⁰ (fonte de notícias livres), *Wikisource*¹¹ (documentos originais livres), *Wikimedia Commons*¹² (imagens, sons e vídeos), Wikiversidade¹³ (centro ilimitado do aprender), *Wikidata*¹⁴ (base de dados livres), Wikilivros¹⁵ (livros didáticos e manuais livres), *Wikivoyage*¹⁶ (guia livre de viagem) e *Meta-wiki*¹⁷ (site sobre os vários projetos da *Wikimedia Foundation*).

⁵ Documento em PDF retirado de WIKIMEDIA FOUNDATION ([2013?]).

⁶ http://species.wikimedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

⁷ <http://www.wiktionary.org/>

⁸ http://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:P%C3%A1gina_principal

⁹ http://pt.wikiquote.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

¹⁰ http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

¹¹ http://pt.wikisource.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

¹² http://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=P%C3%A1gina_principal&uselang=pt

¹³ http://pt.wikiversity.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

¹⁴ http://www.wikidata.org/wiki/Wikidata:P%C3%A1gina_principal

¹⁵ http://pt.wikibooks.org/wiki/Wikilivros:P%C3%A1gina_principal

¹⁶ http://pt.wikivoyage.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

¹⁷ http://meta.wikimedia.org/wiki/Main_Page

Esses ambientes *wikis* levam os usuários passivos da web à condição de co-criadores de conteúdo. A sabedoria coletiva é explorada em contraposição à visão tradicional da especialização. Assim, a riqueza de conteúdo trazida pela diversidade das multidões substitui os modelos tradicionais de produção individual (RODAS, 2009, p. 102). Outros exemplos de *wikis* revelam casos curiosos de como a produção colaborativa contribui para o enriquecimento cultural e a formação política da sociedade. O *dKosopedia*¹⁸, conhecida como a “livre enciclopédia política”, oferece conteúdo sobre política. O projeto iniciou em abril de 2004. Lá é possível obter informações acerca da política mundial e o conteúdo é todo feito de forma colaborativa (SUNSTEIN, 2006, p. 160).

Na página *Wikia*¹⁹ é possível encontrar mais de 300 mil projetos *wiki*. Esta foi fundada por Angela Beesley e Jimmy Whales. O conceito surge quando Angela e Jimmy percebem que havia muitos tópicos que não se encaixavam em um modelo de enciclopédia tradicional, ou seja, cultura pop, jogos, entretenimento e estilos de vida. A *Wikia* convida pessoas para contribuírem com informações e opiniões sobre temas que conhecem bem e encoraja que indivíduos apaixonados sobre um determinado tópico possam criar o último recurso para isso. Estes podem se conectar com outras pessoas igualmente apaixonadas e passam a construir alguma coisa juntos. São mais de três milhões de usuários registrados, mais de 275 mil comunidades *wiki* e 50 milhões de visitantes mensais.

Com o propósito de promover o compartilhamento de informação sobre prevenção, diagnóstico, tratamento e demais informações sobre gripe, o projeto *Flu Wiki*²⁰ é encontrado não só em inglês, mas também em francês, espanhol e árabe. No site é possível encontrar dicas de saúde, vacinas e sintomas da doença. Tem-se, portanto, um novo cenário a respeito da informação de referência. Hoje esses ambientes *wiki* promovem o acesso a um conteúdo popularizado e produzido de forma colaborativa e voluntária.

Para Burke (2012, p. 342) essa inovação traz problemas, como, por exemplo, a interferência ou “vandalismo” para “apagar ou inserir comentários desfavoráveis sobre indivíduos ou instituições ou para acrescentar propagandas”. Por se sentir incomodado com a falta de respeito pelo conhecimento especializado da Wikipédia,

¹⁸ http://www.dkosopedia.com/wiki/Main_Page

¹⁹ http://www.wikia.com/The_Wikia_Story

²⁰ <http://www.fluwikie.com/>

Larry Sanger, um dos primeiros colaboradores de Wales, funda um projeto rival, organizado de cima para baixo, conhecido como *Citizendium*²¹.

O fluxo de informação e sua distribuição ampliada e equitativa têm sido um sonho de diversos pesquisadores e cientistas em diferentes épocas. Desde a escrita o homem vem passando por proezas tecnológicas que têm mudado sua visão e sua relação com o mundo da informação (BARRETO, 2008). Vannevar Bush ao publicar na revista *The Atlantic Monthly*, em 1945, o seu mais conhecido ensaio *As you may think*, consolida a descontinuidade da ideia dos clássicos processos de armazenagem e distribuição do grande volume de informação científica acumulado.

Para Bush, a informação científico-tecnológica não deveria estar restrita aos cientistas, mas, sim, alcançar o cidadão comum como forma de elevá-lo social e culturalmente. Parece, assim, que, hoje, a Wikipédia até seja considerada um projeto que consolida as ideias deste cientista norte-americano (AIGRAIN, 2003).

Tais mudanças no comportamento do usuário, do acesso e produção da informação acontecem devido às oportunidades surgidas com as tecnologias de informação e comunicação. Campello faz considerações sobre o novo cenário:

As mudanças causadas pela tecnologia têm sido tão abrangentes e inovadoras que até mesmo conceitos estabelecidos como canais informais e canais formais são questionados por alguns autores, que alegam já não ser possível distinguir com clareza as diferenças entre eles (CAMPELLO, 2000, p. 33).

Vivencia-se a emergência de um novo nível na economia da informação que pode ser chamado de economia da informação em rede. Este nível tem tomado o lugar da economia industrial de informação que tipificou a produção da informação da metade do século XIX e ao longo do XX. A economia da informação em rede caracteriza-se pela ação individual descentralizada e pela ação cooperativa distribuída por mecanismos não mercadológicos, que não depende de estratégias de propriedade, mas que têm um papel muito maior, ou deveriam ter, na economia industrial da informação (BENKLER, 2006, p. 3; LIMA; ROMAN; RÉGIS; DITTRICH; 2010, p. 103).

Benkler (2006, p. 400) afirma que a produção colaborativa emerge como “sistema técnico social, viável, para motivar e organizar as contribuições coletivas

²¹ <http://en.citizendium.org/>

humanas por outros meios que não sejam os contratos e a compensação do mercado”. A produção colaborativa é a realização de uma atividade voltada para o comum. As redes de produção colaborativa da sociedade atual têm características participativas e horizontais, entre produtores e usuários, que são diferentes das relações entre produtores, mediadores e consumidores do modo de desenvolvimento industrial do capitalismo.

As redes colaborativas levam a uma economia de produção da informação por meio de laços sociais entre cientistas ou cidadãos comuns. No ambiente da Wikipédia, sobretudo, vê-se como a participação promove, mais e mais, um compartilhamento de verbetes que, constantemente, sofrem alterações, acertos, inclusões etc. “Wikipédia é apresentada como uma nova/outra forma do conjunto dos saberes que estaria surgindo na contemporaneidade (SCOTTA, 2009, p. 71).

“Seriam a capacidade de memória praticamente ilimitada da *Web* e a abertura à edição colaborativa da Wikipédia que alimentariam o imaginário da “enciclopédia completa” (SCOTTA, 2009, p. 73). Em outras palavras, se antes os sujeitos concebiam estar diante do “saber total” porque a materialidade da enciclopédia limitava, no espaço e no tempo, sua extensão e seu campo de abrangência, fazendo com que estes tomassem as “coisas a saber” ali apresentadas como a “totalidade dos saberes” existentes, hoje tal interpretação estaria se delineando justamente pelo fato de a Wikipédia possibilitar que mais e mais saberes sejam disponibilizados a todo momento em seu escopo (SCOTTA, 2009, p. 75).

A Wikipédia conclama a sociedade em geral para produzir conhecimento. O progresso da Wikipédia elucida, com cores muito vivas, uma proposta de produção de “conhecimento mais visivelmente conturbada e criativa, em parte retomando um desiderato antigo da enciclopédia (reunir todo o conhecimento humano disponível), em parte refundando a epistemologia, tornada a ágora de acesso generalizado” (DEMO, 2009).

Scotta (2009) alerta que quando se atenta para a história do enciclopedismo, não é encontrada nenhuma obra que, tendo sido construída em tão pouco tempo, tenha tido tantas “coisas a saber” como a Wikipédia. Ao contrário, a formulação dos saberes, na maior parte dos casos, era um trabalho demorado, que exigia do enciclopedista um tempo para a elaboração e para a reflexão (SCOTTA, 2009, p. 77).

Scotta recorda a produção enciclopédica na época do Iluminismo:

No Iluminismo, quando foi produzida uma das mais célebres enciclopédias de todos os tempos, a ***Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers***, a elaboração dos seus vinte e oito volumes e setenta e dois mil artigos prolongou-se por vinte e um anos (SCOTTA, 2009, p. 77).

Encontra-se, ainda hoje, frente a uma elaboração dos saberes que não é a mesma da Wikipédia. Embora enciclopédias como a ***Britannica***²² (grifo do autor) e a ***Universalis*** (grifo do autor), por exemplo, atualizem seus conteúdos com mais frequência, o que geralmente ocorre são atualizações a cada um ou vários anos, e o número de novos verbetes ou de alterações é bastante reduzido (SCOTTA, 2009, P. 78). “No caso da Wikipédia há saberes que são mobilizados nas práticas e que dizem respeito à tentativa de conferir status científico aos conteúdos da enciclopédia” (HENGE, 2010, p. 2). Estudos independentes, publicados na revista *Nature*, mostram que na Wikipédia e na *Encyclopedia Britannica* os conteúdos são de qualidade comparável (YASSERI; SUMI; RUNG; HORNAI; KERTÉSZ, 2012, p. 1; FALLIS, 2008, p. 1666).

Tapscott explica o fato:

Quanto às imprecisões, as chamadas fontes especializadas talvez não tenham tanta razão para reivindicar autoridade quanto pensam. De fato, comparações desfavoráveis entre a Wikipédia e a Enciclopédia Britânica talvez não se baseiem em muitos fatos concretos. A análise comparativa da revista *Nature* de 42 verbetes científicos em ambas as fontes revelou uma diferença surpreendentemente pequena. A Wikipédia continha quatro imprecisões por verbete; a Britânica, três (TAPSCOTT, 2007, p. 98).

Pode-se afirmar que na Wikipédia, de fato, tem-se saberes estabelecidos por “práticas discursivas e que podem, ou não, atribuir-lhes caráter científico, mas que, de um modo ou de outro, são formados por esses elementos que compõem grupos de objetos” (que determinam o que vem a tornar-se tema de verbete), conjuntos de enunciações (que constroem no fio do discurso as definições ditas enciclopédicas), jogos de conceitos (que mobilizam discursos e se relacionam pelos *links*) e séries de

²² Como apontado por Gleick (2013, p. 393), na Wikipédia, em Inglês, há um verbete popular chamado “Erros da Encyclopaedia Britannica que foram corrigidos pela Wikipédia”. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Errors_in_the_Encyclopædia_Britannica_that_have_been_corrected_in_Wikipedia

escolhas (que regulam os posicionamentos e a permanência ou não de certos enunciados) (HENGE, 2010, p. 2).

A configuração colaborativa e distribuída na Wikipédia, como lembra Martins (2013, p. 96), levanta “questionamentos relativos ao processo autoral e à qualidade do que é publicado”. Como os textos são fruto de múltiplas intervenções é posto em xeque a forma tradicional de construção da legitimação da produção textual, que não passa pelo crivo das figuras tradicionalmente reconhecidas como portadoras de legitimidade para a produção de uma enciclopédia, pois não é baseada nas credenciais do escritor renomado ou do especialista (MARTINS, 2013, p. 96).

Henge (2010, p.2) conclui que acerca do conhecimento enquanto discurso que configura a Wikipédia, vê-se que ela [a Wikipédia] se caracteriza como enciclopédia por buscar abarcar “todo o conhecimento humano de forma imparcial” e “*on-line* uma vez que a internet em suas relações históricas com a formulação e a circulação dos saberes é seu suporte e o hipertexto sua materialidade discursiva” (HENGE, 2010, p.2). Em seu tom pós-moderno, a “Wikipédia consagra a noção preciosa de que uma ideia só pode ser “crítica”, se for plural. Ideia única, sendo “ideia fixa”, não passa de argumento de autoridade” (DEMO, 2009).

A popularização da produção, edição e publicação de informações por meio de “plataformas colaborativas baseadas na *world wide web* (www) tem provocado significativos impactos sobre os processos editoriais adotados por publicações tradicionais ou inauguradas a reboque do fenômeno da web 2.0²³” (D’ANDRÉA, 2009, p. 74). O gerenciamento da Wikipédia é especialmente complexo devido à necessidade de chegar a um consenso sobre o melhor formato e conteúdo para cada artigo (D’ANDRÉA, 2009, p. 76).

A *Web 2.0* ou *Web Pragmática*, como também é denominada, chama atenção para uma pragmática digital, conforme é denominado por Gracioso e Saldanha:

O conceito de Web pragmática, aqui indicado, tem sido analisado em diferentes frentes de estudo nos EUA como na Europa. Em 2006 foi lançado o manifesto da Web pragmática no qual se estabelecem tanto os aportes teóricos pragmáticos estudados quanto as metodologias de construção de instrumentos de análise e avaliação das práticas sociais,

²³ Web 2.0 é tratado aqui conforme postulam González de Gómez e Gracioso (2007b, p. 3): “[...] web que, cada vez mais, tem sido construída coletivamente a partir da interatividade, da articulação e da comunicação entre seus usuários [...]”.

comunicativas e interativas via internet, no contexto do que até então também se nomeia Web 2.0 (GRACIOSO; SALDANHA, 2010, p. 102-103).

A *Web 2.0* tem alavancado a Internet como um ambiente de compartilhamento de informações e permite que usuários comuns sejam, além de leitores, também produtores de informação na rede (SANTAREM SEGUNDO, 2012, p. 105). Redes sociais digitais, como Facebook, MySpace e outros surgem como plataformas capazes de permitir inserção de conteúdo pelos usuários e compartilhamento de informação (CORNODE; KRISHNAMURTHY, 2008).

Demo apresenta a Wikipédia nos planos individual e coletivo:

A Wikipédia congrega a dedicação de milhares de pessoas gratuitamente para editar textos sob a égide da liberdade de expressão. No plano individual, todos podem apresentar seu texto e/ou fazer mudanças nos textos existentes; no plano coletivo, nenhuma autoria individual é soberana, valendo o texto coletivamente urdido e sempre aberto (DEMO, 2009).

D'Andréa (2009, p. 77) “ressalta que cada uma das bases para a consolidação de uma comunidade virtual mais horizontalizada é o reconhecimento e valorização do engajamento dos usuários”. A lógica meritocrática de um site como a Wikipédia privilegia a dedicação do colaborador ao projeto, em detrimento de características tradicionalmente valorizadas, como a publicação de informações pessoais e a titulação formal do participante.

D'Andréa reflete sobre a lógica de produção a partir da página Discussão:

Acredita-se que um texto produzido em sistema wiki de publicação leva ao extremo a noção de texto como fruto de interações, uma vez que todo o seu processo de elaboração e leitura é resultado direto de uma “negociação” entre os usuários, sendo necessário, por exemplo, um “pacto” entre os envolvidos quanto à natureza instável e dinâmica do ambiente onde o trabalho se materializa. Esta relação fica clara, por exemplo, na página Discussão associada a cada texto wiki, que é um espaço para que os usuários debatam sobre o conteúdo e as tendências do texto e busquem um consenso sobre a melhor abordagem para o tema (D'ANDRÉA, 2009, p. 5).

A página Discussão promove um lugar para que as pessoas discutam ideias, argumentem sobre o conteúdo, estabeleçam as diferenças etc. São organizadas por tópicos a partir de títulos criados pelas próprias pessoas que abrem a discussão. A

fim de contribuir para um tópico específico, a página é editada inserindo-se comentários com *links* para outros temas em questão. A intensidade dos debates sobre um determinado tópico pode ser mensurada pelo número de edições feitas à página do assunto (GORGEON; SWANSON, 2011, p. 1925).

Web 2.0 representa uma mudança na proposta comunicacional dos sites, uma vez que se abrem espaços para que o usuário participe de grande parte do processo de construção do conteúdo, por meio da produção, publicação, edição, comentário, discussão e/ou votação de conteúdos. (D'ANDRÉA, 2009). Ao permitir que o usuário deixe de ser “apenas” (grifo do autor) um leitor ou alguém que escolhe os links que deseja clicar, um site *wiki* propõe um modelo de hipertexto que se baseia no rompimento dos limites entre autor e leitor, possibilitando uma nova relação baseada na colaboração e na negociação, através das quais fica explícito que o texto é fruto das relações, ainda que indiretas, estabelecidas pelos envolvidos. (D'ANDRÉA, 2009).

Demo, no entanto, ressalta, que na “chance incrível de construção de conhecimento a infinitas mãos”, pode haver disputas de poder:

A Wikipédia guarda uma utopia notável, maravilhosa, sensacional e que galvaniza milhões de contribuintes, mas vira utopismo, quando se apresenta como modelo cabal de enciclopédia ou ignora suas ambiguidades na construção e institucionalização do projeto. Longe de uma comunidade apenas orientada pela cooperação de boa fé, ela oferece o espetáculo dantesco de vandalismo insistente e de disputas dramáticas por poder, mostrando que rivalidades a constituem também (DEMO, 2009).

A utopia do texto aberto é uma visão das mais fascinantes da Wikipédia, pois para Demo (2009) “apanha em cheio a dinâmica disruptiva do conhecimento, que não é pacote, mera informação, coisa armazenada, mas gesto incessante de desconstrução e reconstrução”. Apanha igualmente a energia infindável e profunda, suave e forte, da autoridade do argumento que, ao apresentar-se, constitui uma “força sem força” (grifo do autor). É o tipo da autoridade não autoritária porque sua autoridade é de mérito do argumento mais bem fundamentado, tão bem fundamentado que pode sempre ser reconstruído. Inicialmente, pelo menos, “a Wikipédia tinha esta visão de seus textos: em progresso infindável, sem formato final, aberto à reconstrução de todos sem peias” (DEMO, 2009).

Na visão de Demo (2009), uma coisa é entender a enciclopédia como repositório do que já se fez – por isso, não cabe pesquisa original, mas compilar o que está disponível -, outra coisa é entender como referência de incessante reconstrução do conhecimento, na qual o repositório disponível é infinitamente recriado, como ele enfatiza aqui:

A Wikipédia seria uma fábrica em funcionamento 24 horas por dia, 365 dias por ano, não um mausoléu. Quando menos, isto desvela outra marca brilhante: os textos seriam atualizados naturalmente na própria dinâmica de sua reconstrução sem fim (DEMO, 2009).

Na contextualização do pensamento de Habermas aplicado ao argumento, Demo afirma:

Mas há outra maravilha: se todos os textos estão sempre abertos à reconstrução de todos, o texto que mais chance teria de merecer a atenção seria aquele mais bem argumentado, sem que daí decorresse qualquer formatação definitiva. Seria apenas menos provisório, porque daria melhor fundamentação. Considero esta face uma propriedade pedagógica inestimável, porque, como diria Habermas, na esfera pública democrática e eticamente estruturada, vale a “força sem força do melhor argumento” (grifo do autor) (1989). Como não cabe o argumento de autoridade, nem qualquer imposição autoritária, ser ouvido só poderia ser questão de mérito de quem se faz ouvir, não gritando, vociferando, agredindo, ofendendo, mas argumentando (DEMO, 2009).

Um dos traços mais atraentes da Wikipédia é a desconstrução da academia como dona da verdade e do método científico. No surgimento da era moderna (por volta do século XVI) a descoberta mais incisiva foi a da “autoridade do argumento” - o discurso científico se mantém, não pendurado em autoridades (por exemplo, religiosas, tradicionais, políticas), mas por força de sua argumentação (DEMO, 2009; BURKE, 2003). “E a argumentação começa sempre com um questionamento”, completa González de Gómez (2009b, p. 131).

A Wikipédia, para Demo (2009), não pretende desconstruir rigores formais ou formalização como método, mas satirizar a pretensão inatacável dos cientistas, em especial a venda fácil do argumento de autoridade como autoridade do argumento. O critério maior de cientificidade nessa enciclopédia é a “discutibilidade” dos textos em nome da **autoridade do argumento**. O exercício do aprimoramento das edições, desde que feito sob a égide da autoridade do argumento, é a dinâmica de

rara beleza pedagógica, porque não só promove a habilidade de produzir conhecimento, como promove, ainda mais, um estilo de cidadania capaz de negociar consensos aprimorados, ainda que nunca finais (DEMO, 2009, grifo nosso).

Em contrapartida, nas enciclopédias clássicas, sobre autoridade:

A enciclopédia, pela abrangência dos assuntos cobertos e pela complexidade de sua elaboração, apresenta autoria e responsabilidade compartilhadas entre os autores dos verbetes (ou colaboradores), o corpo editorial e a editora. A colaboração claramente identificada (verbetes assinados) constitui um indicador relevante da credibilidade da obra, bem como da origem de suas informações. A indicação da qualificação dos colaboradores e do corpo editorial é outro aspecto relevante, ao se analisar a obra (CAMPELLO; ANDRADE; MEDEIROS, 1993, p. 47-48).

Ao substituir a linearidade da escrita pela proliferação textual e imagética, obriga a nossa cultura a um decisivo afastamento relativamente aos padrões usuais da cultura visual tipográfica em que estávamos inseridos (POMBO, 2013). As pesquisas nacionais sobre dicionários e enciclopédias são mais voltadas para a questão terminológica (principalmente as que se referem aos dicionários), sendo assim, um estudo com abordagem focada no conteúdo e estrutura da fonte, configura-se em importante contribuição para a ciência da informação (ALCARÁ, 2004). Cabe dizer, sempre, é “que a Wikipédia não substitui outros formatos de enciclopédia” (DEMO, 2009).

3 REDES E CONTROVÉRSIAS

3.1 DINÂMICAS SOCIAIS DA CONTROVÉRSIA NA WIKIPÉDIA

Para entender as dinâmicas sociais das controvérsias na Wikipédia parte-se da indagação proposta por Latour (2011, p. 30) quando o mesmo pergunta: “O que acontece quando alguém não acredita numa sentença?” Latour (2011, p.11) propõe que se escolham as controvérsias como porta de entrada, mas que também é preciso acompanhar o modo como essas controvérsias se encerram. Segundo o autor, “a construção do fato é tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos” (LATOURE, 2011, p. 60).

Esteves e Cukierman esclarecem acerca da aplicabilidade da Teoria Ator-Rede (TAR) no entendimento de como tais controvérsias podem ser tratadas em ambiente sociotécnico:

Por ser capaz de descrever em sua complexidade o desenrolar das controvérsias da ciência, a Teoria Ator-Rede oferece uma perspectiva adequada também para descrever a forma como essas controvérsias são postas em cena num fórum sociotécnico por excelência – o espaço de escrita colaborativa da Wikipédia (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011).

“A TAR oferece uma perspectiva conceitual apropriada para descrever como pontos de vista divergentes estão sendo negociados para a construção do consenso” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011). Como sugere Latour (1987), de acordo com Demo (2012, p. 93), “o mundo das tecnologias também é feito de caixas-pretas, na linguagem da TAR”:

[...] quando muitas entidades são levadas a agir como uma só, quando são homogeneizadas de modo determinista numa superfície linear, quando dinâmicas são aprisionadas por estruturas forçadas, cria-se uma *caixa-preta*. A metáfora sugere que podem abrigar-se dentro dela um explosivo, a situação forçada não se mantém, apenas encobrendo dinâmicas ambíguas e rebeldes. Rastreando fios da meada entre atores humanos e não humanos que parecem unificados e soltos, pesquisadores na TAR desembrulham redes de alianças, muitas vezes redespertando controvérsias (DEMO, 2012, p. 93).

Latour (2011) expõe que “a expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexa demais”. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai. Por mais controvertida que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira (LATOUR, 2011, p. 4).

Latour afirma que:

Afora as pessoas que fazem ciência, que a estudam, que a defendem ou que se submetem a ela, felizmente existem algumas outras, com formação científica ou não, que abrem as caixas-pretas para que os leigos possam dar uma olhadela. Estas podem apresentar-se com vários nomes diferentes (historiadores da ciência e da tecnologia, economistas, sociólogos, professores de ciências, analistas de política científica, jornalistas, filósofos, cientistas e cidadãos interessados, antropólogos cognitivos ou psicólogos cognitivos), tendo na maioria das vezes em comum o interesse por algo que é genericamente rotulado “ciência, tecnologia e sociedade. (LATOUR, 2001, p. 24).

Demo contextualiza a TAR na construção não linear de fatos controversos:

A TAR, cuja referência maior tem sido Latour (2005), ao lado de Law (2005) e Callon (1999), é vista como projeto aberto e incompleto destinado a tomar como ponto de partida da realidade suas dinâmicas não lineares, ao contrário do positivismo, e que são as mesmas de todos os seres, apesar de especificidades em cada caso. A realidade é considerada uma malha infinda de redes de atores, postulando-se uma ontologia tipicamente complexa na qual todos os seres – humanos e não humanos – estão em pé de igualdade, interagindo incessantemente e, com isso, formando a realidade como entidade em evolução infinda (DEMO, 2012, p. 28).

Como a mobilização de textos que reforçam uma alegação científica ajuda a constituí-la como fato, uma afirmativa na Wikipédia é reforçada quando ratificada por uma fonte externa. A verificabilidade é um requisito fundamental para a inclusão de uma afirmação na Wikipédia. “Incluir uma referência é um meio de trazer à cena pesquisadores, políticos, órgãos de imprensa, ONGs e outros aliados que fortaleçam uma afirmativa” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012, p. 3).

“A resolução das controvérsias na ciência costuma envolver a decisão sobre o caso de uma entidade – um mineral, uma proteína, um fato histórico – existir ou não”. (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012). Como resultado da resolução de uma controvérsia, uma afirmação se torna um fato científico indiscutível e se estabiliza como uma caixa-preta, de acordo com Latour (1987). A estabilização dos fatos científicos configura a realidade e produz a impressão de que ela é definida, singular, independente do observador e anterior à observação (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012).

Alguns autores argumentam que uma controvérsia deve versar sobre alguma crença em torno da qual se abre um debate público – oral ou escrito – de argumentos e contra-argumentos, permitindo que qualquer pessoa, a qualquer momento, tendo acesso aos argumentos dos diferentes adversários, possa se envolver no debate. Outros, porém, defendem que qualquer fenômeno social é ou pode ser uma controvérsia, colocando em questão que a definição do termo se restrinja a uma “categoria lógica (possibilidade de proposições contrárias) ou cognitiva (existência de crenças contrárias) – o que não elimina, ao contrário, até amplia as possibilidades de participação” (PEDRO, 2010).

Latour fala de como deve ser o comportamento diante de uma caixa-preta:

Confrontados com uma caixa-preta, tomamos uma série de decisões. Pegamos? Rejeitamos? Reabrimos? Largamos por falta de interesse? Robustecemos a caixa-preta apropriando-nos dela sem discutir? Ou vamos transformá-la de tal modo que deixará de ser reconhecível? É isso o que acontece com as afirmações dos outros em nossas mãos, e com as nossas afirmações nas mãos dos outros (LATOUR, 2011, p. 42).

Para Esteves e Cukierman (2012), de acordo com as ferramentas conceituais da TAR, “a prevalência de um ponto de vista numa controvérsia pode ser entendida em termos do fortalecimento de uma rede sociotécnica de elementos que o sustentam”. Tais redes abarcam não só os pesquisadores e seus objetos de estudo, mas também órgãos de financiamento, instituições do governo, entidades químicas e biológicas e uma grande diversidade de atores humanos e não humanos. Nos ambientes sociotécnicos, “não há outra forma de definir um ator senão por meio de sua ação” (LATOUR, 1999, p. 122). “Em outras palavras, os atores não são

descritos em termos de quem são, mas do que fazem e do que fazem outros atores fazer” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012).

A TAR oferece uma perspectiva conceitual apropriada para descrever a negociação do consenso no ambiente de edição colaborativa da Wikipédia e permite investigar a forma como as controvérsias da ciência são postas em cena num espaço com critérios de autoridade próprios, diferentes dos da academia. (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012).

A TAR já foi adotada para descrever o funcionamento da Wikipédia. Destacando o papel dos *bots*, Niederer e Dijck (2010, p. 3), citados por Esteves e Cukierman, apresentaram-na como um ambiente em que “as contribuições de humanos e máquinas são partes complementares de um sistema sociotécnico que está no âmago de muitas plataformas da web 2.0” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012, p. 3).

Ao abordar o problema da verdade das alegações científicas, Latour (1987 e 1989) propõe que facticidade e ficcionalidade não são propriedades intrínsecas de uma afirmativa, mas dependem de seu destino nas mãos de outros atores. “O destino das coisas que dizemos e fazemos está nas mãos de quem as usar depois” (LATOUR, 2011, p. 42).

Se essa proposição vai ou não se consolidar como fato científico depende do que será feito dela quando em mãos de outros atores. Da mesma forma, podemos avaliar a negociação do consenso nos artigos da Wikipédia em termos da permanência de uma afirmativa. Se a “realidade [...] é o que resiste”, como postula Latour (1987, p.93), a estabilização de um verbete pode ser entendida nos termos da resistência de suas proposições às intervenções dos wikipedistas (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011; 2012).

Bem depressa a controvérsia torna-se tão complexa quanto à corrida armamentista: mísseis (argumentos) têm a oposição de mísseis antibalísticos (contra-argumentos), que, por sua vez, são contra-atacados por outras armas mais aperfeiçoadas (argumentos) (LATOUR, 2011, p. 38). O status de uma afirmação depende das afirmações ulteriores. Para Latour (2011), seu grau de certeza aumenta ou diminui, dependendo da sentença seguinte que a retomar; essa atribuição retrospectiva se repete na nova sentença, que, por sua vez, poderá ser tornada mais fato ou mais ficção por força de uma terceira, e assim por diante (LATOUR, 2011, p. 40).

“Não devemos procurar as qualidades intrínsecas de qualquer afirmação, mas, sim, todas as transformações por que ela passa mais tarde em mãos alheias” (LATOUR, 2011, p. 88-89). Afinal, “quando uma disputa oral fica acalorada demais, os discordantes, pressionados, logo farão alusão ao que outras pessoas escreveram ou disseram” (LATOUR, 2011, p. 45). Um ator-rede é rastreado sempre que se toma a decisão de substituir atores de qualquer tamanho por sítios e locais conectados, em vez de inseri-los no micro e no macro.

As duas partes são essenciais, daí o hífen, explica Latour:

A primeira parte (o ator) revela o minguado espaço em que todos os grandiosos ingredientes do mundo começam a ser incubados; a segunda (a rede) explica por quais veículos, traços, trilhas e tipos de informação o mundo é colocado dentro desses lugares e depois, uma vez transformado ali, expelido de dentro de suas estreitas paredes. Eis por que a “rede” com hífen não está aí como presença sub-reptícia do Contexto, e sim como aquilo que conecta os atores (LATOUR, 2012, p. 260).

Em outras palavras, Freire interpreta que a utilização do hífen entre os termos ator e rede busca demarcar a intenção de seguir a circulação das entidades micro e macro, tomando o ator e rede como duas faces do mesmo fenômeno:

Entretanto, o par ator-rede, incluindo o hífen, é para Latour insuficiente para dar conta da ação que se distribui em rede, dos processos de fabricação do mundo, por ser muitas vezes tomado como o par indivíduo-sociedade. De todo modo, o que na TAR está sendo designado por “rede” refere-se muito mais ao modo de descrever esse movimento circulatório do que a caracterizar seus elementos (FREIRE, 2006, p. 56).

“Há um ponto nas discussões orais em que invocar outros textos não é suficiente para levar o oponente a mudar de opinião” (LATOUR, 2011). O próprio texto deve ser apresentado e lido. O número de amigos externos com que o texto vem acompanhado é uma boa indicação de sua força, mas há um sinal mais seguro: as referências a outros documentos. A presença ou ausência de referências, citações e notas de rodapé é um sinal tão importante de que o documento é ou não sério que um fato pode ser transformado em ficção ou uma ficção em fato apenas com o acréscimo ou a subtração de referências (LATOUR, 2011, p. 48).

Com a TAR, as controvérsias científicas são descritas como um jogo de assimetrias entre elementos humanos e não humanos das redes nas quais se faz a

ciência – uma malha de indivíduos, máquinas, objetos, instituições, construções discursivas. A preponderância de um determinado grupo de alegações sobre a natureza em relação a outro se explica em termos da força, coesão e amplitude de sua rede. O conceito de verdade não mais dá conta de explicar o triunfo de um ponto de vista: é preciso mostrar como as alegações conquistam adesões e se cristalizam como fatos. Elas se naturalizam, fecha-se o que se parece com uma caixa-preta e apaga-se o árduo trabalho de convencimento operado para a consolidação daquele fato (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011).

A Wikipédia é, portanto, um espaço de discussão (LANIADO; TASSO; VOLKOVICH; KALTENBRUNNER, 2011, p. 1) tipicamente sociotécnico, regido por uma dinâmica própria e no qual interagem atores com diferentes graus de poder. É nesse fórum que as controvérsias científicas serão novamente postas em cena em vários verbetes à medida que os usuários acrescentam e removem alegações. Nesse ambiente, a voz dos diferentes atores tem peso distinto, mas o critério que rege a hierarquia é próprio desse fórum. Titulação, vínculo institucional e outros fatores que dão força a um ator na rede científica em que ele se insere não têm efeito na Wikipédia. O que confere força é o envolvimento com o próprio projeto: “o usuário com número suficientemente grande de contribuições torna-se elegível para postular o cargo de administrador a partir do julgamento feito entre os demais usuários” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011).

A TAR é, nesse sentido, uma ferramenta adequada para descrever a negociação de pontos de vista na construção colaborativa dos verbetes. [...] “Postulamos que as reversões e bloqueios – dois tipos de eventos facilmente identificáveis no histórico – podem servir como indicadores da manifestação da controvérsia, por se tratar de eventos que evidenciam um choque de pontos de vista” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2011). Afinal, “um dos principais problemas é interessar alguém o suficiente para chegar a ser lido; em comparação com este, o problema de ser acreditado é, digamos, de menos” (LATOUR, 2011, p. 60).

Pedro e Nobre consideram que a TAR:

[...] apresenta um olhar voltado para as práticas cotidianas a envolver ciência, tecnologia e sociedade. Temos amarrações de humanos e não-humanos – que, por sua vez, são também mais amarrações - configurando, portanto, um emaranhado de redes que fragmentam qualquer solidez em microconexões ou desconexões. Tal emaranhado nos possibilita pensar não mais em termos de unidade,

mas a partir de um dinamismo processual e sempre constante de associações. (PEDRO; NOBRE, 2013, p. 48).

Pedro (2008) argumenta que pensar as redes implica também pensar com a rede. Para isso a autora considera como possibilidade pensar a cartografia de controvérsias (LATOUR, 2005) como um método “que apresenta grande afinidade com aspectos que parecem singularizar as redes, tais como complexidade, fluidez, heterogeneidade”. A mesma ainda explica que a noção de **tradução** é o conceito-chave para este método, pois designa a apropriação singular que cada ator faz da rede e na rede (PEDRO, 2008, grifo do autor). “A multiplicidade das traduções pode encontrar nas controvérsias uma oportunidade de expressão que o método da cartografia permitiria delinear” (LATOUR, 2012, p. 160-161).

Santaella (2013, p. 98) considera que o conceito de tradução opõe-se à ideia simples de transporte. Tradução é o lugar de nascimento da TAR e rede é aquilo que é rastreado por essas traduções e que faz proliferar os mediadores. “O significado especializado de *tradução* é, portanto, uma relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores a coexistirem” (SANTAELLA, 2013, p. 98-99).

Cartografar as controvérsias, portanto, aproxima-se do que propõe Latour (2000) como principal diretriz metodológica para o estudo prático das redes, que é “seguir os atores”, pois possibilita apreender a rede “tal como ela se faz” (PEDRO, 2008). Para a autora, seguir os atores é acompanhar suas ações e suas práticas por meio da evidenciação da relevância da cartografia de controvérsias. “Ao longo das controvérsias, os atores envolvidos interagem e constituem alianças que se configuram como pequenas redes, locais e transitórias, em nome das quais passam a falar” (PEDRO, 2005).

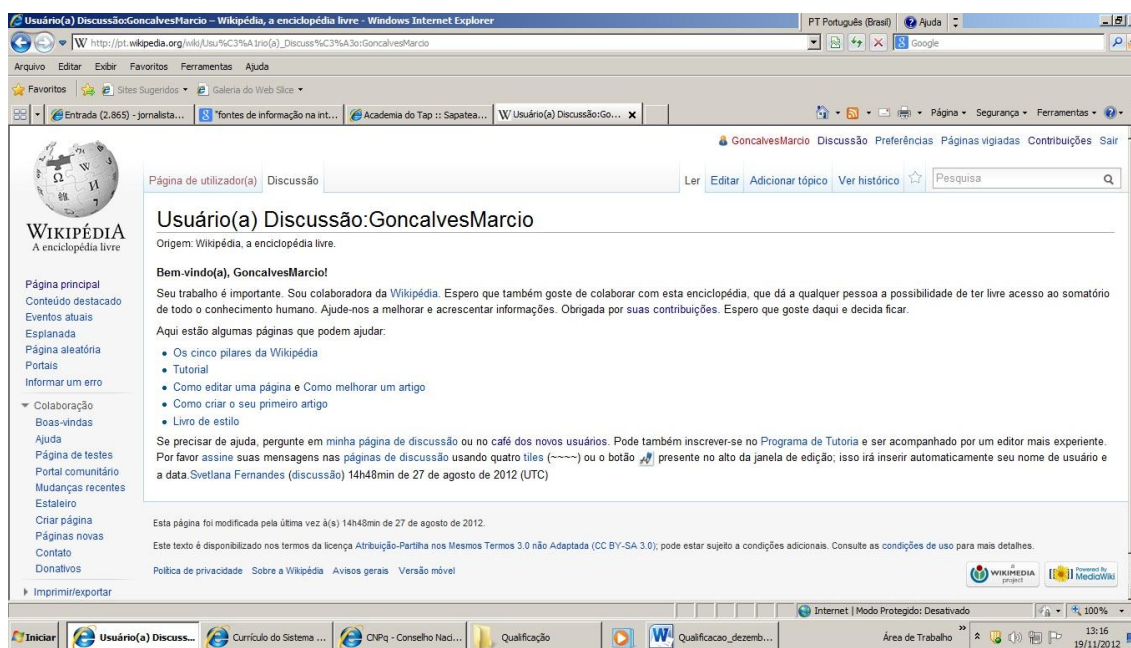
As tecnologias da informação permitem rastrear as associações de um modo antes impensável, além de acompanhar o trabalho de construção do ator (LATOUR, 2012, p. 300). “Não porque subvertam a velha sociedade “humana” concreta, transformando-nos em *cyborgs* formais ou “pós-humanos” fanstasmagóricos; o motivo é exatamente o oposto: tornam visível o que antes só existia virtualmente”, esclarece Latour (2012, p. 298). “Cartografar as controvérsias refere-se, assim, a uma versão didática da TAR que Latour desenvolve para treinar estudantes a investigar os debates sociotécnicos contemporâneos” (SANTAELLA, 2013, p. 99).

3.2 VISUALIZAÇÃO DAS REDES E DOS CONFLITOS

O estudo da dinâmica social a partir de opiniões, conflitos e consenso na Wikipédia tem despertado interesse na comunidade acadêmica como demonstrado nas pesquisas de Török, Iñiguez, Yasseri, San Miguel, Kaski e Kertész (2013, p. 1-5), Yasseri; Spoerri; Graham e Kertész (2014) e Yasseri; Sumi; Rung; Hornai, Kertész (2012). Nessa pesquisa, parte-se de uma análise das mensagens trocadas, no ambiente *online* denominado “Discussão”, entre os colaboradores da Wikipédia em português que discutem a construção dos 1000 artigos mais importantes que toda Wikipédia deve ter. Uma lista complementar voltada especificamente para os interesses da versão em português está em construção e, como consta na página de abertura na Wikipédia, qualquer um está livre para opinar.

Conhecidos como editores ou “Wikipedistas”, os usuários cadastrados no sistema mantêm contato quando acessam a página *wiki* por meio de *login* individual (Ver figura seguinte). O contato também é mantido por meio da discussão no que se denomina Café. Entre as categorias criadas, segundo denominação da própria Wikipédia, estão Café dos novatos; Café dos categorizadores; Café dos tradutores; Café dos administradores; Café dos mediadores; Café dos burocratas; Coordenação robótica; Café dos programadores; Café do OTRS; Café dos eliminadores; Café dos salvadores e Contato/Fale com a Wikipédia.

Figura 1 - Reprodução da página de login da Wikipédia



Fonte: WIKIPEDIA (2012).

A Wikipédia não é organizada em grupos isolados que contribuem com conteúdos específicos. Todos os interagentes do ambiente pertencem a uma grande comunidade e são capazes de intervir em diversos artigos. Modificações recentes na dinâmica de gerenciamento adicionaram aspectos de hierarquia ao ambiente digital, pois antes o trabalho acontecia por meio de auto-organização. Insere-se, portanto, a partir de agora, processos de meritocracia, privilegiando escalas de acordo com o grau de consistência das intervenções realizadas, além da reputação adquirida perante à comunidade de “wikipedistas” (CAMPOS, 2010, p. 140-141).

A Wikipédia em português, Wikipédia em língua portuguesa ou Wikipédia lusófona é fundada em 11 de maio de 2001. Simultaneamente com outras línguas é a terceira edição da Wikipédia a ser criada. Em 2005 há uma proposta de dividir a Wikipédia nesta língua e criar uma versão em português brasileiro. A comunidade ligada à *Wikimedia*, porém, não aceita. Dois anos depois nova proposta surge para criar a Wikipédia em português europeu, mas esta também é recusada. Em finais de 2009, aparece nova proposta para se ter uma Wikipédia com português do Brasil, mas é novamente recusada e desta vez segundo as novas políticas para propor projetos em outras línguas.

Desde o final de 2004 cresce exponencialmente o número de verbetes na versão em português. No fechamento dessa pesquisa são contados exatos

801.035²⁴ artigos tornando-a a décima segunda colocada em número de verbetes quando comparada com as versões em outras línguas. Desde a criação até 31 de outubro de 2012, as origens das edições correspondem a 81,3% do Brasil, 13,3% de Portugal, 0,6% da Alemanha, 0,5% dos Estados Unidos e 4,3% de outros países. De acordo com dados atualizados de julho de 2013 tem 39 administradores e contém mais de 1 milhão de usuários registrados e, entre esses, cerca de 5 mil são ativos.

A Wikipédia em português²⁵ é composta de falantes dos diversos países e territórios lusófonos (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste). Nesta versão, ficam estabelecidas algumas regras de participação: (i) Os artigos devem respeitar as normas do português culto e formal; (ii) Regionalismos, africanismos, brasileirismos ou lusismos devem ser evitados a fim de não criar obstáculos à compreensão do texto por parte de um falante de português de outra região ou país; (iii) Os artigos devem apresentar ortografia a mais homogênea possível; (iv) Os artigos com forte afinidade a um dado país lusófono devem ser redigidos na variante da língua em uso nesse país.

Com objetivo de complementar uma lista que discute a reunião dos 1000 artigos mais importantes que toda Wikipédia deve ter e que tem o intuito de conter os assuntos mais relevantes mundialmente, uma lista complementar (ver todos os verbetes sugeridos no anexo), que é o recorte em questão, voltado especificamente para os interesses lusófonos, é criada a **Lista dos 1000 artigos essenciais** (em português). Para representação do tipo de rede criada com os wikipedistas envolvidos na discussão, com auxílio do software Pajek, chega-se, conforme é mostrado a seguir, ao esquema de uma rede *small world* ou mundo pequeno. Para Kadushin (2012, p. 108), na rede de mundo pequeno os indivíduos têm preferência pela formação de laços com aqueles que já ocupam uma posição central na rede (RjClaudio é o exemplo).

²⁴ Números tirados de um contador disponível no canto superior direito da página oficial da versão em português:

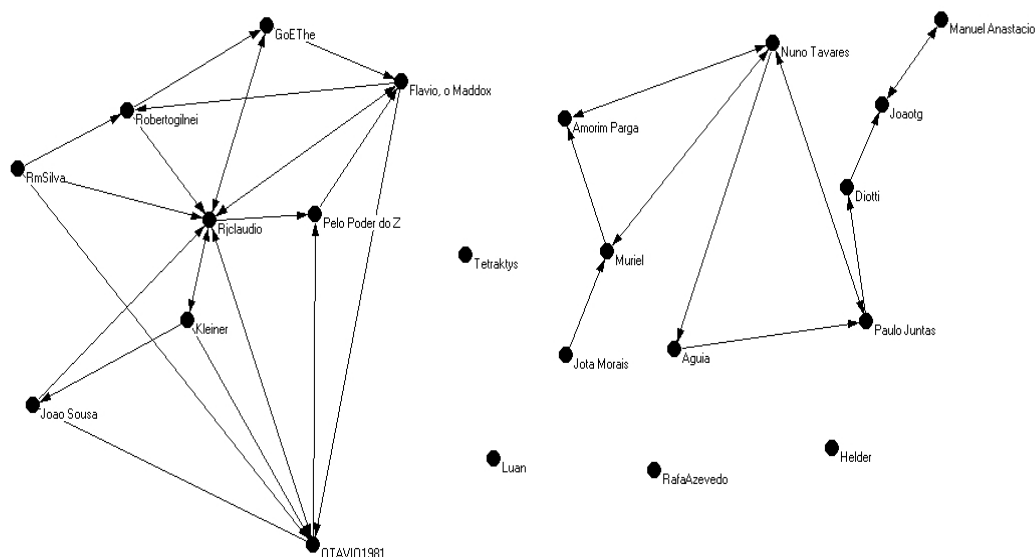
http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal

²⁵ No Facebook os atores que contribuem para o crescimento da Wikipédia em português encontram-se para debates no endereço:

<https://www.facebook.com/groups/grupowikipediapt/> e no

<https://www.facebook.com/groups/contribuawikipedia>

Gráfico 2 – Grafo das redes de wikipedistas que participam da construção da lista em questão.



Fonte: O autor.

De acordo com a literatura da ARS, disponível no quadro a seguir, percebe-se, a partir deste sociograma, que os atores envolvidos na discussão possuem um laço relacional razoavelmente fraco. Isto não impede, porém, que as discussões apresentem controvérsias.

Quadro 1 – Medidas de ARS atribuídas aos atores

Medidas atribuídas aos atores	
Grau	Número de ligações diretas com outros atores.
Grau de entrada	Número de ligações direcionais que um ator recebe.
Grau de saída	Número de ligações direcionais de um ator para outros.
Proximidade	Medida que indica o quão um ator está próximo ou pode alcançar outros atores na rede.
Intermediação	Medida do quão um ator exerce papel de mediador ou está entre dois atores em um caminho mais curto.
Centralidade	Medida do quão central um determinado ator está na rede.
Prestígio	Semelhante à centralidade, porém é baseado em relações direcionais.
Ponte	Ator que é membro de dois ou mais grupos.
Gatekeeper	Ator que media ou controla o fluxo entre uma parte da rede e outra.
Isolado	Ator que não possui relações ou poucas relações com outros atores.

Fonte: Reproduzido e adaptado de Sousa (2007, p. 139).

Nesse tipo de discussão, para entender o nível dos debates internos (todos ficam disponíveis para a participação de qualquer usuário logado no sistema) é preciso debruçar-se nas negociações de consenso travadas entre os usuários por meio da página de discussão. Os atores listados no esquema de redes anteriormente apresentado são os que negociam conversas ao longo da criação da proposta de se pensar uma lista dos 1000 artigos essenciais à Wikipédia em português.

Na Wikipédia qualquer leitor com acesso à internet²⁶ pode acrescentar ou retirar informações de um verbete, independente de qual seja a instrução formal, titulação ou vínculo à academia. Para a edição dos verbetes o relacionamento entre os usuários logados (ou não) é regido por uma série de normas e princípios editoriais. Os usuários são organizados em categorias definidas em função do grau de acesso às ferramentas do sistema. Quem não está logado é identificado pelo número do IP da máquina que faz o acesso. Os que estão logados são identificados pelo nome de usuário registrado no cadastro (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012).

Há uma diversidade de cargos no ecossistema da Wikipédia. Entre os grupos de usuários, a partir do grau de envolvimento nas atividades, os mesmos são eleitos para ocupar cargos com funções variadas, como usuários anônimos, usuários novos, autoconfirmados, usuários com endereço eletrônico confirmado, robôs, autorrevisores, reversores, isentos de bloqueio de IP, eliminadores, administradores, burocratas, verificadores, oversighters, Stewards e desenvolvedores. Quanto à classificação dos robôs - ou *bots* – estes “são ferramentas computacionais programadas por humanos que realizam tarefas autônomas, como combater vandalismos ou criar links entre artigos equivalentes nas diferentes versões da Wikipédia” (ESTEVES; CUKIERMAN, 2012; LOVELAND; REAGLE, 2013, p. 4).

Na Wikipédia em português, a discussão da composição da lista dos 1000 artigos essenciais para a versão nesta língua origina-se a partir de outra lista criada na Wikipédia em inglês²⁷ cujo objetivo é listar os artigos que toda Wikipédia deve ter. Cabe aqui, portanto, a análise qualitativa da discussão que é desenvolvida entre os usuários da lista da versão em português.

Na página do projeto dessa lista encontra-se a seguinte descrição:

Com o objetivo de complementar a **Wikipédia: Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter**, que reúne os mil artigos mais importantes que toda Wikipédia deve ter, reunindo assim os assuntos mais relevantes mundialmente, foi feita esta lista complementar voltada especificamente para os interesses lusófonos.²⁸

²⁶ Há versão da Wikipédia para dispositivos móveis suportado por: iPhone, iPod Touch, Android, Palm webOS, Opera Mini, NetFront (telefones SonyEricsson, Playstation Portable, Playstation 3) e Nintendo Wii, mas não é possível editar.

²⁷ Uma tradução desta lista é encontrada na Wikipédia em português http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Lista_dos_artigos_que_toda_Wikipédia_deve_ter

²⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Lista_dos_1000_artigos_essenciais

Uma primeira lista²⁹ foi criada pelo usuário Manuel Anastácio³⁰ no dia 17 de junho de 2004, às 11:50. Ele é considerado o responsável por determinar o tamanho da rede, pois a iniciativa leva outros atores a contribuir para o aumento ou não da densidade da rede. Nas palavras de Manuel Anastácio:

“OK. A minha ideia é colocar, de início, as propostas no artigo e, depois, vamos cortando o que ficar a mais. Pode-se também fazer alterações às categorias. Sou contra uma categoria apenas sobre mulheres... É um sexismo descabido e podemos indicar muitas mulheres nas outras categorias, sem ser necessário uma secção deste género. O que dizem”?

Em seguida, às 14:13, o mesmo usuário complementa:

“Acho que ideia deverá ser, também, reflectir sobre artigos prioritários e não indicar os "bons" artigos que já existem. Já tenho algumas objecções a algumas das propostas, mas vamos esperar que apareçam mais”.

Em um tópico chamado de Comentários da nova proposta, Manuel Anastácio e Joaotg iniciam uma conectividade e travam um debate sobre a importância da lista e os equívocos de criação da mesma. Joaotg comenta: “Parece-me que vamos chegar no entanto a um ponto em que teremos (digamos) 700 artigos existentes e 300 inexistentes, a partir do qual a discussão se tornará (ainda mais) absurda”. Manuel Anastácio retruca e diz que João está “a confundir os 1000 melhores artigos com os 1000 essenciais”. Para Anastácio, os “1000 essenciais representam aqueles que, na nossa opinião, qualquer enciclopédia deveria ter. A questão não é se existem ou não. Aliás, se não existirem é que a lista tem significado: para alertar para a urgência de os criar”.

Na representação gráfica da rede, conforme esquema anterior, os dois atores iniciam uma rede social porque começam uma interação direta. Haythornthwaite (2009) pontua que redes sociais já distinguiram alguns estudos acerca de sociometria e sociograma (Moreno, 1930); casais (Bott, 1957); seis graus de separação (Milgram, 1967); Mundo pequeno (Watts e Strogatz, 1998); redes de procura de emprego e força dos laços fracos (Granovetter, 1973); força dos laços

29

http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia_Discussão:Lista_dos_1000_artigos_essenciais/Arquivo

³⁰ O nome de usuário será preservado conforme consta no login do wikipedista.

fortes (Krackhardt, 1992); comunidades (Wellman, 1979); ligação entre dirigentes de empresas (Mintz & Schwartz, 1985, Mizruchi e Brewster, 1988); redes de discussão nucleares (Burt, 1985; Marsden, 1987); Homofilia (McPherson e Smith-Lovin, 1997); Mobilidade Social (Lin & Bian, 1991); análise de dados automatizada e redes de email e dados da Enron (Diesner, Frantz & Carley, 2006); redes online (Wellman; Hampton; Haythornthwaite; Quan-Haase; Boyd; Ellison), Redes de comunicação, modelos multinível (Monge & Contractor, 2003) e técnicas estatísticas (Wasserman; Patterson; Robins).

Quadro 2 - Medidas de ARS atribuídas às ligações

Medidas atribuídas às ligações	
Ligações indiretas	Caminho entre dois atores é mediado por um outro ator.
Frequência	Quantas vezes ou quão frequentemente uma ligação ocorre.
Estabilidade	Determina a existência da ligação durante o tempo.
Multiplexidade	Medida do quão dois atores estão ligados por mais de um relacionamento
Intensidade	Montante de tempo, carga emocional, intimidade ou serviços recíprocos entre dois atores.
Direção	Medida do quanto uma ligação ocorre de um ator para outro.
Simetria	Medida do quanto uma ligação é bidirecional.

Fonte: Reproduzido e adaptado de Sousa (2007, p. 140).

Os atores interagem e mantêm relações por meio de ligações indiretas (linhas) nas redes formando laços sociais. O conteúdo das interações, neste caso, reúne os interesses na construção colaborativa e discursiva da Wikipédia. Quando a força do laço aumenta, Haythornthwaite (2009) comenta que também aumentam:

número e tipos de relações; autoexposição, intimidade e reciprocidade; frequência de contato; número de meios de comunicação utilizados; quantidade e variedade da informação que é compartilhada e motivação para compartilhar informação.

A visualização da rede mostra, a partir dos grafos, que os atores nesta discussão, quando se pensa em centralidade, não possuem popularidade em alta. Rjclaudio, por exemplo, tem prestígio nas discussões porque interage e propicia intermediação com alguns dos atores da rede, promovendo, assim, aumento do grau de entrada e de saída. Neste caso, mostra posição de influência e parece controlar o fluxo de informação nos debates. Ao mesmo tempo, em relação à centralidade do ator, alguns (Tetrakys, Luan, RafaAzevedo e Helder) fazem colocações, mas não interagem com os demais atores da rede.

Redes mudam de tamanho e formato ao longo do tempo. No caso da Wikipédia, examinar mudanças na rede informa sobre ações de grupo na rede. Com a evolução das controvérsias criadas em torno de um verbete, as redes podem ganhar mais atores, ampliar os graus e mudar seu formato. No primeiro momento, ainda em 2004, os atores envolvidos na construção da lista participavam pouco. Em 2011, porém, nova configuração é formada envolvendo novos atores (Ver representação gráfica da rede, à esquerda, e perceber a concentração de atores). Tal fato ocorre por alguns motivos: ampliação do acesso e popularização da internet, credibilidade da Wikipédia e ações de marketing da *Wikimedia Foundation* que passaram a motivar a participação dos wikipedistas.

Com relação aos laços e ao compartilhamento de informação nessa rede, percebe-se a formação de laços fracos, pois tratam-se de atores que não necessariamente andam nos mesmos círculos sociais tendendo, portanto, a serem diferentes. Nas trocas de informação ocorre pouca motivação para troca e compartilhamento de informação. RafaAzevedo, por exemplo, passa a ser um ator isolado, pois na participação do dia 18 de novembro de 2009 não obteve resposta à seguinte colocação:

“Confesso que não entendi o propósito desta página. Quais artigos devem ser incluídos aqui? O que é um “artigo essencial”? Se estiver relacionado ao tema destes artigos, isto não estaria escapando ao Wikipédia:Princípio da imparcialidade?”

As opiniões sobre quais verbetes devem ou não entrar continuam em constante debate na página Discussão. Transcrever cada uma das trocas de ideias e mensagens torna-se insano porque no ambiente da Wikipédia a dinâmica, por meio de hipertexto, leva o leitor a inúmeros caminhos. Percebe-se que, por mínima que seja a atuação ou prestígio de um dos envolvidos, a colocação e/ou observação feita incita curiosidades no próximo que entrar para a discussão.

Wikipedistas sugerem qual deve ser o formato na ordenação da lista. Outros propõe votação para a escolha de quais artigos devem entrar. Como dito antes, devido à facilidade de uso de hipertexto nas colocações (basta usar os comandos de criação de hipertextos disponíveis no próprio ambiente de edição da Wikipédia), no caso de Muriel, no dia 18 de outubro de 2005, às 07:21, ela sugere a visita a uma lista encontrada na Wikipédia em inglês que busca construir a relação das 100 personalidades mais relevantes da história.

Desacordos, mas agora não mais com a criação da lista, e, sim, em relação à ordenação e escolha do que nela deve ter, Nuno Tavares, em 18 de outubro de 2005, às 11:44, comenta:

Eu não conheço o islamismo, mas não deixa de ser curioso ver o Maomé acima do Newton, e Jesus abaixo dele :) Depois, Gutemberg em 8º, e Einstein em 10º. Como ateu, acho este lista um disparate, o Michael Hart que me desculpe :))³¹

O mecanismo da Wikipédia arquiva as discussões e move-as para uma subpágina. A justificativa é a de que em várias situações é útil arquivar discussões antigas. Desta maneira, em 2011, dia 11 de janeiro, às 12h13min³², GoEThe retoma a discussão com Rjclaudio acerca do tamanho das ilustrações, das imagens e das tabelas. Neste assunto, uma rede cria-se entre GoEThe, Rjclaudio e Flávio, o Maddox. Rjclaudio passa a aumentar seu grau de entrada porque expande o número de ligações direcionais que ele recebe.

Como os usuários “logados” podem criar subtópicos de discussão, nesta segunda parte, que compreende de 11 de janeiro de 2011 a 24 de fevereiro de 2012 (data da última postagem desde o dia em que dá-se o recorte para esta pesquisa), a discussão gira em torno da qualidade das ilustrações e da revisão da lista. O

³¹ Todas as transcrições são feitas exatamente como é publicada na Wikipédia.

³² Nova marcação de hora na Wikipédia passa a ser neste formato.

subtópico “Palhaçada total”, criado por Pelo Poder do Z, em 17 de setembro de 2011, às 23h02min, comenta:

Esta lista é a maior palhaçada que já encontrei nesta wiki. Quem é que decide quais são os artigos essenciais? ninguém meus caros absolutamente ninguém, pois seja quem quer que seja que decida, mesmo que seja a comunidade, a lista vai ser sempre tendencioso e no fim vai ser o resultado dessas tendências e não do real objectivo que seria determinar quais são os 1000 artigos essenciais.

Pelo Poder do Z, amplia a intensidade porque provoca a discussão ao fazer a seguinte pergunta: “Mas já agora, será que alguém sabe explicar para que raio é ou serve esta lista?” Diversos usuários participam respondendo a ele. OTAVIO1981, Flávio, o **Maddox**, Rjclaudio formam uma subrede que entra em discussão a partir desta indagação. Pelo Poder do Z questiona o porquê de no item **História** só estarem artigos genéricos de história dos países lusófonos. Ele ressalta: “E então, os estão dos descobrimentos? Sem eles não teríamos o mundo que temos hoje, ou então o Regicídio de D. Carlos I de Portugal, ou a Guerra colonial, já para não falar das várias revoluções da lusofonia?”

Quadro 3 - Medidas de ARS atribuídas às redes como um todo

Medidas atribuídas às redes como um todo	
Tamanho	Número de atores na rede
Abrangência	Número total da rede menos o número de atores isolados.
Componente	Um subgrupo de atores conectados entre si de forma que nenhum ator tenha ligação com outro ator fora desse subgrupo.
Conectividade	Medida de quantidade de ligações entre os atores da rede que sejam do tipo direcional e não-direcional.
Densidade	Taxa entre o número atual de ligações e o número possível de ligações na rede.
Centralização	Diferença entre a centralidade do ator com maior taxa de centralidade e os outros atores da rede.
Simetria	Média entre as ligações simétricas e assimétricas em uma rede.
Transitividade	Número de tríades transitivas divididas pelo número possível de tríades.
Encadeamento	Média de pares de atores que são mutuamente alcançáveis e o número total de pares de atores.

Fonte: Reproduzido e adaptado de Sousa (2007, p. 141).

A discussão permanece aberta e com possibilidade de contribuição de qualquer usuário interessado em montar esta lista. Tetraktys, em 24 de fevereiro de 2012, às 05h18min, deixa uma pergunta: “essa lista está parada ou sobrevive?”. Mesmo estando isolado porque não interage com outro usuário (pelo menos até a

data em que esta pesquisa foi feita) este usuário continua: “(...) de qualquer modo, deixo minha contribuição na parte dos artistas, sugerindo acrescentar:

Artistas visuais: Mestre Ataíde, Victor Meirelles, Pedro Américo, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Tarsila do Amaral, Portinari, Lygia Clark, Hélio Oiticica. Músicos eruditos: José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, José Maurício Nunes Garcia, Carlos Gomes, Hans Joachim Koellreutter.

Tetraktys ainda completa: “P.S: na parte dos líderes políticos, embora não seja a minha área acho fundamental adicionar também Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Getúlio Vargas e o Lula”. A partir da propriedade dos dados coletados é possível perceber que as redes podem ser analisadas com relação a sua estrutura, composição e dinâmica. A estrutura, neste caso, compreende a forma de uma rede não tão intensa, mas, mesmo assim, é capaz de apresentar uma composição na qual é percebida que a qualidade da forma demonstra um ambiente de discussão e controvérsia.

Quanto à estrutura, Rjclaudio, enquanto nó desta rede, é o que apresenta maior grau de conexão. Essa conclusão é baseada na densidade da rede que ele cria. Outro fator a ser considerado é o histórico de participação dos atores nas demais discussões travadas ao longo da Wikipédia. Nessa enciclopédia *on line*, quanto mais se participa, melhor é entendida a dinâmica da participação colaborativa. Inovações no processo de edição, portanto, passam a ser implementadas a partir de agora. A edição da Wikipédia exigia que as pessoas aprendessem a sintaxe do wikitexto, que é uma linguagem de marcação bastante complexa, seja para inserir informação ou até mesmo para fazer pequenas correções em um artigo. Quando foi criada, em 2001, esta prática até era aceitável. Nos dias atuais, entretanto, o wikitexto tem afastado colaboradores.

O Editor Visual³³, um novo sistema de edição da Wikipédia que está sendo desenvolvido pela Wikimedia Foundation, permite que as pessoas editem sem ter que aprender a sintaxe wikitexto. A ideia segue o que já é praticado por plataformas sociais, como, por exemplo, o Facebook. Espera-se, desta forma, que se amplie a contribuição para a Wikipédia em todas as línguas em que ela existe.

³³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Editor_Visual

4 DISCURSO E VALIDADE DA INFORMAÇÃO

4.1 CONTROVÉRSIA E ARGUMENTO

Como é possível surgir ordem social a partir de processos de formação de consenso que se encontram ameaçados por uma tensão explosiva entre facticidade e validade? Em relação ao agir comunicativo, a dupla contingência, a ser absorvida por qualquer formação de interação, assume a forma especialmente precária de um risco de dissenso, sempre presente, embutido no próprio mecanismo de entendimento, ainda mais que todo dissenso acarreta elevados custos para a coordenação da ação. Normalmente há poucas alternativas à disposição que podem resumir-se a simples consertos, à desconsideração de pretensões controversas à passagem para discursos mais pretensiosos (HABERMAS, 2003b, p. 40).

Destaca-se que as controvérsias são indispensáveis para formação, evolução e avaliação das teorias científicas porque é nelas que se exerce a crítica “séria”, ou seja, aquela que permite engendrar, melhorar e controlar seja a “boa estruturação”, seja o “conteúdo empírico” das teorias científicas. A importância atribuída à crítica é elemento comum com o normativismo de Karl Popper. Em contrapartida, quando a rigorosa pesquisa das controvérsias é um meio indispensável para constituir uma descrição adequada da história e da práxis da ciência, observa-se algo em comum com o descritivismo de Thomas S. Kuhn (DASCAL, 1994, p. 77).

A ciência manifesta-se em sua história como uma sequência de controvérsias e são nelas na qual se exerce a atividade crítica e constitui-se dialogicamente o sentido das teorias e, também, produzem-se as mudanças e inovações e manifesta-se a racionalidade ou irracionalidade do empreendimento científico. O que são, entretanto, as controvérsias científicas? Por que a filosofia e a história da ciência não devem ignorá-las? (DASCAL, 1994, p. 78).

Diante da família dos “fenômenos discursivos dialógicos polêmicos”, segundo Dascal (1994, p. 78), não há controvérsia propriamente dita sem que pelo menos duas pessoas empreguem a linguagem, na direção de uma à outra, em um confronto de opiniões, argumentos, teorias etc. Neste sentido, controvérsia é uma atividade que comporta sempre um elemento de imprevisibilidade. É essencial, portanto, que na controvérsia haja possibilidade do uso do direito de contestação ao oponente por parte de cada um dos contendentes. Afinal, um oponente vivo, real e

ativo (ou seja, nem morto, nem imaginário, nem silencioso) é imprevisível em suas reações (DASCAL, 1994, p.78).

Enquanto fenômeno dialógico, a controvérsia consiste primariamente naqueles textos ou intervenções orais diretamente dirigidos por cada contendente ao outro (ou aos outros), privada ou publicamente. Por meio do termo polêmica, que Dascal usa para designar o conjunto dos fenômenos discursivos dialógicos polêmicos, ele distingue três tipos ideais pertencentes aos membros da sub-família a qual pertencem as controvérsias: discussão, disputa e controvérsia (DASCAL, 1994, p. 79).

Para discussão, o autor considera uma polêmica cujo objeto é um tema ou problema bem circunscrito. Enquanto a discussão é desenvolvida, os contendentes tendem a reconhecer que a raiz do problema é um erro relativo a algum conceito ou procedimento importante em um campo bem definido. Discussões permitem soluções, que consistem em corrigir graças à aplicação de procedimentos aceitos no campo (como prova, cálculo, repetição de experimentos etc.).

Em relação à disputa, Dascal (1994, p.80) considera ser uma polêmica que também parece ter por objeto uma divergência bem definida. Em nenhum momento, porém, os contendentes aceitam sua definição como baseada em algum erro. Revela-se melhor como derivada de uma diferença de atitudes, sentimentos ou preferências. Não há procedimentos mutuamente aceitos para decidi-las. No fundo, podem ser dissoltas.

Quanto à controvérsia, Dascal (1994, p.80) considera como um tipo de polêmica que ocupa uma posição intermediária entre a discussão e a disputa. Pode ser iniciada com um problema específico, mas rapidamente pode se expandir a outros problemas e revela divergências profundas. Pode envolver tanto atitudes e preferências opostas como desacordos sobre os métodos vigentes para solucionar os problemas causando o prolongamento das controvérsias por meio da recorrência.

As controvérsias não são solucionadas e nem são dissolvidas, senão resolvidas. A resolução pode consistir no reconhecimento (por parte dos contendentes ou de sua comunidade de preferência). Nas polêmicas reais manifestam-se de uma só vez elementos dos três tipos ideais que os contendentes tendem a misturar. Nas polêmicas entre cientistas também se misturam os três tipos e não é fácil separá-los (DASCAL, 1994, p. 80).

Ressaltam-se, ainda de acordo com Dascal, algumas características essenciais das controvérsias. A primeira delas é que [as controvérsias] não ficam confinadas aos problemas iniciais que as motivam, pois se ampliam rapidamente, tanto em extensão como em profundidade. A evolução temática da controvérsia rege-se, pelo menos parcialmente, por condições intrínsecas de relevância semântica ou pragmática. Os problemas iniciais, ao longo de uma controvérsia, muitas vezes são completamente deixados de lado, a tal ponto que a controvérsia pode encerrar-se com a adoção de uma das posições opostas, sem que essa posição seja capaz de solucionar tais problemas (DASCAL, 1994, p. 80).

Uma segunda característica diz respeito que, ao longo da expansão da problemática, os contendentes questionam pressupostos básicos de seus adversários, sejam eles factuais, metodológicos ou conceituais. Uma terceira característica importante das controvérsias é o aspecto hermenêutico. “À hermenêutica caberia um modo de compreensão do sentido que obedece a outro interesse da espécie em aumentar cada vez mais suas estruturas de comunicação, o chamado interesse prático da espécie” (NOBRE; REPA, 2012, p. 23).

A questão da interpretação correta dos dados, da linguagem, das teorias, dos métodos, e do *status quaestionis*, se coloca a cada momento. A cada passo os que contestam acusam-se mutuamente por apresentar incorretamente as teses do outro, por empregar linguagem ambígua, por não responder às objeções, e - por isso - por não dirigir-se ao “verdadeiro problema” que precisa ser resolvido, seja em um estágio determinado da controvérsia, seja no seu todo (DASCAL, 1994, p. 82).

Uma quarta característica da controvérsia científica, e talvez a mais importante, é a “abertura”, que possui um caráter dinâmico da problemática, o questionamento contínuo dos pressupostos e a liberdade hermenêutica que tomam os contendentes. Com abertura quer-se dizer: ao iniciar uma controvérsia, não se sabe por onde vai ser levada sua dinâmica própria; dificilmente restringem-se a apenas uma disciplina; revelam a existência de divergências profundas com respeito ao significado dos conceitos, métodos e fatos até então aceitos; não é possível antecipar a totalidade das objeções do oponente e, por fim, preparam o terreno para as inovações radicais, convidando ao surgimento de ideias, métodos, técnicas e interpretações não convencionais (DASCAL, 1994, p. 82).

Como quinta característica um aspecto especial da abertura das controvérsias vincula-se à questão de seu fechamento. Dascal descreve a

contribuição dada por Engelhardt Jr e Caplan (1987) em um volume compilado por estes dois:

Nesse volume, Beauchamp (1987, p. 28-35) e McMullin (1987, p. 77-82) propõe duas tipologias semelhantes. Deixando de lado a “morte natural” (Beauchamp) ou “abandono” (McMullin), pode-se reconhecer claramente nas duas tipologias os tipos de terminação que assinalem como característicos das discussões e das disputas. A “resolução” (McMullin) e o “fechamento por argumento correto” (Beauchamp) são exemplos do que chamei de “solução” (de uma discussão), enquanto que o “fechamento” (McMullin) e o “fechamento processual” (Beauchamp) são características das disputas, que não podem se fechar sem a intervenção de algum árbitro investido da necessária autoridade, mesmo que essa autoridade, no fundo, “dissolva” a oposição para efeito prático, sem efetivamente resolver o conflito de atitudes (DASCAL, 1994, p. 82).

A abertura das controvérsias, por fim, não significa que sejam anárquicas. Mesmo que não sejam regidas por regras implícita ou explicitamente codificadas, como o são as discussões, não caem no outro extremo. Mesmo que não se decidam através de um “tribunal da Razão” (Immanuel Kant (1724-1804)), nem por um “juiz das controvérsias” imparcial (como o idealizado alguma vez por Leibniz), em geral, não terminam no braço ou no grito. Resumindo, as controvérsias científicas manifestam alguma forma de ordem ou sistematicidade, suficiente débil para não suprir a abertura essencial, mas ainda suficiente para que seu desenvolvimento não seja totalmente arbitrário (DASCAL, 1994, p. 83).

Cabe nesse estudo, porém, ressaltar a cartografia das controvérsias como uma metodologia com um conjunto de técnicas de investigação e visualização que a versão didática e a prática da Teoria do Ator-Rede³⁴ pregam: que o pesquisador deve apenas descrever uma controvérsia (LATOUR, 2012, p. 42-47; VENTURINI, 2009, p. 1; FERREIRA, 2013). Ferreira (2013) identifica que Latour e Venturini expõem uma atitude científica. Para estes autores citados, segundo Ferreira, descrever implica a árdua tarefa de colocar a observação à frente da pesquisa (empirismo e recusa a quadros de referência), deixando o fenômeno falar.

³⁴ Na tradução para o português, a Teoria do Ator-Rede mantém como sigla, em algumas obras, a expressão ANT (formiga, em inglês) com a intenção de que o acrônimo revele adequação ao perfil de um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário. Nas palavras de Latour (2012, p. 28): “Uma formiga (ant) escrevendo para outras formigas, eis o que condiz muito bem com o meu projeto!”. Mas para manter unicidade no termo adota-se, nesta pesquisa, a tradução de Teoria do Ator-Rede (TAR) toda vez que refere-se a esta metodologia.

O ponto central é que uma controvérsia pode ser definida como: momentos de disputa nos quais se podem observar a formação do social, “quando “as coisas” não estão ainda estabilizadas (encaixapretadas)” (FERREIRA, 2013). Para Venturini (2010) são ocasiões de conflito, negociações e debates, nos quais os atores discordam entre si, ou mais ainda, quando concordam (compreendem) que estão em desacordo. Ainda na opinião de Venturini (2010, p. 1), as controvérsias se situariam entre o ponto no qual um ator não pode mais ignorar o outro (a explosão do conflito) e aquele no qual trabalham conjuntamente em prol de uma convivência formando fóruns híbridos, pois envolvem “actantes humanos e não humanos” (FERREIRA, 2013).

Sobre este comportamento, Ferreira comenta que:

Tais debates nos quais eram dados como postos são questionados (caixas pretas abertas), mostrando o social na face mais dinâmica, com alianças (às vezes improváveis e imprevisíveis) surgindo, assim como rupturas (às vezes surpreendentes e inimagináveis) acontecendo, em que cada ator pode ser decomposto em uma rede e qualquer rede, por mais heterogênea, podendo ser “juntada” num ator. Elas não seriam resumíveis a uma única questão, com atores discordando do próprio ponto de desacordo, havendo colisões e explicitações de universos (ideologias, “cosmos”) (FERREIRA, 2013).

A cartografia das controvérsias, portanto, é o método de investigação para observar a formação do social baseado nos preceitos da TAR, tendo como principais pontos a descrição daquilo que foi observado empiricamente acreditando no potencial dela em expor os fenômenos dispensando explicações. É encarar o fenômeno para, depois, perguntar-se qual a melhor maneira (ou maneiras) para descrevê-lo. Serviria, assim, para descrever a construção (humana e discursiva) do social. (FERREIRA, 2013, VENTURINI, 2010).

A fim de renovar a definição do que se entende por associação, Latour (2012, p. 42) reexamina e dissectiona algumas questões. Mantendo-se fiel aos princípios relativistas, Latour, ao invés de dividir o domínio do social, como muitos manuais de sociologia, em uma lista de atores, métodos e domínios já considerados membros da esfera social, acaba por organizar tipos de controvérsias em torno do que compõe esse universo. O mesmo autor lista (2012, p. 42), desta maneira, as principais intuições das ciências sociais examinando cinco grandes incertezas:

- (i) a natureza dos grupos: há várias formas contraditórias de se atribuir identidade aos atores;
- (ii) a natureza das ações: em cada curso de ação, toda uma variedade de agentes parece imiscuir-se e deslocar os objetivos originais;
- (iii) a natureza dos objetos: o tipo de agências que participam das interações permanece, ao que tudo indica, aberto;
- (iv) a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais com o restante da sociedade parecem ser constantemente fonte de controvérsias;
- (v) finalmente, o tipo de estudos realizados sob o rótulo de ciência do social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas.

É proposto o desdobramento das controvérsias sobre o mundo social a partir da alimentação de cinco fontes de incertezas: (i) não há grupos, apenas formação de grupos; (ii) a ação é assumida; (iii) os objetos também agem; (iv) questão de fato versus questão de interesse e (v) escrever relatos de risco. O autor revela que “a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las”, pois não se trata de abandono da ordem, do rigor e do padrão. É apenas um reposicionamento, um passo à frente, “sob a forma de abstração para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOUR, 2012, p. 44).

A TAR acredita na possibilidade de rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles. Latour (2012, p. 45), em outras palavras, afirma que a TAR alega que “encontraremos uma maneira bem mais científica de construir o mundo social, caso nos abstenhamos de interromper o fluxo de controvérsias”. Para ele, “as controvérsias não são um mero aborrecimento a evitar, e sim aquilo que permite ao social estabelecer-se e às várias ciências contribuírem para sua construção” (LATOUR, 2012, p. 46).

Em relação à primeira fonte de incerteza, em que Latour (2012, p. 49) considera não haver grupos, mas apenas formação de grupos, o autor mesmo pergunta-se: “Por onde começarmos?” O próprio responde: “Como sempre, o melhor é começar em meios às coisas, *in media res*”. Relacionar-se com um ou outro grupo

é um processo sem fim constituído por laços incertos, controvertidos e mutáveis. Deve-se considerar, conforme pergunta Latour, os “agregados sociais como realidades constituídas por “indivíduos”, “organizações”, “classes”, “papéis”, “trajetórias de vida”, “campos discursivos”, “genes egoístas”, “redes sociais”?” (LATOURE, 2012, p. 50).

Neste sentido, Latour (2012, p. 51) propõe uma escolha: seguir os teóricos sociais (sociólogos do social) e, assim, iniciar a jornada determinando de início que tipo de grupo e nível de análise enfatizar, ou adotar o procedimento dos atores (sociólogos de associações) e sair pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelas atividades deles na formação e desmantelamento de grupos. Em relação à primeira fonte de incerteza é que não há grupo relevante ao qual possa ser atribuído o poder de compor agregados sociais e não há componente estabelecido a ser utilizado como ponto de partida incontroverso. Para isso, segue-se nesta pesquisa o que Latour propõe: o ponto de partida tem de ser justamente as controvérsias acerca do agrupamento a que alguém pertence (LATOURE, 2012, p. 52).

A Teoria do Ator-Rede prefere usar a infralinguagem que é definida como algo que não possui outro sentido além de permitir o deslocamento de um quadro de referência a outro. Latour esclarece acerca da lista de traços deixados pela formação de grupos:

A Teoria do Ator-Rede não afirma que um dia saberemos se a sociedade é “realmente” feita de pequenos agentes individuais calculistas ou de portenhosos macroatores; nem afirma que, como vale tudo, a pessoa pode escolher seu candidato favorito ao acaso. Ao contrário, chega à conclusão relativista, isto é, científica, de que essas controvérsias proporcionam ao analista os recursos necessários para rastrear as conexões sociais (LATOURE, 2012, p. 53).

Dois termos técnicos referentes à teoria em questão são levantados por Latour: intermediários e mediadores. Para o primeiro, Latour (2012, p. 65) define como aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los. Em termos práticos, “um intermediário pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta, mas uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes”. Os mediadores não podem ser contados como apenas um, pois eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. Os

mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam (LATOUR, 2012, p. 65).

Diante da primeira fonte de incerteza é possível vislumbrar conexões sociais graças aos traços inesperados que as controvérsias em torno da formação de grupos nos deixa. Agora é preciso aprender a explorar a segunda fonte de incerteza: a que vê a ação como algo não transparente: “a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos” (LATOUR, 2012, p.72).

É difícil saber com certeza quem ou o quê nos leva a agir, é possível elaborar uma lista de características sempre presentes nos argumentos contraditórios a “respeito do que aconteceu, pois as ações são parte de um relato, possuem uma figura qualquer, opõem-se a outras ações rivais e, por fim, são acompanhadas por uma teoria explícita da razão” (LATOUR, 2012, p. 84).

Na terceira fonte de incerteza, os objetos também agem. Se desigualdades são geradas, então outros tipos de atores que não os sociais entram no jogo. Vale destacar a explicação de Latour sobre objetos e atores humanos:

A Teoria Ator-Rede não alega, sem base, que os objetos fazem coisas “no lugar” dos atores humanos: diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o que e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de *não humanos*. Essa expressão, como outras escolhidas pela Teoria Ator-Rede, não tem significado em si mesma. Não designa um domínio da realidade. Não se refere a duendes de gorro vermelho agindo nos níveis atômicos, mas somente àquilo que o analista estaria preparado para acolher a fim de explicar a durabilidade e a extensão de uma interação. O projeto da Teoria do Ator-Rede cifra-se em ampliar a lista e modificar as formas e figuras dos participantes reunidos, esboçando uma maneira de fazê-los agir com um todo durável (LATOUR, 2012, p.109).

Das três primeiras fontes de incerteza, aprende-se que estudar as relações poderia ser empiricamente difícil, “mas já não é um a priori proibido pelas “objeções óbvias” que “coisas não falam”, “redes de pesca não têm paixão” e “só os seres humanos têm intenções”” (LATOUR, 2012, p. 158). Quanto a quarta fonte de incerteza, Latour (2012, p. 162) propõe que se houver concordância em aprender também com as controvérsias sobre os não humanos, logo é possível perceber que questões de fato não descrevem que “tipos de agências estão povoando o mundo

melhor do que as palavras social, simbólico e discursivo descrevem o que é um ator humano e os alienígenas que os capturam”.

Mas é na quinta fonte de certeza, ao escrever relatos de risco, que Latour (2012, p. 189) destaca a expressão **relato textual** (grifo nosso). Para o autor, é nesse ponto que os relatos textuais devem ser considerados como laboratório do cientista social. Esse autor descreve que um bom relato é aquele que tece uma rede, pois “um bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações” (LATOUR, 2012, p. 189).

Rede, nesse caso, é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Para Latour (2012, p. 192-194), rede é conceito e não coisa. É o traço deixado por um agente em movimento. “É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja descrito. A rede não é aquilo que está representado no texto, mas aquilo que prepara o texto para substituir os atores como mediadores” (LATOUR, 2012, p. 192).

Torna-se importante esclarecer o uso do conceito de rede, por Latour, assim como ele é tratado em outros contextos:

[...] Concordo que ela [rede] não lembra outras palavras que venho usando, como grupo, ator, actante, grupo, fluido e não humano, escolhidas de propósito por causa de sua falta de significado. Esta, porém, tem significado demais! A confusão se instala – por nossa culpa e de ninguém mais - porque alguns objetos antes descritos pela TAR eram redes no sentido técnico – metrologia, metrô, telefone – e, quando o termo foi introduzido há uns vinte e cinco anos, a Internet ainda não atacara – nem a Al-Qaeda, no caso. Assim, rede era uma novidade que podia ajudar a estabelecer um contraste com “sociedade”, “instituição”, “cultura”, “campos” etc., frequentemente concebidos como superfícies, fluxos de transferência causais e coisas concretas. Hoje, porém, as redes são a regra, e as superfícies a exceção. (...) Qualquer que seja a palavra, precisamos de alguma para designar os fluxos de translação. Por que então não empregar “rede”, consagrada e solidamente presa por um hífen à palavra “ator”, que redefini antes? (LATOUR, 2012, p. 192-193).

A sociologia das associações, assim denominado por Latour (2012, p. 230) “tenta entender controvérsias sobre o âmbito de elementos heterogêneos que podem ser associados”. Venturini (2009, p. 4) considera que a definição de controvérsia é muito simples: controvérsias são situações nas quais atores discordam (ou melhor, chegar a um acordo com o desacordo). Para o autor,

controvérsias envolvem todo tipo de atores e não só seres humanos e grupos de humanos, mas, também, elementos biológicos e naturais, produtos industriais e artísticos, instituições econômicas e outros e artefatos técnicos e científicos.

A metáfora do magma é usada por Venturini (2009, p. 11) ao descrever o fluxo da vida social como um duplo movimento de liquefação e solidificação. Para esse autor, quando se observam as controvérsias, foca-se no lado líquido. Quando elas (as controvérsias) são descritas, contribui-se para a solidificação de algumas porções do magma social.

Araújo e Cardoso (2007), ao observar a possibilidade de contemplar a Ciência da Informação (CI) pelo prisma de teorias que contribuem para a reflexão de seus aspectos epistemológicos e interdisciplinares, encontram a presença da Teoria do Ator-Rede em diversas dissertações e teses da CI produzidas entre 1996 e 2000 do programa de pós-graduação em CI do convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO.

A TAR tem sido muito utilizada para correlacionar ciência, tecnologia e sociedade. Ela possui uma forma original de submeter o conteúdo da ciência ao exame minucioso da sociologia trabalhando sempre com a ciência em processo de construção ou em ação. Para os mesmos autores acima, essa ciência em ação opera em rede e permite remover todo e qualquer centro (detentor da verdade das coisas), não conferindo privilégios a um nó da rede em relação a outro (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

A partir de meados dos anos 70 do século XX nasce no mundo anglo-saxão e europeu um campo conhecido como Estudos Sociais da Ciência ou Estudos da Ciência. Esse campo, formado por novas perspectivas sobre a maneira como se constrói o saber, conta com a colaboração de estudiosos como Bruno Latour, Harry Collins, John Law e Michel Callon. Historiadores, filósofos, antropólogos e sociólogos voltam-se para o contexto de descoberta, uma vez que ele define a natureza da racionalidade científica, sua objetividade, ou seja, a prova e a verdade (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Oddone (2007, p. 117), no contexto da TAR, afirma que “o conhecimento partilha sua força como todos os artefatos que o materializam e que disciplinam o pensamento”. Para a autora, além disso, “o conhecimento também se distribui pelas redes que o fazem circular” (ODDONE, 2007, p. 121). A TAR representa o conjunto teórico mais abrangente e mais orgânico para o exame das questões associadas ao ciclo documentário.

É possível, portanto:

Identificar e seguir os atores, as redes e os movimentos cuja inter-relação engendra e mantém estável o estado particular de cada situação e de cada acontecimento envolvido na produção, circulação e uso das informações registradas e dos documentos (ODDONE, 2007, p. 117).

Ressalta-se que algumas pesquisas sobre sistemas de informação, sobretudo as que possuem abordagem mais social, consideram teorias apresentadas por determinados sociólogos, filósofos e antropólogos, como Pierre Bourdieu e Michel Foucault (PENTZOLD; SEIDENGLANZ, 2006, p. 59). Nesse caso, porém, esclarece-se que, apesar de serem autores fundamentais e recorrentemente utilizados pela sociologia da ciência e outras áreas afins, Bruno Latour e Pierre Bourdieu distanciam-se em suas concepções da ciência em diversos pontos (LORENZI; ANDRADE, 2011, p. 107).

Bruno Latour vem de uma tradição construtivista que fora iniciada por David Bloor. Para Latour, os fatos científicos são construções coletivas fixadas por meio de alianças entre atores (humanos e não humanos) formando uma complexa rede. No caso de Bourdieu, o mesmo vem de uma tradição estruturalista, que considera os fatos sociais como produto de um meio social jamais neutro no qual a hierarquia e o poder estão sempre presentes. Bourdieu, como é ponderado pelos estudos de Lorenzi e Andrade (2011, p. 107) “interpreta os fatos científicos como fatos sociais, negociados dentro de um campo de lutas, no caso, o que chama de campo científico, através de seu capital específico”.

Latour considera os fatos científicos construídos por meio de alianças e traduções (uma relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores à coexistência). Para ele, um cientista envolvido na construção de um fato científico busca alianças com outros atores humanos, traduzindo o que dizem ou querem para os seus próprios interesses, e também com atores não humanos, traduzindo o comportamento de elementos não humanos ao que lhe interessa ou pode ser útil. Para Bourdieu isso é um absurdo e diz que a noção de tradução ignora a estrutura hierárquica da ciência dando a impressão de que se trata de uma negociação completamente democrática (LORENZI; ANDRADE, 2011, p.117).

Arnold (2003, p. 226) propõe nos estudos de design de sistemas o encontro de Habermas, Foucault e Latour. Para o autor, a escolha das teorias apresentadas

pelos três é devido ao fato de apresentarem ferramentas conceituais que capacitam inferências específicas a determinadas funções dos sistemas de informação. Essas contribuições teóricas reforçam a ideia de que a teoria social é capaz de oferecer aos *designers* certas recomendações que contextualizam as críticas ao sistema sociotécnico. No caso desse estudo, entretanto, não há esforços para inserir tais pensamentos que não sejam os de discurso, de Jürgen Habermas e os de Bruno Latour, referentes à cartografia das controvérsias.

4.2 PRETENSÕES DE VALIDADE

A Wikipédia, reconhecida como um sistema de informação (SI) nos estudos de Ciência da Informação, é um espaço no qual a comunicação e o engajamento na produção de informação torna-se cada vez mais importante no contexto dos sistemas de informação e, com isso, a teoria social crítica de Jürgen Habermas tem provado ser uma lente importante e útil neste tipo de pesquisa, especialmente na compreensão do potencial comunicativo do desenvolvimento destes sistemas (ROSS, 2006, p. 15; ROSS; CHIASSON, 2011, p. 123; HENG; De MOOR, 2003, p. 331).

Reconhece-se a importância do pensamento de Habermas e suas premissas teóricas para a Ciência da Informação a partir de González de Gómez e Gracioso:

O pensamento de Habermas pode ser um eixo para refletirmos as revoluções científicas e tecnológicas que vivenciamos na sociedade contemporânea. Não só pelo fato deste autor ser contemporâneo e ainda vivo, mas principalmente por relacionar teorias do conhecimento já desenvolvidas, com as Ciências Humanas e Sociais de modo geral. Seus pressupostos nos ajudam a pensar as bivalências, os encontros e desencontros da sociedade atual e posiciona o conhecimento como elemento propulsor dessa situação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; GRACIOSO, 2007b, p.2).

As premissas teóricas, como pensam González de Gómez e Gracioso (2007b, p. 2), que fazem sentido para a Ciência da Informação frente à busca de Habermas por entendimento da dinâmica informacional propiciada pela Internet, principalmente ao que diz respeito aos critérios de validação dos conteúdos produzidos, é que são levadas em conta neste estudo. “Habermas é um intelectual comprometido com os rumos do mundo contemporâneo e os textos dele ganham

clareza quando recolocados no contexto de uma leitura ética e política do presente”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009b, p. 115).

A CI está atenta à perspectiva interativa de construção e de uso de conteúdos na rede como campo para as investigações, como afirmam Gracioso e Saldanha:

A construção interativa de conteúdos na própria rede (e sua respectiva disponibilização por meio de sites de busca, que também recuperam conteúdos sistematizados) tem suscitado ainda mais um repensar teórico que nos permita entender as condições de validação informacional considerando os elementos que envolvem os processos de uso cotidiano da linguagem (GRACIOSO; SALDANHA, 2010, p. 102).

Primeiro, porém, é preciso que se entenda a diferença entre os conceitos de giro, guinada ou virada linguística (*linguistic turn*) e guinada ou virada pragmática. É importante compreender que “virada” nada mais é do que uma mudança radical na pergunta filosófica sobre os elementos centrais de nossa experiência, que passa, assim, a ser articulada de outro modo (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

A virada linguística (*linguistic turn*) constitui uma superação do método introspectivo ou especulativo típico da filosofia moderna, que era centrada na problemática da consciência, pela análise proposicional. O primeiro passo da virada linguística consiste em priorizar a lógica das proposições (uma rigorosa análise sintático-semântica), acreditando ser esse um passo prévio indispensável a qualquer estudo filosófico. Quanto à virada pragmática, que ocorre posteriormente no interior da virada linguística, pode-se dizer que ela se dá em função de um esgotamento da mera análise proposicional da linguagem (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

Habermas (1990, p. 77) menciona que a análise das orações veritativas (que refletem experiências ou fatos) é uma parte menos importante para uma teoria da comunicação (que se centrará nas relações interpessoais, e não na relação com o mundo). Em outras palavras, a virada linguística precisava ser completada por uma nova mudança, que iria ampliar a análise linguística e incluir diversas performances.

Podem-se citar os estudos empreendidos por pensadores como: Peirce, que alterou a visão bipolar (linguagem versus mundo) por uma relação tripolar, que inclui o possível intérprete; Wittgenstein, nas Investigações Filosóficas, com a inserção do conceito de jogos de linguagem, de “seguir uma regra” e da significação como uma

questão de regras de uso; e, posteriormente, pela teoria dos *speech acts* (atos de fala), desenvolvida por Austin e Searle Habermas (1990, p. 77).

No entorno de Habermas, trata-se de organizar a história da filosofia em geral em três estágios. São os chamados paradigmas, em referência à Thomas S. Kuhn, com *A estrutura das revoluções científicas* (2009). Uma visão geral, a partir da tabela a seguir, mostra os temas centrais do pensamento que são declinados de forma bem diferenciada:

Quadro 4 - Estágios da filosofia

Paradigma	Ontológico	Mentalístico	Linguístico
Esfera	Ser	Consciência	Linguagem
Conteúdo	Ente	Sujeito	Proposições
Questão inicial	O que é?	O que posso saber?	O que posso entender?
Principal representante	Platão Aristóteles	Descartes Kant	Wittgenstein

Fonte: Reese-Schäfer (2008, p. 53)

A caracterização essencial da antropologia filosófica, que está em toda base de Habermas, pode ser enunciada em algumas palavras: *o ser humano é um ser de linguagem* (grifo do autor); e é esse fato de natureza (mas também imediatamente de cultura, porque a linguagem é o meio e o produto espontâneo de nossa vida social) que sustenta todo edifício da filosofia e da teoria política de Habermas (DUPEYRIX, 2012, p.40).

A grande conquista da virada pragmática, ocorrida no seio da filosofia da linguagem, está na importância atribuída à práxis comunicativa e não somente à representação da realidade, levando-se em conta o caráter “intersubjetivo da linguagem (as interações comunicativas, os usos que se fazem dos sinais linguísticos, em suma, o seu caráter pragmático)” (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

Poker (2008, p. 71) ressalta que no interior dos movimentos sociais, ONGs, sindicatos, associações diversas, clubes, condomínios, escolas, universidades, em todos estes ambientes de relacionamento acontecem trocas comunicativas que produzem elementos normativos na forma de autolegislação. É no interior destes campos, devidamente apropriados à práxis comunicativa e ao exercício da razão intersubjetiva, que se produzem as referências conceituais que vinculam os participantes a uma esfera pública.

Siebeneichler (2010, p. 10) constata que a escolha do paradigma da constituição intersubjetiva do espírito humano permite que Habermas configure uma teoria do agir comunicativo com teor normativo. Nesse sentido, não é obtida não da ideia de uma constituição ontológica do ente ou da subjetividade tal como é proposto pela fenomenologia de Edmund Husserl, mas de uma prática de argumentação ou discurso que se estabelece entre sujeitos interessados em entendimento público sobre algo que se faz presente no mundo cotidiano.

Habermas lembra que a linguagem possui três funções para compreensão do significado. Como fonte para sua teoria da linguagem, inclui os estudos de Wilhelm von Humboldt, que apresenta: a função cognitiva de formar pensamentos e representar fatos; a função expressiva de exprimir sentimentos e suscitar sensações e a função comunicativa de comunicar algo, levantar objeções e produzir acordos (HABERMAS, 2004, p. 65).

Concentrando-se em cada uma delas (para explicar o todo) há três Teorias do Significado: a semântica intencionalista (que enfatiza “o que se quis dizer”); a semântica formal (o significado se apreende “pelo que se disse”) e a teoria do significado do uso (o significado depende do uso da linguagem) (HABERMAS, 1990, p. 80, grifos do autor). “Afirmações representam expressões datáveis, ou episódios linguísticos, ao passo que a verdade faz valer manifestamente uma pretensão de invariância e tem, por isso, um carácter não episódico” (HABERMAS, 2010, p. 182).

Habermas utiliza agir comunicativo quando diz que a linguagem natural é utilizada como forma de interação social (ligação entre *alter* e *ego*) e a coordenação

das ações são orientadas pela força consensual do entendimento. É o Eu pós-convencional em Habermas no qual o indivíduo (*Ego*) resgata para si o direito de construir-se a si mesmo em permanente diálogo com os demais (*alter*) utilizando-se de atos de fala fundados em regras discursivamente elaboradas (JUSTINIANO, 2008, p. 45). Para haver o acordo é necessária coordenação das ações entre os atores, que buscam compartilhar o mundo da vida e fazer interpretações em comum. Influências e intervenções de fora descaracterizam o processo. Inexiste acordo, portanto, quando há gratificações ou ameaças.

No agir comunicativo os falantes são motivados pelo outro a agir racionalmente em função do efeito ilocucionário de comprometimento que os atos de fala provocam. Um acordo racionalmente motivado entre todos os envolvidos só é possível de ser compreendido a partir dos estudos de Austin, que conferem à fala um sentido de ato, que não é assertórico (descrever algo), mas pragmático, ou seja, leva o outro a aceitar pressupostos pragmáticos da comunicação. As condições do discurso e o acordo racional obtido dependem de uma situação ideal de fala, que se caracteriza pela simetria de oportunidades dos que participam do diálogo (HERMANN, 2012).

Para Aragão, quando falantes e ouvintes assumem um enfoque performativo por meio do uso dos pronomes pessoais, cada *ego* defronta-se com o outro na forma de *alter ego* e reconhece-se a si próprio na sua absoluta diferença em relação ao outro:

Do ponto de vista pragmático, a linguagem assume relevância enquanto elemento mediador das relações que os falantes estabelecem entre si, quando se referem a algo no mundo. Quando eles assim o fazem, assumem os papéis dialogais de *ego* e *alter* em que *ego* utiliza-se de um ato-de-fala para expressar um estado-de-coisas referentes ao mundo, para o qual busca anuência de *alter*, isto é, utiliza-se de um ato-de-fala que traz em si implicitamente a pretensão de ser verdadeiro e poder ser reconhecido como tal por *alter*. *Alter*, por sua vez, vai reagir à oferta do conteúdo do proferimento de *ego* adotando uma posição de “sim” ou “não” em relação a esse conteúdo e, conseqüentemente, de concordância ou discordância em relação à pretensão de validade embutida no conteúdo do proferimento de *ego* (ARAGÃO, 2006, p. 28-29).

Ressalta-se, porém, as diferenças do que Habermas trata de agir comunicativo e de agir estratégico:

O agir comunicativo distingue-se, pois, do estratégico, uma vez que a coordenação bem-sucedida da ação não está apoiada na racionalidade teleológica dos planos individuais de ação, mas na força motivadora dos atos de entendimento, portanto, numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente (HABERMAS, 1990).

Em relação ao agir estratégico, como mostra o quadro a seguir, quando a linguagem natural é utilizada para meio de transmissão das informações, há efeitos da coordenação das ações que são guiados pelas influências de determinados atores sobre os outros – indução do comportamento – e ficam enfraquecidas as forças ilocucionárias de ligação. O sucesso ilocucionário está em compreender e aceitar. Ao passo que o sucesso perlocucionário acontece quando os fins e efeitos vão além dos sucessos ilocucionários (PINZANI, 2009, p. 84).

Quadro 5 - Tipos de ação

Orientação da ação Situação da ação	Orientação pelo êxito	Orientação pelo entendimento
Não social	Agir instrumental	-----
Social	Agir estratégico	Agir comunicativo

Fonte: Habermas (2012, p. 495).

Siebeneichler (2010, p. 21) cita que é a partir das teses de Herbert Marcuse e Max Weber que Habermas distingue três tipos fundamentais de agir ou ação: a) agir teleológico ou instrumental é quando o agente realiza um fim ou provoca um estado de coisas desejado à proporção que escolhe meios adequados e os aplica; b) agir estratégico acontece mediante o qual o agente insere no cálculo do sucesso de sua ação a expectativa das decisões e atitudes de outro agente e c) agir comunicativo que é a forma primordial e paradigmática do agir humano.

Para Habermas (1996, p. 46) a intenção universal-pragmática básica da teoria do ato de fala fica expressa na análise das unidades de discurso elementares

(expressões) de uma perspectiva semelhante àquela a partir da qual a linguística analisa as unidades da linguagem (frases). O êxito de um ato de fala comunicativo depende de um acordo sobre a razoabilidade das pretensões de validade nele exteriorizadas (SIEBENEICHLER, 2010, p. 23). Distinções semióticas são resumidas no esquema a seguir:

Quadro 6 - Distinções semióticas do estabelecimento de relações interpessoais

Nível Teórico	Nível Teórico
Linguística	Frases
Gramática	Frases de uma determinada Língua
Teoria Gramatical	Regras para criar frases em qualquer língua
Aspectos da análise linguística	
Teoria Fonética	Inscrições (sons da língua)
Teoria sintáctica	Regras sintáticas
Teoria semântica	Unidades Lexicais
Pragmática	Actos de fala
Pragmática empírica	Actos de fala determinados pelo contexto
Pragmática universal	Regras de utilização das frases nas expressões
Aspectos da análise pragmática-universal	Actos de referência e predicação
Teoria das proposições elementares	Expressão linguística de intenções
Teorias das frases na 1ª pessoa	Estabelecimento de relações interpessoais

Fonte: Habermas (1996, p. 56).

Pinzani cita alguns exemplos:

O ato locucionário diz respeito à dimensão meramente linguística (p.ex., “o meu amigo me diz amanhã te visitarei”); o ato ilocucionário atribui ao enunciado um determinado papel que pode ser compreendido somente em um determinado contexto (isso me permite saber se meu amigo está simplesmente afirmando que amanhã me visitará ou se está prometendo fazê-lo); o ato perlocucionário se refere ao efeito extralinguístico (vou comprar uma garrafa de vinho para tomá-la com meu amigo amanhã) (PINZANI, 2009, p. 84).

O núcleo da teoria do agir comunicativo de Habermas e da correspondente teoria da verdade pode ser resumido da seguinte forma: usar a linguagem significa, essencialmente, avançar pretensões de validade que devem poder ser justificadas discursivamente. Por isso, ao lado de uma teoria discursiva da verdade, Habermas elabora uma pragmática universal cujo papel é expor as condições da comunicação (PINZANI, 2009, p. 80). Siebeneichler (2010, p. 23) considera que a “teoria do agir comunicativo coloca em jogo um processo discursivo de entendimento que visa a um consenso apoiado em razões ou argumentos”.

O conceito de compreensão, que para Pinzani (2009, p. 81) é tão importante para Habermas, contém um elemento potencialmente crítico, pois se permite questionar o conteúdo comunicado por um falante ou transmitido pela tradição e verificar a validade dele:

Cada ação comunicativa se funda em um ato hermenêutico de compreensão que pode sempre levar a um questionamento das suas pretensões de validade e, eventualmente, a um discurso no qual tais pretensões devem ser fundamentadas (PINZANI, 2009, p. 81).

Após a virada paradigmática, pelo contrário, a verdade de um enunciado pode ser demonstrada também com base em razões que podem ser reconhecidas por uma comunidade de participantes da comunicação. O papel, que no antigo paradigma era atribuído à consciência, passa, no novo paradigma, a uma comunicação mediada por argumentos (PINZANI, 2009, p. 82). Uma comunicação “funcionando convenientemente proporciona os critérios que permitem dizer o que não fica bem quando uma comunicação é interrompida, parasitada: assimetria, não respeito ao outro, impossibilidade de recorrer ao melhor argumento” (DUPEYRIX, 2012, p. 50).

Habermas reconhece o poder da argumentação apresentando as diferenças entre assertabilidade e verdade:

As qualidades formais da argumentação ganham relevância na consideração da diferença entre assertabilidade e verdade. Porque “no último instante” evidências concludentes e argumentos convincentes falham e opiniões mesmo tão bem fundamentadas podem ser falsas, somente a qualidade do processo discursivo de certificação da verdade fundamentada a cada vez acessíveis estejam realmente disponíveis e, no final, também “contem”. Inconsistências percebidas, que despertam a suspeita “de que aqui sobretudo não se argumenta”, se manifestam primeiramente quando participantes evidentemente relevantes são deixados de fora, contribuições relevantes são reprimidas, e tomadas de posição de sim e não são manipuladas ou condicionadas através de influências de outro tipo (HABERMAS, 2002, p. 69).

No esquema a seguir, Habermas (1996, p. 98-102) apresenta uma tabela que representa esquematicamente as correlações válidas para: (i) os domínios da realidade com os quais todos os atos de fala assumem uma relação; (ii) as atitudes do falante que se destacam em determinados modos de comunicação; (iii) as pretensões de validade sob as quais as relações com a realidade são estabelecidas e (iv) as funções gerais que as frases gramaticais assumem nas suas relações com a realidade.

Quadro 7 - Representação esquemática das correções válidas

Domínios da realidade	Modos de comunicação: atitudes básicas	Pretensões de validade	Funções gerais do discurso
“O” mundo de natureza externa	Cognitivo: atitude objectivante	Verdade	Representação de factos
“Nosso” mundo de sociedade	Interactivo: atitude conformativa	Acerto	Estabelecimento de relações interpessoais legítimas
“Meu” mundo de natureza interna	Expressivo: atitude expressiva	Sinceridade	Revelação da subjectividade do falante
Linguagem	-----	Inteligibilidade	-----

Fonte: Habermas (2006, p. 102)

Estejam elas relacionadas ou a questões do direito e da moral ou a hipóteses científicas e obras de arte – todas as argumentações exigem a mesma forma básica de organização relativa à procura cooperativa da verdade, que subordina os meios da erística ao objetivo de gerar convicções intersubjetivas, em virtude dos melhores argumentos. (HABERMAS, 2012, p. 79) O conceito do agir comunicativo pressupõe a linguagem como médium de uma espécie de processos de entendimento ao longo dos quais os participantes, quando se referem a um mundo, manifestam de parte a parte pretensões de validade que podem ser aceitas ou contestadas (HABERMAS, 2012, p. 191). É o “telos do entendimento”, ou seja, o conceito do acordo obtido discursivamente que se mede pelo reconhecimento intersubjetivo, ou seja, pela dupla negativa de pretensões de validade criticáveis (HABERMAS, 2003, p. 211, grifos do autor).

A pretensão de validade alimenta-se do envolvimento entre quem fala e quem ouve como mostra a teoria dos atos de fala, dentro de um contexto hermenêutico. “Esta confiabilidade de caráter social-hermenêutico é que constitui o chão próprio da verdade, para trás, a ressonância do sentido pressuposto, e, para frente, a expectativa de corresponder o consenso” (DEMO, 1997, p. 230). Habermas salienta a necessidade de discussão e argumentação para garantir que os participantes estejam cientes das questões e das implicações de tópicos de discussão. As diferentes necessidades, interesses e opiniões de todas as partes interessadas devem ser discutidos em um fórum público para que outros possam debater, questionar e analisar as perspectivas de cada um (ROSS; CHIASSON, 2011, p. 135).

A prática da argumentação é, portanto, uma opção valiosa para produzir entendimentos sem necessidade da ação estratégica ou mesmo o uso direto da força:

Somos assim lançados numa exigência de argumentação por parte da racionalidade comunicativa para avaliar as pretensões de validade conectadas com as expressões, e substituir o uso da força externa por um tipo de comunicação que implica em não-coercitividade, como é o caso da ação comunicativa que visa alcançar entendimento. A argumentação é aquele tipo de discurso em que os participantes tematizam exigências de validade contestadas e tentam resgatá-las ou criticá-las através dos argumentos; e onde a “força” de um argumento é medida num

contexto dado pela solidez das razões. Isto pode ser visto quando um argumento é capaz ou não de convencer os participantes num discurso, isto é, motivá-los a aceitar a exigência de validade em questão (ARAGÃO, 2006, p. 36).

Habermas sugere dois princípios para a aceitação e validação do conhecimento, inclusive de normas morais: (i) princípio U (Universalização), que atende à base lógica, para poder garantir a validade universal dos procedimentos; (ii) princípio D (Discurso), que atende à necessidade de comunicação participada, para permitir um consenso, ao mesmo tempo, lógico e democrático (DEMO, 1997, p. 231). Habermas chega a esta fórmula estimulado não somente por Apel, mas também por um trabalho de F. Kambartel que cria, em 1974, uma fórmula semelhante. Ele também reconhece que o seu princípio D recebe reforços consideráveis de R. Alexy (SIEBENEICHLER, 2010, p. 11). “O princípio (D) habermasiano tem o papel de esclarecer que o princípio (U) exprime apenas o conteúdo normativo de um processo de formação discursiva da vontade” (CENCI, 2012, 109).

Toda a ética formalista tem de ser capaz de indicar um princípio que permita fundamentalmente conduzir a um consenso de motivação racional acerca de questões prático-morais controversas. Como regra de argumentação: (U) Todas as normas em vigor têm de cumprir a condição de que as consequências e efeitos secundários, provavelmente decorrentes de um cumprimento geral dessas mesmas normas a favor da satisfação dos interesses de *cada* um, possam ser aceites voluntariamente por *todos* os indivíduos em causa (HABERMAS, 1991, p.34).

Habermas (2010) explica a pretensão de validade a partir dos enunciados:

A verdade é uma pretensão de validade que associamos a enunciados na medida em que os afirmamos. As afirmações pertencem à classe dos actos de fala constativos. Ao afirmar algo, faço valer a pretensão de que o enunciado que afirmei é verdadeiro. Posso fazer valer esta pretensão de forma legítima ou de forma ilegítima. As afirmações não podem ser nem verdadeiras nem falsas, são, isso, sim, legítimas ou ilegítimas (HABERMAS, 2010, p. 183).

Pode-se elucidar o que é uma pretensão de validade com recurso ao modelo da pretensão jurídica. Uma pretensão pode ser reclamada, isto é, feita valer, pode ser contestada e defendida, rejeitada ou reconhecida. Pretensões que são reconhecidas são válidas. A circunstância de pretensões de validade realmente

encontrarem reconhecimento pode ter muitos motivos (ou causas). No entanto, se e enquanto da “própria coisa” (grifo do autor) puder ser deduzido uma razão suficiente para o reconhecimento de uma pretensão de validade, dizemos que esta é reconhecida porque e exclusivamente porque é legítima (ou se afigura legítima aos que a reconhecem). Uma pretensão é designada por legítima se e na medida em que pode ser sustentada. “É que a validade legítima de uma pretensão garante a fiabilidade com que as expectativas resultantes de uma determinada pretensão são satisfeitas” (HABERMAS, 2010, p. 183).

Na primeira linha do esquema que segue, Habermas (2010, p. 202) aponta que a teoria consensual da verdade tem a vantagem de distinguir sistemas em que se adquirem experiências, transmitem-se informações e levam-se a cabo ações de discursos em que as pretensões de validade problematizadas podem ser clarificadas por meio da argumentação. As teorias da verdade transcendentais confundem as condições da objetividade da experiência possível com as condições da revalidação discursiva de pretensões de verdade que apenas estão fundadas na experiência.

Entre as segundas e quartas linhas do mesmo esquema, a teoria consensual da verdade tem a vantagem de distinguir entre pretensões de validade intersubjetivas e vivências de certeza apenas subjetivas. Algumas teorias, segundo Habermas (2010, p. 202), pelo contrário, “escolhem um determinado tipo de vivências de certeza como modelo de verdade enganador”. Observa-se, ainda na metade inferior do mesmo esquema, que a teoria consensual da verdade tem a vantagem de distinguir pretensões de validade discursivas das suas congêneres não discursivas.

Algumas teorias da verdade, pelo contrário, como afirma Habermas (2010, p. 202), confundem o conceito de verdade, interpretado de forma quer restritiva, quer extensiva, com a compreensibilidade, com a correção ou com a sinceridade.

Quadro 8 - Modelos de verdade enganadores

Objectividade da experiência	Teoria transcendental da verdade
Certeza sensível	Teoria do retrato da verdade
Certeza não sensível	Teoria da evidência da verdade
Certeza de fé	[Teoria voluntarista da verdade]
Sinceridade	[Teoria da manifestação da verdade]
Correcção	Teoria do êxito da verdade
Compreensibilidade	Teoria analítica da verdade

Fonte: Habermas (2010, p. 203).

A pretensão de validade implicitamente contida em afirmações levadas a cabo de forma ingênua é explicitamente articulada nas constatações metalinguísticas, sendo, em seguida, ou confirmada ou negada (HABERMAS, 2010, p. 184). A ideia da verdade apenas pode ser desenvolvida com referência à revalidação discursiva de pretensões de validade (HABERMAS, 2010, p. 189). A verdade, pelo contrário, não é uma propriedade de informações, mas sim de enunciados (HABERMAS, 2010, p. 190).

Para distinguir entre enunciados verdadeiros e falsos, Habermas faz referência à avaliação de outros – a saber, ao juízo de todos os outros com que alguma vez pudesse entabular um diálogo. A condição para a verdade de enunciados é a concordância potencial de todos os outros. A verdade de uma proposição significa a promessa de alcançar um consenso racional sobre aquilo que é dito (HABERMAS, 2010, p. 190).

Diálogo e discurso, esclarece Hermann (2012), referem-se a diferentes modos de ação comunicativa que podem ser esclarecidos pelo recurso à etimologia da palavra. Diálogo provém do grego *dia-logos*, que significa por meio da conversa, ou seja, uma conversa recíproca entre duas ou mais pessoas. Diferentemente do diálogo, o discurso provém do termo latino *discurs*, que significa correr separados, correr para cá e para lá, dispersar-se. Constitui-se numa situação de conversa em que as contribuições de um e de outro estão relacionadas e orientadas ao entendimento. Enquanto o diálogo filosófico realiza-se entre dois participantes, o

discurso busca um entendimento pela discussão pública de participantes separados numa polifonia incômoda, própria das sociedades pluralistas.

O discurso está além do encontro pessoal, não é privado, mas se dá numa esfera pública. A preferência de Habermas pelo discurso deve-se ao seu ceticismo em relação a um diálogo platônico-metafísico e em seu interesse na estrutura não existencial de uma esfera pública política que ultrapassa o plano pessoal. O discurso é uma forma especial de comunicação em que os participantes reagem diante de uma determinada perturbação (HERMANN, 2012).

Acerca de *Öffentlichkeit* (esfera pública) Marcondes Filho diz que a língua alemã dispõe desse termo:

[...] para caracterizar uma situação muito específica, para a qual as demais línguas não possuem termo ou conceito equivalente. Esfera pública não é opinião pública, não é espaço público, menos ainda publicidade. Ela encerra instituições (o poder público, a imprensa, organizações, atividades, a opinião pública), os ambientes (salões, cafés, ruas, praças) e o público numa discussão aberta e realizando uma experiência comum. [...] Esfera pública compreende, por exemplo, toda uma cena social, com todos os seus componentes, sua energia própria, a emocionalidade e a vibração que ela provoca no campo da política. (MARCONDES FILHO, 2011, p. 105).

A opinião pública assume um significado diferente conforme é reivindicada para si a condição de uma instância crítica em relação à publicidade normativamente imposta da execução do poder político e social ou sirva como instância receptiva em relação à publicidade manipulativamente difundida de pessoas e instituições, bens de consumo ou programas. Habermas (1978, p. 187) considera que “na esfera pública, ambos os tipos de publicidade estão presentes, mas “a” opinião pública é sua destinatária comum”.

No esquema a seguir, Habermas (1996, p. 88) considera que na utilização cognitiva da linguagem, o falante deve, em sentido trivial, expressar os seus sentimentos, opiniões, conclusões etc. Ao afirmar uma proposição, no entanto, aquilo que importa não é veracidade das suas intenções, mas, sim, a verdade dessa mesma proposição. Na utilização interativa da linguagem, da mesma forma, o falante expressa intenção de garantir, censurar, recusar etc. Ao estabelecer uma relação interpessoal com o ouvinte, a veracidade das suas intenções é apenas uma condição necessária, ao passo que aquilo que é importante é que a ação se adeque a um contexto normativo reconhecido.

Quadro 9 - Modos de utilização da linguagem

Modo de comunicação	Tipo de acto de fala	Tema	Pretensão de validade temática
Cognitivo	Constativo	Conteúdo proposicional	Verdade
Interactivo	Regulativo	Relação interpessoal	Acerto, adequação
Expressivo	Confissões	Intenções do falante	Veracidade

Nota: os modos de utilização da linguagem apenas podem ser demandados paradigmaticamente entre si. Não estamos a defender que todas as sequências de actos de fala podem ser equivocadamente classificadas segundo estes pontos de vista. Estamos apenas a afirmar que qualquer falante competente terá em princípio a possibilidade de seleccionar inequivocamente um modo, dado que em qualquer acto de fala *deverá* apresentar quatro pretensões de validade universais, de forma a *poder* salientar uma de três pretensões de validade universais, de forma a *poder* salientar uma de três pretensões de validade universais que lhe permitirão tematizar uma componente do discurso.

Fonte: Habermas (1996, p. 88)

A teoria consensual da verdade tem a vantagem de distinguir sistemas em que se adquirem experiências, transmitem-se informações e leva a cabo ações de discursos em que as pretensões de validade problematizadas podem ser clarificadas por meio da argumentação. (HABERMAS, 2010, p. 202). Se as pretensões de verdade não fossem revalidadas pela argumentação, mas sim por experiências, os progressos teóricos dependeriam da produção de experiências novas, e não de novas interpretações das mesmas experiências (HABERMAS, 2010, p. 206).

Almeida (1989, p. 126-129) completa que a teoria consensual da verdade defendida por Habermas pode ser entendida em três sentidos diferentes. No primeiro, ela consiste na tese de que o consenso é o critério ou condição de verdade de todo enunciado. No segundo, a teoria consensual defende a tese de que não é um consenso factual, mas o consenso tomado em sentido normativo como consenso fundamentado que é o critério ou a condição de verdade. No terceiro, defende-se a tese de que as regras de justificação são regras pragmáticas no sentido de regras constitutivas do diálogo ou da comunicação e, mais particularmente, da comunicação argumentativa.

Uma pretensão de validade pode ser manifestada por um falante diante de (no mínimo) um ouvinte e equivale à afirmação de que as condições de validade de uma exteriorização tenham sido cumpridas. Não obstante o falante manifestar uma pretensão de validade implícita ou explicitamente, o ouvinte só tem a opção de aceitá-la, rejeitá-la ou adiá-la temporariamente. (HABERMAS, 2012, p. 82-83). Pode entender-se a partir de sua analogia com uma “pretensão ou demanda jurídica”: uma pretensão pode fazer-se valer, pode discutir-se ou defender-se, pode rejeitar-se ou reconhecer-se (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p. 58).

Habermas (1996, p. 212-213) demonstra, no quadro a seguir, que a relação entre a racionalidade comunicativa e a linguagem não deve ser interpretada de forma precipitada. Para ele, nem todos os usos da linguagem apresentam uma natureza comunicativa (ver a primeira entrada do esquema), da mesma forma que nem toda comunicação linguística serve para se obter um entendimento com base nas pretensões de validade intersubjetivamente reconhecidas (ver última linha do esquema).

Quadro 10 - Pretensões de validade intersubjetivamente reconhecidas

Tipos exemplares	Modos de utilização
Frases proposicionais e intencionais utilizadas “mentalmente” (representação “pura” e planeamento “monológico” da acção)	Não comunicativo
Expressões de vontade normativamente não imbuídas	Orientadas para o entendimento (<i>Verständigung</i>)
Actos completamente ilocutórios (expressivos, normativos, constatativos)	Orientadas para a concordância (<i>Einverständnis</i>)
Perlocuções	Orientadas para as consequências (entendimento mútuo indirecto – <i>Verständigung</i> -)

Fonte: Habermas (1996, p. 213)

Siebeneichler (2010, p. 9) indica que para compreender adequadamente as

implicações do conceito de intersubjetividade na obra de Habermas, é necessária, inicialmente, uma referência à fenomenologia de Edmund Husserl e, especialmente, à sociologia de Alfred Schütz, um dos seguidores mais importantes desta fenomenologia. Schütz, ao discutir as perspectivas abertas pela teoria husserliana, bem como os impasses intransponíveis nos quais ela desembocou, chegou à conclusão de que era necessário abandonar as tentativas visando fundamentar a intersubjetividade pelo caminho de uma redução fenomenológica.

A melhor solução seria, a partir de Schütz, tomar como um pressuposto o fato de que a intersubjetividade constitui um problema ineludível decorrente das características do mundo da vida não sendo, por esta razão, solucionável por nenhum tipo de análise, seja ela, fenomenológica, transcendental, linguística ou estrutural. Em relação a Habermas, a intersubjetividade é, ao mesmo tempo, pressuposto e resultado, intermitente, da linguagem comum e dá origem e fundamenta o agir comunicativo entre um *alter* e um *ego*, que é a base de qualquer processo social (SIEBENEICHLER, 2010, p. 10). A intersubjetividade presente na ética discursiva implica o entrecruzamento da perspectiva individual com a de todos (HERMANN, 2012).

O conceito “razão comunicativa” ou “racionalidade comunicativa” pode ser tomado como sinônimo de agir comunicativo porque constitui o entendimento racional a ser estabelecido entre participantes de um processo de comunicação que se dá sempre por meio da linguagem. Estes participantes podem estar voltados, de modo geral, para a compreensão de fatos do mundo objetivo, de normas e de instituições sociais ou da própria noção de subjetividade. É por isso que Habermas julga-se dispensado de explicitar em separado as características singulares da racionalidade comunicativa (SIEBENEICHLER, 1989, p. 177-178, grifos do autor).

Siebeneichler conclui acerca da razão comunicativa:

[...] a razão comunicativa – pelo fato de transparecer no agir comunicativo e na troca de argumentos sobre o que experimentamos no mundo e sobre o que pensamos em geral – é pública. Por conseguinte, não pode ser tida na conta de uma inteligência que apenas conhece e calcula secretamente. Ela está interligada com os demais tipos da racionalidade humana que sintetiza as raízes da racionalidade comunicativa (SIEBENEICHLER, 2010, p. 24).

A razão comunicativa proposta por Habermas é essencialmente dialógica,

substituindo o conceito monológico da razão pura de Kant. Ela não mais se assenta no sujeito epistêmico, mas pressupõe o grupo numa situação dialógica ideal. A verdade produzida nesse novo contexto é processual e depende dos membros integrantes do grupo. Nesta nova concepção da razão comunicativa, a linguagem torna-se elemento constitutivo. A perspectiva linguística introduzida na reflexão da teoria da ação comunicativa parte do dado pragmático da linguagem como base, “chão” de todo processo interativo que abrange as práticas comunicativas dos três mundos: dos objetos, das regras, do sujeito (FREITAG, 2005, p. 101, grifo do autor).

Hermann (2012) destaca que desde os anos setenta tem surgido novas preocupações com a justificação da ética decorrentes do impacto da crise da razão e, também, da dissolução de normas e estilos de vida tradicionais. Algumas dimensões dessa crise expressam-se nos problemas do meio ambiente, na proliferação de novas guerras, nos conflitos religiosos, na fome e na miséria do mundo, na nova estruturação das relações globais, na violência etc. Contemporaneamente, as pessoas orientam-se por uma pluralidade valorativa e as normas universais, nos termos Kantianos, entram em descrédito.

González de Gómez e Gracioso (2007b) afirmam que a “presença, disseminação e importância dos saberes dos outros é, porém, uma das riquezas e um dos riscos de toda cultura, e mais que nunca, do mundo contemporâneo”. Compreende-se um ato discursivo quando se entende o que o faz aceitável. Nesse quadro, Habermas não fala de verdade, mas de pretensões ou demandas de validade.

Como “pretensões de validade”, as ofertas enunciativas do falante são colocadas em jogo numa relação intersubjetiva e estão sempre sujeitas à aceitação ou rejeição do ouvinte. Sua validade depende assim das garantias, ou das boas razões que o falante pode oferecer para sustentar suas afirmações. Pretensões ou demandas de validade (entre as quais, a demanda de verdade objetiva), “dependerão sempre das justificativas que as sustentem, sob a premissa de uma racionalidade condicional e histórica” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007a).

Essas pretensões de validade correspondem a três atos de linguagem: constataativos, avaliativos/normativos e subjetivos/expressivos. Dupeyrix (2012, p. 48) exemplifica cada um desses casos:

a) ato de linguagem constataativo: “O Olympique Lyonnais ganhou sete vezes

consecutivas o campeonato da França”. O locutor refere-se aqui a acontecimentos, fatos objetivos (faz uma constatação no mundo) – que ele pode eventualmente precisar, provar objetivamente.

- b) ato de linguagem avaliativo/normativo: “O Olympique não está no nível de qualidade para ganhar a Liga dos Campeões este ano”. O locutor faz um julgamento, avalia as performances e as capacidades do clube Olympique.
- c) ato de linguagem subjetivo//expressivo: “Eu queria mesmo era ter sido jogador de futebol”. Esse enunciado faz intervir a sinceridade do locutor.

“O discurso desempenha o papel de um enunciado com pretensão e validade problematizada” (HABERMAS, 2010, p. 188). Decerto que o conteúdo informativo se apoia em fatos, mas só depois de uma informação ser posta em causa e o conteúdo da informação for posto à discussão, do ponto de vista da possibilidade, fala-se de fatos que são afirmados por (pelo menos) um proponente e contestados por (pelo menos) um oponente (HABERMAS, 2010, p. 187). Discursos requerem, em primeiro lugar, uma suspensão de constrangimentos à ação que deve levar a que todos os motivos, com a única exceção da disposição cooperativa para o entendimento, possam ser revogados (e a que questões de validade possam ser separadas das de gênese) (HABERMAS, 2010, p. 185).

O resultado de um discurso não pode ser decidido unicamente nem por constrangimento lógico nem por constrangimento empírico, mas sim pela “força do melhor argumento” (grifo do autor). Habermas designa esta força por *motivação racional* (grifo do autor) (HABERMAS, 2010, p. 212). Um argumento é a fundamentação que pretende motivar-nos a reconhecermos a pretensão de validade de uma afirmação ou de um imperativo, ou então de uma avaliação (HABERMAS, 2010, p. 214). Para Siebeneichler (2010, p. 27) a “sociedade compõe-se apenas de participantes, muitos dos quais se encontram em processo de busca sincera da verdade, no qual o que conta são os melhores argumentos”.

Como destaca Freitag (1988, p. 59), é nisso que consiste a racionalidade para Habermas: “não faculdade abstrata, inerente ao indivíduo isolado, mas procedimento argumentativo pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, à justiça e à autenticidade”. É tanto no diálogo cotidiano, como no discurso, que todas as verdades anteriormente consideradas válidas e inabaláveis podem ser questionadas e todas as relações sociais são

consideradas resultado de uma negociação na qual se busca o consenso e respeita-se a reciprocidade fundados no melhor argumento.

Sobre discurso e argumento, González de Gómez comenta:

Discurso designa uma forma de comunicação deliberativa, em contextos de crítica e debate, na qual são tematizadas as pretensões de validade quando a busca do entendimento mútuo acontece em situações de conflito, e são problematizados princípios e normas de validação que passarão a ser examinados à luz de processos argumentativos. Na argumentação, todos os proponentes deverão apresentar “garantias” ou “boas razões” que afiancem suas afirmações, e todos podem aceitar ou rejeitar as proposições apresentadas, até obter-se uma tese aceita por todos – no sentido forte de um consenso – ou uma solução negociada, num sentido fraco do entendimento comum (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p. 58).

Como mostra o quadro a seguir, Habermas, de acordo com Cenci (2012, p. 117), rejeita qualquer hierarquia entre os discursos. Para Habermas, cada esfera discursiva, como âmbito parcial da razão prática, é resultado das diferenciações das interações sociais.

Quadro 11 - Tipos de Discurso

	Discurso teórico empírico	Discurso prático
C	Afirmações	Imperativos/avaliações
Pretensão de validade controversa	Verdade	Correcção/adequação
O oponente exige	Explicações	Justificações
D	Causas (em acontecimentos) motivos (em acções)	Motivos
W	Uniformidades empíricas, hipóteses de leis, etc.	Normas ou princípios de acção/avaliação
B	Observações, resultados de inquiração, constatações, etc.	Indicação de necessidades interpretadas (valores) Consequências, consequências colaterais, etc.

Fonte: Habermas (2010, p. 215).

Racionalidade comunicativa em maior medida, por sua vez, amplia no interior de uma comunidade de comunicação o espaço de ação estratégica para a coordenação não coativa de ações e a superação consensual de conflitos de ação (desde que estes remontem a dissonâncias cognitivas, em sentido estrito) (HABERMAS, 2012, p.43). Em contextos de comunicação, não é chamado de racional apenas quem faz uma asserção e é capaz de fundamentá-la diante de um crítico, tratando de apresentar as evidências devidas. Também é assim chamado de racional quem segue uma norma vigente e se mostra capaz de justificar seu agir em face de um crítico, tratando de explicar uma situação dada à luz de expectativas comportamentais legítimas (HABERMAS, 2012, p. 44).

Exteriorizações racionais, em virtude da possibilidade de serem criticadas, são também passíveis de correção: é possível corrigir tentativas malsucedidas quando despercebidos. O conceito de fundamentação está intimamente ligado ao de aprendizado. Também no caso dos processos de aprendizado a argumentação desempenha um papel importante. (HABERMAS, 2012, p. 49).

O discurso teórico constitui o *medium* em que essas experiências negativas podem ser elaboradas de modo produtivo e, por conseguinte, a forma de argumentação na qual pretensões de verdade controversas podem ser transformadas em tema. Considera-se racional a pessoa capaz de justificar suas ações perante contextos normativos existentes. (HABERMAS, 2012, p.49, grifo do autor).

No esquema a seguir, Habermas (2010, p. 227) dá uma perspectiva de conjunto sobre os graus de radicalização a que, nos discursos, deve-se poder proceder se se pretende que uma explicação teórica ou uma justificação teórica motive racionalmente a aceitação de uma pretensão de validade controversa.

Quadro 12 - Planos do discurso

Graus de radicalização	Discurso teórico	Discurso prático
Acções	Afirmações	Imperativos/avaliações
Fundamentações	Explicações teóricas	Correcção/adequação
Crítica substancial da linguagem	Metateórica Alteração do sistema linguístico e conceitual	Meta-ética/metapolítica
Auto-reflexão	Crítica do conhecimento	Formação de vontades da política do conhecimento

Fonte: Habermas (2010, p. 226)

A forma do discurso teórico, conforme o quadro anterior, tem de permitir uma radicalização sucessiva, quer dizer, a autorreflexão do sujeito cognoscente. Analogamente, a forma do discurso prático tem de possibilitar uma radicalização sucessiva, ou seja, a autorreflexão do sujeito agente. Este é estendido a um desenvolvimento cognitivo por sua vez religado à argumentação. Surge, assim, a questão prática de saber qual é o conhecimento que *devemos querer* depois de sabermos se o que deve valer como conhecimento depende visivelmente da questão teórica de saber qual é o conhecimento que *podemos querer* (HABERMAS, 2010, p. 224-227, grifos do autor).

Freitag faz considerações sobre o conceito de discurso para Habermas:

Habermas chama de “discurso” esse questionamento das “aspirações de validade” embutidas na comunicação quotidiana. É um processo argumentativo acompanhado do esforço de restabelecer um uso *sui generis* da linguagem, que exige a argumentação e a justificação de cada ato da fala por parte dos interlocutores participantes da interação (FREITAG, 2005, p. 101).

Denomina-se racional uma pessoa que interpreta sua natureza elementar à luz de padrões valorativos culturalmente aprendidos. (HABERMAS, 2012, p. 52).

Denomina-se racional uma pessoa que se comporta com disposição positiva diante do entendimento e diante de problemas de comunicação (HABERMAS, 2012, p. 55). Quatro classes de pretensões de validade que partilham uma origem comum: **compreensibilidade da expressão, verdade do componente proposicional, correção do componente performativo e sinceridade da intenção expressa pelo locutor** (grifo nosso). “Estas quatro pretensões de validade apenas se tornam temáticas se o funcionamento de um jogo de linguagem for perturbado e o consenso de fundo for abalado” (HABERMAS, 2010, p. 191-192).

Se a compreensibilidade de uma expressão for problemática, pergunta-se: o que quer dizer? como devo entender isto? o que significa isto? Designam-se as respostas a este tipo de perguntas como interpretações. Se a verdade do conteúdo proposicional de uma expressão for problemática, pergunta-se: As coisas passam-se como diz? Por que são assim e não de outro modo? A estas perguntas responderam com afirmações e explicações. Se for problemática a correção da norma que subjaz ao ato de fala, pergunta-se: Por que é que fez isto? Por que não se comportou de outra forma? Pode fazer isso? Não deve comportar-se de outra maneira? A estas se responde com justificações. Se, por fim, num contexto de interação, for posta em causa a sinceridade de um interlocutor, pergunta-se: Ele está me enganando? Estará enganado sobre si próprio? (HABERMAS, 2010, p. 191-192).

Todo o ato da fala pode ser o cumprimento de uma norma, mas apenas uma determinada classe de atos da fala expressa as relações universais que sujeitos agentes e falantes podem entabular uns com os outros com base em normas enquanto tais. Os exemplos são: comandar, exortar, pedir desculpas, perdoar, aconselhar, avisar, propor, recomendar, rejeitar, admitir, conceder, etc. Podem-se delimitar estes atos da fala regulativos, por um lado, dos atos de fala representativos que se referem ao ato de expressar intenções, atitudes e expressões de um locutor. Os exemplos são: velar, fingir, obscurecer, manter em segredo, regenerar, etc. (HABERMAS, 2010, p. 199).

Um esquema elaborado por Habermas apresenta as pretensões de validade e a relação com a condição da comunicação.

Quadro 13 - Tabela das pretensões de validade

Condição da comunicação	Pretensões de validade		Intenções correspondentes	Vivência de certeza	Fundamento de experiência
	Não Discursivas	Discursivas			
Compreensibilidade					Percepção de signos
	Sinceridade		Compreensão de algo	Certeza não sensível	
	Correcção		Acreditar em alguém	Certeza de fé	Experiências de interação com pessoas e as suas expressões
	Verdade (negociados)		Estar convencido de algo	x	Nenhuma imediata
	x	↑ —	Saber algo	x	Nenhuma imediata
			Ver; perceber algo	certeza sensível	Percepção de coisas e acontecimentos

Fonte: Habermas (2010, p. 194)

Para Habermas (2010, p. 192), conforme esquema anterior, nem todas as quatro pretensões de validade são de molde a serem revalidadas de forma discursiva. As pretensões de sinceridade só podem ser revalidadas em contexto de ação. Por isso ele distingue a sinceridade como uma pretensão de validade não discursiva das pretensões de validade discursivas verdade e correção. Com a pretensão de compreensibilidade já passa um outro modo: no plano semântico, gramatical ou mesmo fonético, ambos podem tentar alcançar um acordo quanto à linguagem que querem utilizar em conjunto. Assim, a compreensibilidade é incluída entre as pretensões de validade discursivas.

A experiência está incluída neste processo na medida em que a compreensão de símbolos se apoia diretamente na percepção de sinais. O ato da compreensão, que é dependente da percepção de sinais, é acompanhado de vivências de certeza de um tipo que Habermas designa por *certeza não sensível* (grifo do autor). Em relação à *certeza de fé* (grifo do autor) depende de experiências comunicativas. Essas certezas distinguem-se de uma forma característica dessa *certeza sensível* (grifo do autor) que se encontra imediatamente associada a percepções. “Perceber algo significa estar certo das coisas e dos acontecimentos percebidos” (HABERMAS, 2010, p. 195).

Como pretensão de validade, aos atos da fala constatativos encontra-se associada à verdade, aos atos de fala representativos, a sinceridade, já aos atos da fala regulativos não se pode associar do mesmo modo a correção. É que ao tentá-lo, revela-se que a pretensão de validade associada aos atos da fala regulativos é pedida emprestada à validade fática de uma norma já pressuposta (HABERMAS, 2010, p. 199). Habermas esforça-se em problematizar questões contemporâneas à luz do horizonte epistemológico que oferece a filosofia em interlocução com as ciências humanas e sociais nas abordagens inter e pós-disciplinares. É nessa direção do pensar o presente que perguntar pela informação remete-se ao lugar que a linguagem ocupa no cenário contemporâneo (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 177).

O quadro seguinte, que fora elaborado pelo próprio Habermas, apresenta um panorama geral dos diferentes tipos de saber e de ação, das respectivas formas de argumentação e dos modelos de saber transmitido:

Quadro 14 - Panorama dos tipos de saber e de ação da argumentação e dos modelos de saber

Tipos de Ação	Tipo de saber incorporado	Forma de argumentação	Modelo de saber transmitido
Agir teológico, estratégico instrumental	Saber aproveitável técnica e estrategicamente	Discurso teórico	Tecnologias e estratégias
Atos de fala constataivos (conversação)	Saber teórico empírico	Discurso teórico	Teorias
Atos de fala regulativos Agir regulado por normas Atos de fala expressivos Agir dramático	Saber prático-moral Saber prático-estético	Discurso prático Crítica estética e terapêutica	Representações do direito e da moral Obras de arte

Fonte: Siebeneichler (2003, p. 113)

A informação, para Habermas, seria aquilo que se constitui em dois pontos de difícil sutura, em que será colocada em jogo a função integradora da linguagem: entre a representação e a abdução linguística e entre os usos sistêmico-administrativos e os usos comunicacionais da linguagem (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 183). Habermas resgata primeiro o conceito de informação como momento da relação do homem com o mundo. Informações “constituem-se nos processos de objetivação, em contextos de ação, ancorados no tempo e no espaço, e oferecem garantias performativas à práxis, na lida com objetos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 185).

González de Gómez completa a ideia de informação para Habermas:

Por sua vez, a informação terá para Habermas uma dupla ancoragem – sócio-cognitiva e instrumental-estratégica. Por um lado,

a informação estaria ancorada naquela temporalidade que atrela corpo e cultura numa configuração diferenciada da *aisthesis* e permite a abertura de múltiplas perspectivas sobre o mundo. Associada a algumas das plurais possibilidades heurísticas das ações – cotidianas e especializadas – a informação designaria uma diferença que se instala nas experiências de confronto entre nossas expectativas prévias e do que acontece em nossas relações atuais com o mundo. Por outro lado, a informação, enquanto codificada, reconstitui-se através dos meios, nas zonas de trocas e negociação entre os sistemas e os mundos da vida – mediação porém constituída numa relação histórica e não “lógica”, plausível, então, de ambivalências e de transformações (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009b, p. 117).

As informações constituem, assim, uma zona de negociação entre os mundos da vida e o mundo. A comunicação intersubjetiva, porém, está em dependência do que o mundo “decide” comunicar, seja sobre a existência dos objetos a que remetem as informações, seja acerca dos estados de coisas no mundo descritos em proposições assertóricas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 186).

Discurso designa uma forma de comunicação (ou metacomunicação) na qual são tematizadas as pretensões de validade que se constituem nos processo de busca do entendimento mútuo, mas que se tornaram problemáticas e que passarão a ser examinadas à luz de processos argumentativos. Para iniciar o discurso é preciso sair do contexto da ação, esclarece González de Gómez (2009b, p. 125). Nos discursos não intercambiamos informações (que remetem a objetos ou estados de coisas no mundo), mas argumentos que servem para justificar ou rejeitar pretensões de validade problematizadas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 188).

Na concepção de Habermas, falar de argumentação implica, em primeiro lugar, referir-se a atos (e não a textos ou proposições) e a atores. Cada participante da argumentação pode e deve assumir por sua vez o papel do proponente (oferta enunciativa) e do oponente (aceita ou não a oferta enunciativa). As pretensões de validade do proponente eventualmente podem e devem ser resgatadas, colocando-se em jogo as garantias argumentativas – as boas razões em que sustenta a oferta enunciativa inicial (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 193).

O conceito de argumentação, para González de Gómez, é nele mesmo explanatório de algumas das mais importantes orientações do pensamento de Habermas:

processo de argumentação é o lugar em que se manifestam em sua

plenitude condições de legitimação que atendem ao projeto procedimentalista de democracia e que pode-se considerar um resgate formal da razão pública dos modernos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009b, p. 117).

Toda ação espontânea do uso social da linguagem inclui a matriz dialógica da relação nós-outros (ou *ego-alter*). Em contextos de argumentação não se impõem as relações lógicas formais entre proposições nem a estrutura hipotético-dedutiva dos discursos verificacionistas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 193-194). O agir comunicativo é uma forma de interação social na qual o plano de ação de vários agentes é coordenado mediante o intercâmbio de atos comunicativos – por intermédio do uso da linguagem verbalizada ou de expressões extraverbais correspondentes – orientados à obtenção do entendimento (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 197).

Siebeneichler (2010, p. 15) aponta que Habermas toma como ponto de partida a interação social que é viabilizada por exteriorizações linguísticas. Tal interação também pode ser entendida como a solução de um problema de acoplagem entre as ações de *alter* e de *ego*. Se a acoplagem for bem sucedida há uma redução do espaço de possibilidades de escolhas conflitantes. Em relação à interação, dependendo do modo como os planos de ação de *alter* venham a ser acoplados aos de *ego*, em um primeiro caso, a linguagem comum é utilizada apenas como *medium* para a transmissão de informações (agir estratégico). No segundo caso, a linguagem é utilizada, também, como fonte de integração social ou de entendimento entre *alter* e *ego* (agir comunicativo).

A diferença entre informação e argumento estaria, assim, não em um horizonte lógico ou ontológico transcendente, mas nas formas como se constituem no *medium* da linguagem, e as expectativas e compromissos intersubjetivos sobre as instâncias de valor em que se sustentam, respectivamente, condições de confiabilidade e demandas de validação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 199). Pessoas de culturas diferentes, para entender-se numa conversação, são obrigadas a adotar reciprocamente as perspectivas de locutor/audiência (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 195).

Nos atos de fala estabelecem-se metas ilocucionárias comuns entre os participantes (*ego* e *alter*), segundo González de Gómez:

[...] metas que só podem se estabelecer por meio dos usos comunicativos de linguagem. Tais atos de fala são, porém, eles mesmos dotados de materialidade: pertencem ao mundo objetivo, seja enquanto emissões num médium físico ou energético, seja enquanto dão ancoragem tempo-espacial a convenções institucionais – como categorias, classificações e padrões -, tendo efeitos, nos dois casos, e tal como outras formas de intervenção instrumental, sobre o mundo objetivo (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009c, p. 119).

A constituição do eu, a integração social e a socialização são processos importantes relacionados às experiências do eu com os outros realizadas em rede. A rede tem uma dinâmica peculiar de validação de conteúdos: tudo o que é proposto é avaliado pelos participantes em interação. O que valida o conteúdo é sua qualidade, e, não, a autoridade formal de quem propõe. A relevância e a pertinência de determinado conteúdo são discutidos em rede, considerando aspectos de sinceridade, veracidade e correção, referindo-se, respectivamente, a questões subjetivas, objetivas e sociais (LIMA; GONÇALVES; MEIRELLES; MANSO, 2012, p.12).

Gracioso (2010, p. 298) considera que, sobre o panorama de uso da linguagem constitutiva dos conteúdos argumentativamente construídos, visualiza-se a aproximação das abordagens pragmáticas para apoiar frentes de validação sobre os conhecimentos produzidos:

As manifestações do mundo da vida têm se aproximado e rearticulado em maior grau confirmando-se e reafirmando-se em redes sociais argumentativamente consistentes. E estas manifestações, por sua vez, tendem a predizer suas práxis no plano das argumentações, ao mesmo tempo em que seu resultado argumentativo demanda por uma validação, não imediata, no plano das atividades concretas do cotidiano (GRACIOSO, 2010, p. 298-299).

“As teorias de Habermas, assim, oferecem tanto caminhos como interrogações para pensar a informação como desafio do presente” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009a, p. 200). Como destaca Siebeneichler (2010, p. 28), uma ideia habermasiana sobre a comunicação por meio da mídia eletrônica e digital é destaque de a Era das transições, de Jürgen Habermas, publicada pela editora Tempo Brasileiro, em 2003. Na obra, Habermas afirma que a comunicação digital desempenha uma função importante na sociedade atual, que se encontra em transição para um mundo cada vez mais complexo e globalizado e interligado por

redes digitais.

Siebeneichler completa o pensamento em relação à sociedade digital:

[...] o público não está presente fisicamente, mas disperso. Isso não impede, porém, no entender de Habermas, que ele, em momentos fugidios do cotidiano, em círculos pequenos ou privados, informe-se sobre todos os temas possíveis e dê suas contribuições pelos meios de comunicação de massa, principalmente através do computador. E isso torna possível a participação das pessoas na discussão de opiniões públicas e de pretensões de validade concorrente. Mesmo que não participem sempre da articulação das opiniões, isso não impede que elas participem da avaliação dessas opiniões (SIEBENEICHLER, 2010, p. 28).

Ressalta-se, porém, a necessidade de um esclarecimento prévio do aparecimento da palavra “autoridade” para a compreensão da teoria do agir comunicativo. Derivada do francês arcaico, com conotações especificamente literárias, esta palavra aparece pela primeira vez na língua inglesa no início do século XIII (CHATFIELD, 2012, p. 86-87).

Chatfield contextualiza o cenário da época:

Um “autocrite”, como se dizia na época, era um texto no qual se podia confiar – e que, portanto, podia ser utilizado como base para argumentos culturais e teológicos. O texto desse tipo por excelência era a Bíblia, seguida pelos mais venerados autores clássicos e religiosos. Esses textos continham sua própria garantia de veracidade, e a forma mais elevada de aplicação acadêmica envolvia esmiuçar seus significados e colocá-los em prática (CHATFIELD, 2012, p. 86-87).

Não era simplesmente uma questão de hábito o respeito à autoridade. Tal reverência era a base de todo um sistema político e intelectual. Com o passar do tempo, a palavra “autoridade” passa a ser usada para referir-se ao indivíduo dedicado à leitura que, por consequência, passava a ser considerado um especialista em determinado assunto, ou a alguém que devido à posição hierárquica na sociedade – lorde, rei, arquimandrita – merecia a obediência dos demais (CHATFIELD, 2012, p. 86-87).

O Iluminismo, a democracia e a cultura de massa, entretanto, dissolvem esse comportamento. Hoje, há maiores chances de acerto se for possível conseguir adaptar ao século XXI os princípios que sempre guiaram os discursos críticos significativos: “respeito não pela autoridade em si, mas pelos princípios de uma

argumentação honesta, uma noção profunda de nossa individualidade e uma vontade sincera de aprender” (CHATFIELD, 2012, p. 87; p. 95).

O mais importante, conforme é destacado por Siebeneichler (2010, p. 28) é que a comunicação não se rompa e a liberdade comunicativa, quer dizer, a liberdade de dizer “sim” ou “não” a opiniões e pretensões de validade exteriorizadas não sofra entraves. Para Habermas, a filosofia, assim como fora para Theodor Adorno e Herbert Marcuse, é um pensamento que não pode ser travado ou imobilizado, mas apenas corrigido ou orientado por argumentos.

4.3 AUTORIDADE DO ARGUMENTO

Para acompanhar discurso e validade da informação, no contexto proposto por Habermas, “que marcou sua discussão pela busca incansável de aprimoramento das relações democráticas da convivência social com base na força sem força do melhor argumento” (DEMO, 2009, p. 84), cabe lembrar os conceitos de ação e discurso.

González de Gómez apresenta as diferenças entre ação e discurso no contexto Habermasiano:

Ação remete ao âmbito de comunicação no qual tacitamente reconhecemos e pressupomos as pretensões de validade implicadas nas emissões ou manifestações (e, portanto, também nas afirmações), para intercambiar informações (imersos em experiências relativas à ação). Discurso remete à forma de comunicação caracterizada pela argumentação, na qual são tematizadas as pretensões de validade que se tornarem problemáticas e na qual se examina se são ou não legítimas (GONZALEZ DE GÓMEZ, 2006, p. 63).

Em relação ao discurso, este seria uma forma de comunicação distinta da mera fala, onde se deve pressupor que as condições para uma situação ideal de fala – isto é, a ausência total de coação interna ou externa e a simetria de posições entre proponentes e oponentes – poderão ser satisfeitas num nível suficiente de aproximação (ARAGÃO, 2002, p. 122-123). “Nos discursos, não intercambiamos informações, mas argumentos que servem para justificar ou rejeitar pretensões de validade problematizadas” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2006, p. 64).

No discurso teórico, as afirmações feitas sobre os fatos são problematizadas e revistas, o saber é reassegurado verbalmente sobre o mundo dos objetos, a verdade até então vigente e aceita no grupo é redefinida. No discurso prático, a validade e a justeza das normas sociais que regulamentam a vida social são postas em cheque. Nesse processo argumentativo, prevalece unicamente o critério do melhor argumento, pois cada afirmação precisa ser justificada, cada julgamento precisa ser defendido e a validade das regras em questão, reafirmada (FREITAG, 2005, p. 101-102).

Enquanto sequência de atos comunicativos (e não sequência linear e lógica de sentenças), para González de Gómez (2009b, p.126), no processo “argumentativo sempre devem ser considerados ao mesmo tempo os argumentos, as demandas de validade e os atores sociais que lhes outorgam duplamente existência social e epistêmica”.

González de Gómez ainda completa a ideia de verdade:

As questões de verdade colocam-se não em relação aos correlatos intramundanos do conhecimento referido à ação, mas em relação aos “estados de coisas” no mundo, que se fazem corresponder com discursos “descarregados” da ação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2006, p. 65).

O conceito discursivo de verdade deve, de um lado, levar em conta o fato de que a verdade de um enunciado – dada à impossibilidade do acesso direto a condições de verdade não interpretadas – não pode ser medida por “evidências peremptórias”, mas apenas por razões justificadoras, se bem que jamais definitivamente obrigatórias; por outro lado, a idealização de determinadas propriedades formais e processuais da práxis argumentativa deveria pôr em relevo um procedimento que, mediante uma consideração sensata de todas as vozes, temas e contribuições relevantes, faça justiça à transcendência da verdade em relação a seu contexto, tal como é reivindicada pelo falante para seu enunciado (HABERMAS, 2004, p. 46-47, grifos do autor).

Habermas cita que Karl Otto Apel, na interpretação pragmática da reflexão sobre a validade, esbarra nas condições comunicativas de uma busca cooperativa da verdade. Há, ainda, certa influência do modelo desenvolvido por Charles S. Peirce:

[...] de uma comunidade ilimitada de comunicação, em que os pesquisadores justificam uns aos outros suas afirmações falíveis no intuito de alcançar um acordo (em princípio, revisável) invalidando pelo discurso os contra-argumentos (sempre possíveis). Essa ideia não só dá impulso rumo ao conceito de verdade fundado no discurso, mas marca também o ponto de partida para uma ética do discurso, que sugere uma leitura intersubjetiva do imperativo categórico (HABERMAS, 2004, p. 90).

A ética do discurso origina-se de um programa inaugural esboçado por Apel no final da década de 1960 e publicado em 1973. Um dos fios condutores da tarefa assumida por Apel é mostrar não apenas a necessidade, mas também a possibilidade e a relevância, de uma fundamentação filosófica última e, por conseguinte, também da ética. A proposta de Habermas distingue-se da de Apel em relação aos aspectos mencionados e também em sua própria moldura teórica. “Seus interesses intelectuais se orientam, inicialmente, pela preocupação em tematizar a relação entre teoria e práxis de um prisma epistemológico” (CENCI, 2012, p. 100-101).

A ética do discurso, que constitui uma moral discursiva talhada para a vulnerabilidade de seres vivos que se individualizam mediante socialização e comunicação, precisa resolver, ao mesmo tempo, duas tarefas: postular respeito simétrico pela dignidade de cada um, isto é, fazer valer a intocabilidade dos indivíduos, correspondente ao princípio da justiça, que se refere a iguais direitos e à liberdade subjetiva de indivíduos insubstituíveis; segunda tarefa consiste em proteger as relações de intersubjetivas por meio das quais os indivíduos se mantêm como membros de uma comunidade. “Isso é possível graças ao princípio da solidariedade que exige empatia e cuidado com o bem-estar dos outros e dos camaradas irmanados em uma forma de vida compartilhada intersubjetivamente” (SIEBNEICHLER, 2010, p. 14).

A solidariedade é para Habermas atividade de comunicação. Uma sociedade humana é uma realidade simbólica que não pode se manter, existir ou funcionar sem os recursos da linguagem os momentos de entendimento e cooperação que o diálogo permite. É na comunicação e por ela que liberdade e igualdade podem ser experimentadas, ajustadas e conquistadas (DUPEYRIX, 2012, p. 201). Inspirado no filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), mas à luz do espírito Kantiano, Habermas procura manter uma relação entre justiça e solidariedade, pois as questões do bem viver (moralidade dos costumes) submetem-se a uma

discursividade racional e podem ser reconhecidas como aceitável por todos (princípio universal) (HERMANN, 2012).

A forma como Habermas elabora seu programa da ética do discurso traz consigo, portanto, modificações significativas em relação ao como Apel o apresentará até então. No centro das modificações introduzidas por Habermas com seu programa de fundamentação estão as especificações feitas por ele em torno de sua noção da moral do discurso, considerada com base em “limites estreitos” e sob “enérgicas abstrações”, uma vez que se configura como moral especificamente deontológica. Com essa especificação, Habermas concede, já na formulação de seu programa inicial, um âmbito mais estreito que Apel à esfera da moral do discurso e assenta a base para o desdobramento das divergências programáticas que se seguirão entre ele e Apel, a partir de então, no interior da ética discursiva (CENCI, 2012, p. 105).

A ética discursiva sugere que somente aquelas normas que tiverem o consentimento e a aceitação de todos os integrantes do discurso prático podem aspirar à validade. Para que uma norma tenha condições de transformar-se em norma geral, com aspiração à validade universal enquanto máxima de conduta de todos os participantes do discurso prático, os resultados e efeitos colaterais decorrentes da sua observância precisam ser antecipados, pesados em suas consequências e aceitos por todos. Isto ocorre por meio de um procedimento argumentativo em que prevalece o melhor argumento, respeitados, claro, todos os demais considerando sua maior coerência, justeza e adequação (FREITAG, 2005, p. 102).

Hermann (2012) concorda que a ética discursiva de Habermas ocupa lugar de destaque principalmente porque trata de responder aos profundos desafios de nossa época, que exigem uma responsabilidade mundial e que já não encontram resposta nos modos tradicionais de fundamentação. Parte desse desafio provém do desenvolvimento científico e tecnológico, que traz, seja ao indivíduo, à cultura ou à nação, um problema ético comum, decorrente das consequências universais de ações particulares. As éticas tradicionais não são capazes de enfrentar esse desafio e Habermas tenta superá-lo.

Hermann (2012) responde que a ética discursiva é uma ética de base racional, que parte dos pressupostos de comunicação interpessoal, fundamentados na filosofia da linguagem e pretende validar normas que sejam irrenunciáveis à convivência humana. Essas normas entram em discussão e só são problematizadas

sobre sua possível validade quando são rompidas as evidências que nos asseguravam as orientações do agir. A ética discursiva não se baseia em preferências e decisões contingentes, mas em juízos morais fundamentados no âmbito do discurso, que permitem um processo reflexivo na busca de um acordo a partir de diferentes interpretações.

Habermas consolida a passagem da ética do discurso para a teoria do discurso quando imprime à sua teoria a postulação de um princípio do discurso neutro em relação à moral e ao direito. O princípio geral do discurso agora é entendido como conceito supremo de toda a teoria da razão prática, ramificando-se num princípio moral e num princípio do direito. A teoria do discurso tem de levar a sério o sentido universalista que tem a validade das regras morais. Exige-se que a elevação ideal de papéis seja convertida numa práxis pública e realizada em comum por todos (CENCI, 2012, p. 126-128).

A comunicação com vistas ao entendimento mútuo, que tem por natureza um caráter discursivo, é diferenciada segundo os níveis do discurso e do agir. Tão logo as pretensões de verdade – ingenuamente levantadas no agir comunicativo, e mais ou menos autoevidentes no contexto de um mundo da vida comum – são problematizadas e se tornam objeto de uma controvérsia com base em argumentos. Para Demo (2009), a “beleza maior de um texto está em sua abertura promovida pela autoridade do argumento”.

Na opinião de González de Gómez, ainda sobre autoridade:

Habermas sustentará que a **autoridade epistêmica** para aceitar ou rejeitar argumentos, em contextos problemáticos, reflexivos e deliberativos, é competência de todos e cada um dos homens, em seus mundos de vida, e não função exclusiva das comunidades de eruditos, reformulando assim aquela idealização iluminista do uso público da razão, e abrindo uma via de articulação entre as universidades, a esfera pública e os mundos da vida (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2011, p. 236).

Para referir-se às condições e possibilidades de articulação, social e epistêmica, das diferentes culturas de evidência que participam da produção de conhecimento em redes sociais e digitais, González de Gómez (2007a, p. 9) torna notável o termo **autoridade epistêmica distribuída**. A autora sugere que se deve pensar quais são as formas epistêmicas e sociais de um conhecimento em rede

sujeitas a esse tipo de autoridade: a transdisciplinaridade é uma das possibilidades (GONZÁLEZ de GÓMEZ, 2007, p. 10, grifo do autor).

Habermas, acerca do agir comunicativo e da práxis argumentativa, comenta que os envolvidos passam (mesmo que de modo rudimentar) “do agir comunicativo para outra forma de comunicação, a saber, para uma práxis argumentativa em que eles desejam se convencer mutuamente, mas também aprender uns dos outros” (Habermas, 2006, p. 92). A comunicação baseada em argumentos é, antes de mais nada, um discurso, ainda que sempre também prático, como quer Habermas (DEMO, 2012b, p.39).

Sob os pressupostos comunicativos modificados de tal discurso racional, as opiniões, que até então pertenciam ao pano de fundo não problemático do mundo da vida, são examinadas quanto à sua validade (HABERMAS, 2006, p. 92). As pretensões de validade, suscetíveis de serem resgatadas cognitivamente, diferenciam-se em dois aspectos: reivindica-se verdade para enunciados sobre coisas e eventos no mundo objetivo, e correção para enunciados sobre expectativas normativas e relações interpessoais, que, à mesma altura, por assim dizer, pertencem a um mundo social acessível apenas numa atitude performativa. (HABERMAS, 2006, p. 94). A ideia de verdade no sentido de uma pretensão de validade resulta das idealizações inerentes à identidade coletiva (HABERMAS, 2012, p. 131).

O agir comunicativo permite o entrelaçamento de individuação e socialização. A linguagem “une ao individualizar” e assim guarda sujeitos comunicativamente socializados “da degeneração pela singularização”. Deste ponto de vista, as patologias sociais características podem ser concebidas como distúrbios de uma integração social mediada pela comunicação. (HABERMAS, 2006, p. 96). “Uma vez que a atividade comunicativa exige a orientação por pretensões de validade, ela pressupõe, desde o início, a possibilidade de deslindar dissensos mediante adução de argumentos” (HABERMAS, 2012, p. 135-136).

Nas palavras de Habermas, segundo Aragão:

quando o significado de uma pretensão de validade problemática força, conceitualmente, os participantes a supor que um acordo motivado racionalmente possa ser alcançado, em princípio. É somente se a argumentação puder ser conduzida abertamente o suficiente e continuada por tanto tempo quanto necessário. O discurso é, portanto, uma forma de comunicação que procede

através de argumentos para obter formas de conhecimento válido (ARAGÃO, 2002, p. 122-123).

As pretensões de validade normativas *mediatizam* manifestações, entre a linguagem e o mundo social, uma *dependência recíproca* que não existe para a relação da linguagem e do mundo objetivo. É a esse entrelaçamento de pretensões de validade, que têm sua sede em normas e pretensões de validade erguidas com atos de fala regulativos, que também se vincula o caráter ambíguo da *validade deôntica* (HABERMAS, 2003, p. 79, grifos do autor).

Os critérios de validade são o cumprimento das regras de comunicação que se estabelecem na ação comunicativa e que permitem o entendimento mútuo. Uma comunicação só será validada se existir consenso entre os participantes e, também, se esses consensos forem fundamentos, quer dizer, se os argumentos que os constroem forem aceitos como verdadeiros por todos os participantes da comunicação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, p. 5).

Habermas trata de comunicativas às interações nas quais as pessoas envolvidas se põem de acordo para coordenar seus planos de ação, o acordo alcançado em cada caso medindo-se pelo reconhecimento intersubjetivo das pretensões de validade (HABERMAS, 2003, p. 79). As interações sociais mediadas pelo uso linguístico, orientadas para a comunicação, são constitutivas das formas de vida socioculturais. Essa espécie de socialização comunicativa, através da qual os sujeitos se individualizam ao mesmo tempo, funda uma profunda susceptibilidade, já que a identidade dos indivíduos socializados só se pode desenvolver por via da sua integração em dependências sociais cada vez mais abrangentes (HABERMAS, 1991, p. 215).

Habermas, para uma reconstrução das condições existentes, apoia-se na premissa segundo a qual:

[...] os indivíduos socializados não têm como fugir ao fato de que, na prática comunicativa cotidiana, eles também podem se servir de sua linguagem comum no sentido do entendimento. E, neste caso, eles são obrigados a partir de certos pressupostos pragmáticos nos quais se faz presente algo como a razão comunicativa. Num certo sentido, as coisas são extremamente simples, visto que, sempre que dizemos o que pensamos, temos a pretensão de que o dito é correto ou veraz; e, nesse momento, irrompe, no dia-a-dia, uma fagulha de idealidade, porquanto tais pretensões de validade só podem ser resgatadas, no final das contas, mediante argumentos. Além disso, sabemos que os argumentos que hoje parecem evidentes podem ser

falsificados no futuro, à luz de novas informações e experiências (HABERMAS, 2005, p. 162).

Na tabela seguinte compreende-se que os discursos visam à tomada de decisões racionalmente motivadas com base na resolução discursiva das pretensões de validade e podem vincular justificações de cunho moral, ético e pragmático (CENCI, 2012, p. 125):

Quadro 15 - Tipos de Argumentação

Grandezas referenciais Formas de Argumentação	Exteriorizações problemáticas	Pretensões de validade controversas
Discurso teórico	Cognitivo-instrumentais	Verdade de proposições; eficiência de ações teleológicas
Discurso prático	Moral-práticas	Correção das normas de ação
Crítica estética	Avaliativas	Adequação de padrões valorativos
Crítica terapêutica	Expressivas	Veracidade de expressões
Discurso Explicativo	-----	Compreensibilidade ou boa formulação de construtos simbólicos

Fonte: Habermas (2012, p. 57)

Como afirma Cenci (2012, p. 127), para cada tipo de discurso é necessário ver que regras possibilitam respostas a problemas pragmáticos, éticos e morais. A pessoa só consegue constituir um centro de vida interior, e só percebe a sua identidade, na medida em que se expõe simultaneamente a relações interpessoais construídas pela comunicação e em que se deixe envolver numa rede cada vez mais

densa e subtil de vulnerabilidades recíprocas e de necessidades explícitas de proteção (HABERMAS, 1991, p. 215).

González de Gómez fala de informação no contexto Habermasiano:

Habermas lida, ora considerando a informação como parte dos processos de objetivação, ora como lastro de representações semânticas em formas não comunicativas de uso da linguagem: em situações monológicas, onde não se priorizam as metas ilocucionárias de entendimento mútuo ou em situações de comunicação estratégica – onde se violam ou se desativam as condições de compartilhamento e as garantias de validação dos enunciados (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2006, p. 60).

No mesmo sentido proposto por Hansen, Berente e Lyytinen (2009, p. 38), busca-se entender como a tecnologia da informação pode atualmente suportar os princípios emancipatórios da teoria social crítica particularmente abordada no trabalho de Habermas. No que tange à Wikipédia, pretende-se defendê-la com o objetivo de considerá-la uma instância na qual o discurso é, não só permitido, mas, também, ativado e totalmente mediado por um sistema de informação.

O discurso racional é fundamental para a Teoria Crítica e para a Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas. Busca-se entender, portanto, se quando o agir comunicativo atinge um ponto onde as pretensões de validade de um enunciado dado são contestadas, seus participantes buscam chegar a um entendimento mútuo colaborativo. Afinal, Habermas não afirma “que os homens gostariam de agir de modo comunicativo, mas que eles são obrigados a agir desta maneira” (HABERMAS, 2005, p. 170).

Na fala argumentativa, Habermas (2012, p. 61) diz que se podem distinguir três aspectos analíticos:

- a) Processo – trata-se de uma forma de comunicação inverossímil, já que muito próxima de condições ideais. Participantes de uma argumentação têm de pressupor de maneira geral que a estrutura de sua comunicação, em virtude de traços que cabe descrever de maneira puramente formal, exclui toda coação (quer ela atue a partir de fora sobre o processo de entendimento mútuo, quer se origine dele), exceto a coação do melhor argumento (o que implica também a desativação de todos os motivos, exceto o da procura cooperante pela verdade). Sob esse aspecto, pode-se conceber a

argumentação como um prosseguimento reflexivamente direcionado do agir que se orienta por outros meios de entendimento.

- b) Procedimento – tem-se uma forma de interação especialmente regulamentada. E o processo de entendimento discursivo passa a ser normatizado sob a forma cooperativa de uma divisão de trabalho entre proponentes e oponentes. Isso ocorre, então, de maneira que os partícipes: (i) tematizem uma pretensão de validade problemática; (ii) assumam um posicionamento hipotético ao estarem desonerados da pressão acional e experiencial; (iii) chequem mediante razões, e tão somente mediante elas, se a pretensão defendida pelo proponente tem razão de subsistir ou não.
- c) Produção de argumentos – a argumentação se volta a produzir argumentos procedentes e convincentes, em razão de propriedades intrínsecas com que é possível resolver ou refutar pretensões de validade. Argumentos são meios com os quais é possível obter o reconhecimento intersubjetivo de uma pretensão de validade levantada pelo proponente de forma hipotética; com eles pode-se formar opinião em saber (HABERMAS, 2012, p. 61-62).

Os três aspectos analíticos mencionados podem revelar os pontos de vista teóricos sob os quais é possível demarcar as disciplinas do cânone aristotélico: a Retórica ocupa-se da argumentação enquanto processo; a Dialética ocupa-se dos procedimentos pragmáticos da argumentação; e a Lógica, de seus produtos (HABERMAS, 2012, p. 62).

Hermann (2012) ressalta que Habermas demonstra interesse pela aprendizagem do desenvolvimento moral da teoria de Lawrence Kohlberg. Esta teoria compartilha da ideia de evolução no sentido que o desenvolvimento moral passa por uma sucessão de estágios evolutivos invariáveis. Como apresentado no quadro a seguir, são três níveis de desenvolvimento moral, em que cada um compreende duas subdivisões, totalizando 6 estádios. A cada um deles corresponde um grau de complexidade nas respostas dadas aos dilemas morais permitindo, assim, caracterizar o modelo como evolutivo.

No primeiro nível, denominado de pré-convencional, Hermann (2012) explica que se estabelece a obediência às regras para evitar o castigo e o mal-estar físico. Dois estádios compreendem esse nível:

- 1) O direito consiste em não infringir regras, obedecer por obedecer e evitar causar danos físicos à pessoa e à propriedade. É levado em consideração que o ponto de vista nesse sentido seja egocêntrico. A criança, por exemplo, reconhece a autoridade dos pais e dos professores e tem seu comportamento orientado de forma a evitar as consequências da desobediência.
- 2) A pessoa separa os interesses e pontos de vista próprios dos interesses e perspectivas dos outros. Ela mantém relacionamento com os outros do ponto de vista instrumental e reconhece o poder superior da autoridade.

No segundo nível, chamado de convencional, estabelecem-se expectativas interpessoais mútuas. A pessoa compreende o papel social e as normas morais. Mais dois estádios (chamados de 3 e 4) compreendem esse nível:

- 3) A norma não é ordem singular, mas um imperativo generalizado que cria expectativas de ação: é ter necessidade de ser bom diante de si mesmo e diante dos outros levando o desejo do sujeito em ser aprovado no ambiente social. O respeito aos mais velhos e a autoridade do professor podem ser bons exemplos.
- 4) A pessoa adota o ponto de vista societário mantendo respeito à autoridade e fazendo sua parte para manter a ordem social. O respeito à tradição, às normas religiosas (sem questioná-las) servem para exemplificar.

No terceiro nível, categorizado como pós-convencional, o indivíduo orienta-se por princípios que toda humanidade deve seguir. Mais dois estádio (5 e 6) compreendem esse nível:

- 5) A pessoa adota a perspectiva racional de sujeito consciente de seus valores e crenças e que devem estar apoiados em um interesse imparcial. Ela reconhece as opiniões diferentes e busca acordo para alcançar um ponto de vista aceitável por todos.
- 6) A pessoa, aqui, orienta-se por ética de princípios. Ela desenvolve uma moral autônoma e independente de orientações tradicionais ou de qualquer tutela. A pessoa age baseado na premissa básica do respeito a todos e da justiça. Quanto mais desenvolvido moralmente for o sujeito, mais autônomo ele se torna, demonstrando, assim, com clareza, a evidência da influência do caráter evolutivo da teoria do epistemólogo suíço Jean William Firtz Piaget (1896-1980) e da moral de Immanuel Kant.

Quadro 16 - Estádios de interação. Perspectivas

Estruturas Cognitivas Tipos de ação	Estruturas de perspectivas	Estrutura da expectativa de comportamento	Conceito de autoridade
Pré-convencional: Interação governada por autoridade	Conexão recíproca de perspectivas de ação	Padrão de comportamento particular	Autoridade de pessoas de referência; arbítrio externamente sancionado
Cooperação governada por interesses			
Convencional: Agir em papéis	Coordenação das perspectivas de observador e participante	Padrão de comportamento socialmente generalizado: papel social	Autoridade interiorizada de um arbítrio supra-individual = lealdade
Interação guiada por normas		Papéis socialmente generalizados: sistema de normas	Autoridade interiorizada da vontade coletiva impessoal = legitimidade
Pós-convencional: Discurso	Interação das perspectivas do falante e do mundo	Regra para o exame de normas: princípio	Validade ideal versus validade social
		Regra para o exame de princípios: Processo da fundamentação de normas	

Fonte: Habermas (2003, p. 201)

As informações que provêm dos conhecimentos dos outros são aceitas pelos outros com base na “autoridade cognitiva” não só de uma testemunha, mas também de livros, artigos e outros registros e instrumentos que são “porta-vozes” de

autoridade cognitiva de seus autores e criadores. Às vezes, o testemunho subsiste, aliás, à rebeldia do silêncio ou incompreensão de quem for sua testemunha (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, grifos do autor).

Argumentação, portanto, é o tipo de discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos (HABERMAS, 2012, p. 48). A capacidade de fundamentar exteriorizações racionais, por parte das pessoas que se portam racionalmente, corresponde à sua disposição de se expor à crítica e participar regularmente de argumentações, sempre que necessário (HABERMAS, 2012, p. 49). No discurso argumentativo, como afirmam Lima, Moreira e Lima (2010, p. 692) “mostram-se estruturas de situação de fala que estão imunizadas contra repressão e desigualdade: elas se apresentam como uma forma de comunicação suficientemente aproximada de condições ideais”.

Um argumento contém razões que se ligam sistematicamente à pretensão de validade de uma exteriorização problemática. A “força” (grifo do autor) de um argumento mede-se, em dado contexto, pela acuidade das razões; esta se revela, entre outras coisas, pelo fato de o argumento convencer ou não os participantes de um discurso, ou seja, de o argumento ser capaz de motivá-los, ou não, a dar assentimento à respectiva pretensão de validade. Em face disso, também podemos julgar a racionalidade de um sujeito capaz de falar e agir segundo sua maneira de comportar em cada caso enquanto participante da argumentação (HABERMAS, 2012, p. 48).

A proposta diferencial de Habermas é transformar o imperativo kantiano (ligado ao mesmo tempo a um “caráter inteligível” transcendental e a um sujeito monológico) em um princípio intersubjetivo, ancorado nas mesmas pressuposições pragmáticas universais do agir comunicativo e dos processos de argumentação. Quando os conflitos interpessoais impedem o convívio regulado por normas, o julgamento moral visaria à compreensão “sobre a solução justa” (HABERMAS, 1989; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p.54). Para Habermas, Kant é quem melhor representa a filosofia do sujeito (CENCI, 2012, p. 119).

Muitos dos problemas que demandam decisões de grande alcance, ético ou moral, acontecem no plano da constituição dos ambientes ou espaços coletivos de informação, e resultam de uma intervenção que faria da informação uma variável dependente de agentes e fatores externos aos implicados por seus efeitos

(GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p.55). A abordagem pragmática de Habermas, que serve de propedêutica à teoria da ação social, faz da linguagem um solo comum, desde onde perguntar pelas condições epistêmicas e éticas da validação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, p. 4).

Habermas de fato oferece aportes esclarecedores para as três questões metateóricas que ao mesmo procedem e desafiam a uma ética da informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p.57):

- a) Oferece um modo de superar as abordagens psicologistas ou cognitivistas, ao propor uma concepção intersubjetiva da agência da ação social – com agir comunicativo – e como tal, da agência das valorizações, das decisões preferenciais e dos julgamentos que são do alcance da ética e da moral;
- b) Estabelece considerações interessantes para analisar o papel da razão e da vontade na ação informacional, ao subsumir a razão prática nos veios normativos mais amplos da razão comunicativa;
- c) Oferece perspectivas analíticas ponderadas em torno das demandas de validação de alcance universal e sua diferenciação – na idealização e em sua projeção sobre os domínios de aplicação – em contextos epistêmicos e de correção normativa, que contribuiriam ao entendimento dessas mesmas condições e possibilidades quando se trata de informação.

O agir comunicativo é um modo de uso comunicativo da linguagem na vida cotidiana, na qual os participantes levantam, aceitam ou rejeitam pretensões de validade. Habermas considera que as condições procedimentais de um uso comunicativo da linguagem – que subsume também suas funções representativas e expressivas – são pressuposições constitutivas das possibilidades da ação social. Tais pressuposições pragmáticas são suscetíveis de reconstrução e permeiam ou subjazem a todo ato cotidiano de interação comunicativa (HABERMAS, 2004, p. 101; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p.58).

É interessante que, para Habermas, é naquele movimento de trânsito entre a ética e a política que as “necessidades interpretadas” em termos de informação constituem o ponto de partida da formulação de uma “política do conhecimento” (HABERMAS, 1989b) suficientemente ampla para estabelecer diálogos entre

especialistas e cidadãos, ou para fazer ver que todos podem agir, em algum momento, como especialistas em algo e cidadãos em todo momento (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p. 63).

Sob o tópico “ação” Habermas (2010) introduz a área comunicativa em que tacitamente pressupõem-se e reconhecem-se as pretensões de validade implícitas às expressões (e igualmente às afirmações) a fim de que haja troca de informações (ou seja, experiências referentes à ação). Sob o tópico “discurso”, Habermas introduz a forma de comunicação caracterizada pela argumentação em que pretensões de validade que se tornaram problemáticas são tematizadas e analisadas relativamente à sua legitimidade (HABERMAS, 2010, p. 184, grifos do autor).

Habermas destaca novos modos de interação e coordenação entre disciplinas e especialidade assim como entre as esferas da ciência e as esferas econômicas e políticas: um conjunto de discursos significativos que analisa as modalidades de *colaboração* entre cientistas, atores econômicos e agências governamentais e muitos outros que abordam as novas tecnologias interativas e a hipermídia do ponto de vista de sua intervenção na *produção compartilhada* ou *distribuída dos conhecimentos* e nas trocas de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2005, p. 17, grifos do autor, e FROOMKIN, 2003, p. 753).

Com o advento das tecnologias digitais, interativas e da hipermídia, cresceu num primeiro momento a demanda por explicitação, formalização e codificação dos conhecimentos, em inscrições padronizadas. Quanto maior grau de formalização, mais próximo estaria o conhecimento de um estado de finalização para, então, prestar-se a diversas e indefinidas formas de utilização. Os sujeitos capazes de fala e ação podem ter frente à linguagem uma atitude dependente ou autônoma, assim como se defrontarem com diferentes modalidades de racionalização societária (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2005, p. 28-29).

Diferenciam-se três níveis de reflexividade em Habermas:

A relação reflexiva com o mundo se estabelece, em primeiro lugar, quando os participantes num ato de comunicação colocam demandas de validade que podem ser reciprocamente aceitas ou negadas. Habermas considera essa relação reflexiva com o mundo como uma *relação indireta*, já que é mediada pela necessidade de reconhecimento intersubjetivo das demandas de validade. Daí que os participantes da ação comunicativa só podem alcançar seus

objetivos cooperativamente. Os meios de sucesso não estão disponíveis para um agente individual; cada um depende da cooperação e de reconhecimento dos outros (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2005, p. 30-31).

O segundo sentido de reflexividade é estabelecido pela diferenciação entre ação comunicativa e argumentação, que só seria possível na sociedade pós-convencional, e por meio da constituição de uma esfera de crítica intersubjetiva dos critérios formais de validação, e que denomina *diskours* (discurso). Discurso designa, assim, a forma de comunicação caracterizada pela argumentação, na qual as demandas de validade que se tornarem problemáticas são “tematizadas”, “virtualizadas” e sujeitas a exame, para estabelecer se são ou não legítimas. Para “iniciar um discurso temos que sair dos contextos da ação e da experiência: nos discursos não intercambiamos informações, mas argumentos que servem para justificar ou rejeitar pretensões de validade problematizadas”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2005, p. 30-31, grifos do autor).

Num terceiro sentido, remete à distinção entre a tematização de demandas de validade nas práticas comunicativas da vida cotidiana e o desenvolvimento de formas institucionalizadas e especializadas de argumentação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2005, p.31). Podem-se denominar as configurações combinatórias de linguagem, tecnologia e informação, de modo genérico, dispositivo de informação, incluindo as atividades e instituições sociais relacionadas com a recuperação e busca de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p. 56).

A relação entre linguagem, comunicação e informação tem sido tratada nos últimos tempos em múltiplas abordagens, que podem agregar-se em duas grandes linhas de indagação:

- a) da linguagem como dimensão dos dispositivos de tratamento da informação, seja do ponto de vista de sua concepção, como os estudos da linguística computacional e do processamento da linguagem natural (Bar Hillel, Sparck Jones, entre outros), seja do ponto de vista crítico de estudos que têm como ponto de partida a filosofia da linguagem de Wittgenstein (Blair, Frohmann) ou a teoria da ação comunicativa de Habermas (Lytinnien, entre outros);

- b) da linguagem como dimensão das práticas e ações de informação dos sujeitos e das organizações, tal como na abordagem da produção de sentido (Brenda Dervin) e outros estudos da significação incorporados à análise de domínio (Hjörland, Albrechtsen), a análise do discurso (Frohmann) e as abordagens socioantropológicas das redes sociais e informacionais (Star, Bowker, Agree).

Faz-se necessário, porém, cada vez mais, cruzar as diferentes linhas de indagação:

A Internet **junta** textos e inscrições documentárias, ao mesmo tempo em que **desloca** os sujeitos que a acessam de seus lugares de enunciação de ponto de partida, colocando-os em contextos heterológicos e polinômicos. Ao mesmo tempo, a Internet é um meio geralmente opaco em relação às suas próprias condições de produção (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.57, grifo do autor).

Assim como os imigrantes, que, ao deixar suas "casas", estão obrigados "a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas", o internauta, na opinião de González de Gómez (2004, 60):

[..] ao deixar a casa de sua linguagem e de suas comunidades habituais de interlocução, teria uma experiência diaspórica, defrontando-se em muitos casos com uma fronteira ideal que o coloca entre a polinomia e a anomia, tendo de construir sua autonomia informacional, ao mesmo tempo em que lida com os exercícios instáveis de ambiguidade e cooperação demandados pela tradução. Neste caso, como utiliza-se a linguagem quando se lida com recursos de informação onde existem múltiplos contextos semânticos, epistemológicos, normativos? (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.60-61)

Os estudos de Lytinnien e Hirschheim (1988, p.19-30), que introduzem conceitos da teoria da ação comunicativa de Habermas ao domínio da concepção de sistemas, além de colocar em relevo o caráter comunicacional do sistema de informação, introduzem elementos críticos nas visões racionalistas de transparência do sistema (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p. 60).

As novas manifestações da comunicação e da informação constituem práticas substanciais da linguagem, intensa e amplamente ancoradas nas relações sociais, culturais, econômicas e políticas; as tecnologias de informação e comunicação são

assim constitutivas não só dos espaços sociais de discurso e de memória, mas de toda instância de trocas simbólicas, como o trabalho e a produção, os fluxos de dinheiro e os mercados (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p. 50).

No contexto das redes hipermídia e interativas, seria mais difícil ainda manter as premissas lineares do racionalismo sistêmico: as condições econômicas, políticas e sociais desdobram-se em complexas infraestruturas e dispositivos tecnológicos, produzem transformações comunicativas e informacionais não intencionalizadas nem sempre visíveis para os agentes imediatos da enunciação ou destinação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p. 60).

Se, no escopo e abrangência delimitados do sistema de informação convencional, os que se comunicam não possuem a total inteligibilidade de seus processos de comunicação, no cenário das redes é maior a opacidade das infraestruturas e marcos normativos. No desenvolvimento desses dispositivos, normas e infraestruturas, múltiplos atores intervêm, com diferentes competências e interesses, cujas concepções e procedimentos interceptam diferentes instâncias e dimensões das possibilidades de comunicação e informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p. 60).

O estudo das funções da linguagem é de sumo interesse para a compreensão das ações de informação e para a concepção de componentes de recuperação e busca da informação nos novos cenários. Trata-se de permitir tanto a representação de um critério comum de relevância de comunidades de interlocução, quando dialogam entre si, quanto facilitar a articulação simultânea de julgamentos diferenciados de pertinência, quando há processos cruzados de comunicação e informação, entre disciplinas e especialidades, entre setores de atividades, entre línguas e narrativas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.67).

A metáfora poderia ser um dos instrumentos de descrição e entendimento das ações de informação, gerando uma zona de negociação de significados e uma ponte entre o princípio de autonomia de cada campo científico e o princípio de transversalidade e reinterpretação que requer a geração transdisciplinar de conhecimentos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.67). As tecnologias digitais ou metatecnologias estão associadas à utilização consensual de padrões e protocolos e requerem a coordenação social de seu desenvolvimento e uso; sendo elas sociais em sua origem e uso, são constitutivas do social na medida em que requerem e possibilitam o desenvolvimento de modos específicos de coordenação e interação

(GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2010, p. 51).

Sobre as práticas de comunicação da informação na web, González de Gómez (2007a) completa:

Nas próprias práticas de comunicação da informação na Web, encontraríamos indícios de que os internautas têm se auto-organizado para estabelecer caminhos de validação dos conteúdos que buscam. Exemplo disto é a Web 2.0, construída pelo próprio usuário (que preferimos caracterizá-lo como ator nesse cenário), como os Blogs, a Wikipédia, Youtube e o próprio Orkut. O conteúdo constituído no contexto da Web 2.0 é resultado de ações de interatividade comunicativa que na maioria das vezes se estabelecem a partir de redes de afinidades, sendo que estas afinidades não seriam previamente delimitadas e sim estabeleceriam nas próprias ações informacionais de busca por conteúdos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007, p. 8).

“Um texto vale pelo argumento que contém, não pela boca que o profere” (DEMO, 2005, p. 16). É preciso, portanto, propor maneiras e modos mais flexíveis de reconstruir conhecimento a fim de, em primeiro lugar, ser justo com a flexibilidade da realidade. González de Gómez (2007a, p. 6) completa a ideia de que o “autor da informação investe mais para gerá-la, mas em consequência, muitos poderão usá-la e validá-la com muito menor custo e gasto de energia”.

Demo contextualiza a importância da discutibilidade dos argumentos:

Não podemos ser imprecisos, porque captar de modo impreciso a realidade imprecisa só agravaria a imprecisão. Os métodos buscam precisão, mas esta deve ser flexível, pois, quanto mais os métodos forem precisos, mais longe estarão da realidade imprecisa. Não cabe tudo em lógica. Razão não é tudo. O coração tem razões que a razão desconhece. Neste contexto, diz-se hoje que o critério mais aceitável, ainda que longe de satisfatório, de cientificidade é a discutibilidade dos argumentos (DEMO, 2005, p. 36).

Argumentar, para Demo (2005, p.36), supõe relacionamento social com os participantes do discurso. “A autoridade do argumento conclama autoridade não autoritária, combinando de modo perspicaz ciência e democracia, como transparece na teoria da ação comunicativa de Habermas”. Como argumentar implica contra-argumentos, aparece a noção de direito recíproca à palavra. “Não se argumenta para calar o outro, mas, para movê-lo a manifestar-se com autonomia, em nome da autonomia. O argumento que tolhe a autonomia do outro é golpe” (DEMO, 2005, p. 38). O conceito de autonomia proposto intersubjetivamente considera que o

desenvolvimento da personalidade de cada um depende da realização da liberdade de todos (HERMANN, 2012).

Habermas, por sua vez, comenta sobre a validade do agir orientado pelo entendimento:

O autor imputável se comporta de modo autocrítico, não somente em suas ações diretamente moralizáveis, mas também em suas manifestações cognitivas e expressivas. Mesmo que a imputabilidade constitua, em seu âmago, uma categoria prático-moral, ela se estende às expressões e cognições inseridas no espectro de validade do agir orientado pelo entendimento (HABERMAS, 2012, p. 139).

Demo esclarece que, na obra excepcionalmente fecunda de Habermas, encontram-se “outros horizontes excitantes, como a noção da verdade como pretensão de validade, na qual expressa, de modo veemente, a politicidade da verdade e, por consequência, sua natural multiculturalidade” (Demo, 2005). Os consensos são possíveis, quanto frágeis, porque são obra de construção histórica de grupos humanos que sabem, ao mesmo tempo, propor e conceder, preferindo o melhor argumento (DEMO, 2005, p. 39).

Demo (2005, p. 40-45) apresenta algumas dimensões na defesa de que ciência, epistemologicamente falando, é a arte de argumentar:

- a) O cerne do argumento é o questionamento e que, no fundo do termo argumentar, está a noção de arguir, inquirir, duvidar.
- b) Argumento reclama naturalmente, na mesma dinâmica, o contra-argumento.
- c) Argumento é fundamentar. Nada é evidente. Tudo precisa ser devidamente fundamentado, mas toda fundamentação é transitória.
- d) Argumentar é jogo aberto e produtivo. Quando bem formulado, exerce poder reconstrutivo tanto em quem elabora, quanto em quem o reelabora, “pois é coisa de sujeito capaz de autonomia, que lê autor para se tornar autor, observa a realidade para mudar, se comunica para contribuir”.
- e) Argumentar é compreender. “Para entender o outro é mister reconstruir o outro, passando isso inevitavelmente pela desconstrução; esta condição

aguça tanto mais a necessidade de tentar compreender o outro da melhor maneira possível, (...)”.

- f) Argumentar é reconstruir. “É mister saber colocar algo melhor no lugar”.
- g) Argumentar é pesquisar. “Implica dizer que o bom argumento é fruto de processo incansável de busca, nunca se acomodando no conhecimento vigente e disponível. Pesquisa supõe rever o conhecimento existente, colocar novas perguntas e dúvidas, abalar o que está estabelecido, procurar novas fundações e fundamentações”.
- h) Argumentar é elaborar. “Ao elaborar, percebemos melhor se o que vai ao papel se sustenta, tem começo, meio e fim, revela raciocínio completo e amarrado; bom argumento é argumento bem elaborado, de dentro para fora, o que evita, por exemplo, a discussão feita por parceiros despreparados, que falam qualquer coisa, sem maior nexos ou chão”.
- i) Argumentar é saber pensar. “(...) saber pensar é ver mais longe, ir atrás do que não se sabe, considerar tudo que se fez muito pouco (...)”
- j) Argumentar é constituir-se sujeito autônomo. “(...) dialeticamente falando, autonomia conclama, na outra face, subordinação, mas, tomando as relações como complexas não lineares, é possível montar um quadro de relações igualitárias (...)”.

A arte de argumentar não é apenas a estratégia básica de se fazer ciência, é também procedimento espetacular de construção de processos emancipatórios. Tal perspectiva, segundo Demo (2005, p. 67), recorda a tese de Habermas sobre esfera pública e ação comunicativa:

Uma ideia iluminada no sentido de que a prevalência do bem comum depende, em grande medida, dos espaços abertos de discussão livre, para que seja viável privilegiar os interesses compartilhados, não os privados (DEMO, 2005, p. 67).

Quadro 17 - Passagem ao Estádio de interação convencional (1): Do Comportamento de Competição Pré-Convencional ao Agir Estratégico

Equipamento Sócio- cognitivo Tipos de ação	Estruturas de perspectivas	Estrutura da expectativa de comportame nto	Conceito de autoridade	Conceito de motivação
Comportament o de competição pré- convencional	Conexão recíproca de perspectivas de ação Selman: Estádio 2 Flavell: estratégia B	Padrão de comportament o particular; atribuição de intenções latentes	Arbítrio externamente sancionado das pessoas de referência	Orientação em função de recompensa/castigo
Agir estratégico	Coordenação das perspectivas do observador e do participante. Estádio 3 Flavell: estratégia C			

Fonte: Habermas (2003, p. 185)

Poker (2008, p. 72, grifo do autor) considera que a esfera pública é constituída pelas interações existentes numa situação de comunicação direcionada ao entendimento. Para isso exige a capacidade de descentração dos participantes à medida que consiste numa situação dialógica presumida na relação *eu-outro*. “O desentendimento é tão possível quanto o entendimento, e em toda comunicação há suficiente ruído para que possa ser deturpada, tanto em quem emite, quanto em quem recebe”. (DEMO, 2005, p. 67). “Aprender a argumentar é profundamente saber arquitetar a democracia dos consensos possíveis e sempre abertos, à medida

que aprendemos a modular a influência de tal sorte que não exija subordinação” (DEMO, 2005, p. 68).

Demo esclarece sobre argumento de autoridade e autoridade do argumento:

A verdadeira politicidade é aquela que influencia sem humilhar, porque supõe o “saber pensar” tanto em quem fala, quanto em quem escuta. O jogo inteligente da qualidade formal e política pode combinar, de maneira criativa, critérios formais e políticos da cientificidade, de tal sorte que, reduzindo-se ao mínimo o argumento de autoridade, prevaleça a autoridade do argumento. Esta não sobrevive apenas com lógica, porque supõe, ademais, o consenso possível entre interlocutores que “sabem pensar”. Saber pensar pode levar ao consenso, mas nunca a ponto de impedir o afastamento crítico, bem como pode levar ao questionamento, mas nunca a ponto de impedir a convivência (DEMO, 2005, p. 80-81).

O consenso que mais vale a pena é aquele feito de gente que discorda, por isso nunca completo, final, mas em situação aberta de revisão constante. Sua fragilidade é sua força. Só quem discorda pode consentir. Os outros apenas aplaudem ou são machucados na manipulação. Ao fundo, a arte de argumentar é também a arte de saber ceder, porque nisto surge a generosidade de quem prefere a parceria ao confronto (DEMO, 2005, p. 91).

A comunicação não é, portanto, para Habermas, uma utopia e um lugar do qual os conflitos estariam ausentes. Ao contrário, é um espaço de requestionamento permanente:

Mas sua força é justamente *poder progredir exclusivamente pela força do melhor argumento*, não somente pela ameaça ou pelo constrangimento (mesmo se estes puderem intervir), nem pela força exclusivamente da tradição ou de uma obrigação que viesse do alto e não pudesse ser discutida (DUPEYRIX, 2012, p. 49).

No sentido da construção coletiva de verbetes na Wikipédia, pensa-se em, a fim de esclarecer a validade da informação produzida neste ambiente, a utilização da validação social como processo de agregação das opiniões extraídas de argumentos entre os wikipedistas. Assim, o que “mais decide é a habilidade de negociação com base na autoridade do argumento” (DEMO, 2009, p. 99). “A autoridade do argumento é garantia da liberdade de expressão e interpretação porque não se sustenta à sombra de imposições e censuras, mas por conta da liberdade de pesquisar” (DEMO, 2012, p. 33). Além disso, segundo Hermann (2012),

Habermas está convencido que mediante argumentos pode-se produzir um acordo racionalmente motivado cujos compromissos expandir-se-iam para toda sociedade.

González de Gómez (2007a, p. 7) afirma que os critérios e procedimentos de validação de conhecimentos e informações estão sujeitos às matrizes sócio-cognitivas de sujeitos coletivos situados e são constituídos pela interseção de muitas e mais específicas variáveis que aquelas genéricas que fazem parte idealmente os paradigmas disciplinares.

Os conhecimentos construídos coletivamente e dinamicamente são, consequentemente, pensados a partir de critérios de validade comunicativa estabelecidos por Habermas, como já fora ensaiado em estudos prévios de González de Gómez e de Gracioso (2007b). A partir de agora a Ciência da Informação deve fazer valer deste aporte teórico para que novas pesquisas ganhem força quando se pensam nos fenômenos sociais coletivos e dinâmicos que acontecem na Wikipédia ou em outras emergentes plataformas computacionais. A contribuição de Habermas (2005, p. 178) recai, como ele mesmo afirma, na busca de vestígios de uma razão capaz de integrar as coisas sem eliminar as distâncias e que reconheça a alteridade do outro tornando reconhecível, entre estranhos, o que é comum.

5 CONCLUSÃO

O trabalho do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas serve mais para pesquisas empíricas e aplicações pragmáticas do que muitos outros estudos concluem. Em relação ao desenvolvimento de sistemas de informação, nesse sentido, as contribuições de Habermas passam a ganhar entendimento a partir da gestão e dos usos das ferramentas que neles, os sistemas, devem constar.

A razão comunicativa pensada por Habermas, sobretudo em um mundo cada vez mais globalizado, adequa-se à atual sociedade por caracterizar-se como a capacidade humana de criar argumentos em discursos que podem ser desenvolvidos em quaisquer tipos de espaços sociais públicos e democráticos. Permite-se, portanto, ampliar a participação interdisciplinar e superar visões unilaterais da ciência, da técnica e da informação.

Para a Ciência da Informação (CI), Habermas possui extrema relevância como aporte teórico, pois o autor é capaz de construir espaços de análise das mediações sociocomunicacionais e é nesses espaços que a CI elabora as indagações aos estudos empíricos por meio do estudo da gestão, uso, processamento, produção, transmissão e uso da informação.

A Wikipédia, embora tenha iniciado a construção no início desse século XXI (mais precisamente em 15 de janeiro de 2001), ainda parece, para alguns, novidade na história editorial das enciclopédias. É hoje, porém, considerada a maior enciclopédia da história humana e ganha, com ajuda da evolução tecnológica, mais força no alcance da produção de mais verbetes e em mais línguas. É comum, entretanto, ver notícias que pregam menor interesse de colaboradores na produção da Wikipédia, mas, ao mesmo tempo, reconhece-se o esforço de colaboradores em angariar mais voluntários para dar força ao projeto.

Percebe-se que a Wikipédia configura o conhecimento enquanto discurso e que o hipertexto, nela, configura materialidade discursiva. Os laços sociais que se criam, assim, ficam sempre abertos ao escrutínio público concluindo-se que toda narrativa é uma controvérsia demandando participação do público, criando-se redes que se organizam socialmente, uma vez que a Wikipédia é tecida por discursos conduzidos por milhares de sujeitos pertencentes a diversas partes do planeta.

A Wikipédia reconhece a autoridade do melhor argumento porque admite cooperação e discussão no contexto mais puro habermasiano. A autoria é relativa

de todos e a produção textual colaborativa em rede faz repensar o conceito de autoria. O estudo conclui que prevalece a autoridade do melhor argumento a partir da escuta dos pontos de vista, críticas, sugestões e interferências dos sujeitos. O uso que uma sociedade faz das ferramentas disponíveis depende das necessidades de cada comunidade e da maneira como cada grupo se organiza para fazer com que elas, as necessidades, sejam atendidas.

O conteúdo produzido e compartilhado sem custos por um misto de usuários híbridos (produtores e consumidores de informação e de conhecimento) derruba o paradigma existente antes do surgimento de uma sociedade em que os contatos passam a ser mediados por tecnologia digital. A comunicação de muitos para muitos amplia a produção de conhecimento e coloca a sociedade civil global em destaque e capaz de ser ouvida por meio do discurso que se estabelece nesses meios.

A Internet permite a globalização da comunicação e, com isso, a filosofia da linguagem ganha destaque porque passa a ser considerada o fenômeno linguístico a ser valorizado nesse espaço de veiculação de discursos. No ciberespaço navegam discursos e a arena deve ser ocupada por todos. Mesmo que os comentários caiam no vazio armazenado dos dispositivos, enquanto a estrutura técnica estiver disponível pela Wikipédia, por exemplo, haverá a chance de voltar ao discurso e segui-lo a partir do ponto em que parou.

No ciberespaço amplia-se a possibilidade de construção de opiniões públicas, de certa forma com maior liberdade, por meio da comunicação que é estabelecida pelos atores da sociedade civil. Espera-se que a sociedade ganhe com a ampliação de uma comunicação mais horizontal, com plena interatividade, mediada, de certa forma, pelas tecnologias e os dispositivos criados a partir de agora.

A internet abriga um ambiente capaz de fornecer o discurso prático que Habermas sugere. Na Wikipédia conclui-se que mesmo em artigos controversos o consenso é obtido a partir de certo tempo em discussão. Com o mundo cada vez mais globalizado e em uma sociedade interconectada e ligada por redes de tecnologias de informação e comunicação, pensa-se que as relações entre sujeitos sejam as verdadeiras produtoras do conhecimento.

As atuais dinâmicas comunicacionais mudam a forma de validação da informação, pois é possível visualizar e discutir essa dinâmica uma vez que prevalece a autoridade do argumento e, não, o argumento da autoridade. Essas

mudanças são parte de processos na esfera cultural que variam de acordo com a época em que se vive e das tecnologias disponíveis em cada sociedade.

É proposto, portanto, que na Wikipédia aconteça uma **validação discursiva da informação**, pois diante da ideia habermasiana de emancipação humana, o agir comunicativo voltado ao entendimento mútuo propõe processos que levam os membros da sociedade a uma maturidade capaz de manter a autoridade dos argumentos estabelecidos no discurso.

No encadeamento das ideias de que as coisas têm **pretensões de validez** e que elas passam por um **processo de validação** até adquirirem **validade**, por **validação discursiva da informação** entende-se o processo de um agir comunicativo voltado ao entendimento mútuo alcançado pela ideia habermasiana de emancipação humana e de discurso. O processo envolve o uso da linguagem que promove avanços nas pretensões de validez quando justificadas discursivamente.

Novos estudos envolvendo o aporte teórico de Jürgen Habermas contribuem para mover a comunidade científica na busca de soluções para a criação e manutenção de sistemas de informação em que, mais do que preocupar-se com o desenvolvimento técnico em si, deve-se atentar em como o conteúdo a ser produzido pelo social ganha força. O envolvimento cada vez mais constante dos atores envolvidos nessa tessitura construída por diversas mãos universais deve ser o mote dos futuros encontros suscitados como debate na academia.

REFERÊNCIAS

AALTONEN, Aleksi.; KALLINIKOS, Jannis. Coordinating and learning in Wikipedia: revisiting the dynamics of exploitation and exploration. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 37, p.161-192, 2013.

AIGRAIN, Philippe. The Individual and the Collective in Open Information Communities. In: BLED ELECTRONIC COMMERCE CONFERENCE, 16, 2003, Slovenia. **Anais ...Slovenia: BLED**, 2003. Disponível em: <<http://flosshub.org/sites/flosshub.org/files/aigrain3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

ALMEIDA, Guido Antônio de. Verdade e consenso. **Revista Tempo Brasileiro**; Jürgen Habermas 60 anos, Rio de Janeiro, n. 98, jul./set. 1989.

ARAGÃO, Lucia. **Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

ARNOLD, Michael. Systems design meets Habermas, Foucault and Latour. In: CLARKE, S. et al. **Socio-Technical and Human Cognition Elements of Information Systems**. London: Information Science Publishing, 2003. p.226-248.

BARRETO, Aldo. Uma quase história da Ciência da Informação. **Datagramazero: revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm>. Acesso em: 10 nov. 2012.

BAUWENS, Michel. **A economia política da produção entre pares**. [S.l.: P2P Foundation], [2013?]. Disponível em: <http://www.p2pfoundation.net/index.php/A_Economia_Política_da_Produção_entre_Pares> Acesso em: 4 dez. 2013.

BENKLER, Yochai. **The Penguin and the Leviathan: how cooperation triumphs over self-interest**. New York: Crown Business, 2011.

_____. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom**. Yale: Yale University Press, 2006.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – I: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento – II: da enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAMPELLO, Bernadete S. Enciclopédias. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo T. **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Organizações como fontes de informação. In: CAMPELLO, B. S; CENDÓN, B.V; KREMER, J.M (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

CAMPELLO, Bernadete; ANDRADE, Maria E. Albino; MEDEIROS, Nilcéia Lage de. Enciclopédias publicadas no Brasil: estudo comparativo das enciclopédias Mirador, Barsa e Delta Universal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 44-52, jan./abr. 1993.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CAMPOS, Aline de. Escalada do conflito em processos colaborativos online: uma análise do verbete web 2.0 da Wikipédia. **Intexto**, Porto Alegre; v. 1, n. 22, p. 134-150, jan./jun. 2010.

CASTELLS, Manuel. Lições da história da internet. In: _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003. cap. 1 (Coleção Interface).

CENCI, Angelo Vitório. Da ética do discurso à teoria do discurso. In: NOBRE, M; REPA, L (Org.). **Habermas e a reconstrução: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CORNODE, G.; KRISHNAMURTHY, G. Key differences between web 1.0 and web 2.0. **Fisrt Monday**, v. 13, n. 6, June 2, 2008.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

CHATFIELD, Tom. **Como viver na era digital**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia (1775-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEMO, Pedro. **A força sem força do melhor argumento: ensaio sobre “novas epistemologias virtuais”**. Brasília: Ibict, 2010.

_____. **Argumento da autoridade x autoridade do argumento: interfaces da cidadania e da epistemologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

_____. **Ciência rebelde: para continuar aprendendo, cumpre desestruturar-se**. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012b.

_____. **Qualidade humana**: somos corpo e alma, nem só corpo, nem só alma. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2009.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de informação**: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. São Carlos: UFSCAR, 2005.

DIAS, Maria Matilde Kronka. Normas técnicas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 137-151.

DUPEYRIX, Alexandre. **Compreender Habermas**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ESTEVES, Bernardo; CUKIERMAN, Henrique. A controvérsia sobre as causas do aquecimento global em 15 artigos da Wikipédia lusófona. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 13., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012.

_____. **Consenso e controvérsia na wikipédia**: um olhar sociotécnico sobre o verbete “aquecimento global”. In: CONGRESSO SCIENTIARUM HISTÓRIA, 4., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

FALLIS, Don. Toward an Epistemology of Wikipedia. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 10, n. 59, p. 1662-1674, 2008.

FERREIRA, Leonardo. Teoria ator-rede I: críticas (cartografia de controvérsias). In: SIMSOCIAL: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE, 3., 2013, Salvador. **Anais ...** Salvador: UFBA, 2013.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de. **Busca e validação imagética na web**. 2011. 108p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Rio de Janeiro, 2011.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Letícia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v.11, n.26, p. 46-65, jan./jun. 2006.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **Dialogando com Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

FROOMKIN, Michael A. Habermas@discouse.net: toward a critical theory of cyberspace. **Harvard Law Review**, v. 116, n. 3, jan. 2003.

GLEICK, James. **A informação**: uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens: questões epistemológicas, consequências políticas. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (Org.) **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal, RN: Editora da UFRN, 2006.

_____. A informação no pensamento contemporâneo: aproximações à teoria do agir comunicativo de Habermas. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.) **Desafios do impresso ao digital**: questões contemporâneas de informação e conhecimento. Brasília: IBICT: Unesco, 2009a.

_____. Habermas, informação e argumentação. In: PINZANI, A.; LIMA, C. R. M.; DUTRA, D. V. **O pensamento vivo de Habermas**: uma visão interdisciplinar. Florianópolis: NEFIPO, 2009b. p. 115-138.

_____. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Enancib, 2007a.

_____. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 115-134, jan./dez. 2009c.

_____. A universidade e a “sociedade da informação”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 225-242, jul./dez. 2011.

_____. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.16-37, mar. 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida; GRACIOSO, Luciana de Souza. Ciência da Informação e a ação comunicativa no cenário web. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Enancib, 2007b.

GORGEON, Arnaud; SWANSON, E. Burton. Web 2.0 according to Wikipedia: capturing and organizing vision. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 10, n. 62, p. 1916-1932, 2011.

GRACIOSO, Luciana de Souza. J. Habermas, Validação Comunicativa e Ciência da Informação. In: BOCCATO, Vera Regina Casari; GRACIOSO, Luciana de Souza. **Estudos de Linguagem em Ciência da Informação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

_____. Justificação e a ação de informação no contexto da pragmática virtual. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 286-300, set. 2010.

GRACIOSO, Luciana de Souza; SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem**: da pragmática informacional à web semântica. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão descentralizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Comentários à ética do discurso**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

_____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Diagnóstico do tempo**: seis ensaios. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

_____. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b. v.1.

_____. **Era das transições**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003c.

_____. **Fundamentação linguística da Sociologia**: obras escolhidas de Jürgen Habermas. Lisboa: Edições 70, 2010.

_____. Teorias da verdade. In: _____. **Obras escolhidas de Jürgen Habermas**. Lisboa: Edições 70, 2010. v. 2, cap. 5.

_____. **Racionalidade e comunicação**. Lisboa, Edições 70, 1996.

_____. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Editora WMF Fontes, 2012. v. 1.

_____. **Teoria do agir comunicativo**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. v. 2.

_____. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

HANSEN, Sean; BERENTE, Nicholas; LYYTINEN, Kalle. Wikipedia, critical social theory and the possibility of rational discourse. **The Information Society**, n. 25, 2009.

HAYTHORNTHTWAITE, Caroline. Redes sociais e análise de redes sociais: redes sociais On-Line E Off-Line. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, IBICT, 2009.

HENG, Michael S. H; DE MOOR, Aldo. From Habermas's communicative theory to practice on the internet. **Information Systems Journal**, v. 13, n. 4, p. 331-352, 2003.

HENGE, Gláucia da Silva. A Wikipédia e o discurso de/sobre o conhecimento. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça, SC. **Anais...** Santa Catarina, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

HERMANN, Nadja. **Conferência sobre Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro, 2012. Aula ministrada em 25 abril e 9 mai. 2012. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila.

HORKHEIMER, Max. Conceito de iluminismo. In: TEXTOS escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

JOHNSON, Telma. **Nos bastidores da Wikipédia lusófona**: percalços e conquistas de um projeto de escrita coletiva on-line. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

JUSTINIANO, Leonides da Silva. Estado e identidades pós-convencionais. In: MARTINS, C. A; POKER, J. G. A. B. (Org.). **O pensamento de Habermas em questão**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2008.

KADUSHIN, Charles. **Understanding social networks**: theories, concepts and findings. New York: Oxford University Press, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectivas, 2009.

LANIADO, D. et al. When the Wikipedians talk: network and tree structure of Wikipedia Discussion Pages. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEBLOGS AND SOCIAL MEDIA, 5., 2011, [Madrid]. **Anais...** [Madrid]: Imagina Building, 2011.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2011.

LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. **A velocidade da sombra**: nos limites da ciência. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

LÉVY, Pierre. **Filosofia World**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Portugal: Instituto Piaget, 2000.

LIMA, C. R. M. de; LISBOA, A. de M; SANTINI, R. M. Trabalho imaterial, produção colaborativa e economia da dívida na sociedade da informação. In: LIMA, C. R. M. de; SANTINI, R. M. (Ed.). **Produção colaborativa na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: E- Papers, 2008.

- LIMA, C. R. M. de; SANTINI, R. M. Trabalho imaterial, compartilhamento de informação e produção colaborativa na sociedade da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, n. 23, 1. sem. 2007.
- LIMA, C. R. M de; ROMAN, D. J; RÉGIS, F .B; DITTRICH, M. A cultura de colaboração e inovação dos desenvolvedores de softwares livres. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 101-114, mar. 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/326>>. Acesso em: 10 nov. 2012.
- LIMA, C. R. M de; GONÇALVES, M; MEIRELLES, M; MANSO, B. L de C. Os ambientes wiki: interação, discurso e generosidade nas redes sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, ANCIB, 2012.
- LIMA, C. R. M de; MOREIRA, F. K; LIMA, J. R. T. Problematização e racionalização discursiva dos processos produtivos em organizações. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 7, n. 3, p. 669-692, 2010.
- LOVELAND, Jeff; REAGLE, Joseph. Wikipedia and encyclopedic production. **New Media and Society**, v. 15, n. 8, 2013.
- LYYTINEN, K; HIRSCHHEIM, R. Information systems as rational discourse: an application of Habermas theory of communicative action. **Scandinavian Journal of Management**, v. 4, n. 122, p. 19-30, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante**: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea: nova teoria da comunicação III. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Comunicação). tomo II
- MARTINS, Beatriz Cintra. Autoria colaborativa e validação textual: o caso Wikipédia. **Contemporânea**: comunicação e cultura, v.11, n. 1, p. 72-88, jan./abr. 2013.
- NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. Reconstruindo Habermas: etapas de sentido de um percurso. In: NOBRE, M; REPA, L (Org.). **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- PANCIERA, K; HALFAKER, A; TERVEEN, L. Wikipedians are born, not made: a study of power editors on wikipedia. In: PROCEEDINGS OF THE ACM INTERNATIONAL CONFERENCE ON SUPPORTING GROUP WORK, 2009, Flórida. **Anais...** Flórida: ACM Digital Library, 2009.
- PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: ESOCITE – JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE ESTUDOS SOCIAIS DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS, 7., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias – ESOCITE.BR, 2008.
- _____. Tecnologias de vigilância: um estudo psicossocial a partir da análise de

controvérsias. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2005.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; NOBRE, Júlio César de Almeida. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Revista Ator-Rede**, Rio de Janeiro, n. 1, 2013.

PENTZOLD, C.; SEIDENGLANZ, S. Foucault@Wiki: first steps toward a conceptual framework for the analysis of wiki discourses. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON WIKIS, 2., 2006, Nova Iorque. **Proceedings...** Nova Iorque: ACM Digital Library, 2006. Disponível em: < <http://www.wikisym.org/ws2006/proceedings/> > Acesso em: 10 nov. 2013.

PINZANI, Alessandro. **Habermas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POKER, José Geraldo A. B. A democracia e o problema da racionalidade. In: MARTINS, C. A.; POKER, J. G. A. B. (Org.). **O pensamento de Habermas em questão**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2008.

POMBO, Olga. O projecto enciclopedista. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, Antonio; ALEXANDRE, Antonio Franco. **Enciclopédia e hipertexto**. Lisboa: Editora Duarte Reis, 2006.

_____. **O hipertexto como limite da ideia de enciclopédia**. [Lisboa]: [s.n., 201-]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enc/presentefuturo.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

PRICE, Derek de Solla. **A Ciência desde a Babilônia**. Trad. de Leônidas Hegenberg e Octanny S. da Mota. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976.

REAGLE JR., Joseph Michael. **Good faith collaboration: the culture of Wikipedia**. New York: MIT Press, 2010.

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODAS, Leandro Cianconi de Paiva. **Democracia e cidadania na web social: participação, colaboração e produção coletiva de conhecimento**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI/UFF/IBICT), Niterói, 2009.

ROSS, Alain. **A Habermasian Perspective on the Requirements Process in Software Development**. 2006. X f. Tese (Doutorado em Filosofia)- Haskayne School of business Calgary, Canadá, 2006.

ROSS, Alain.; CHIASSON, Mike. Habermas and information systems research: new directions. **Information and Organization**, n. 21, p. 123-141, 2011.

SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo. Tim Berners-Lee e a ciência da informação: do hipertexto à web semântica. In: SANTAREM SEGUNDO, J. E; SILVA, M. R da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

SCOTTA, Larissa. Da enciclopédia e da Wikipédia: uma leitura discursiva. **Artefactum**: revista de estudos em linguagem e tecnologia, ano 2, n. 2, fev. 2009.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. Encontros e desencontros no caminho da interdisciplinaridade: G. Gusdorf e J. Habermas. Jürgen Habermas: 60 anos. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 98, jul./set. 1989.

_____. Razão comunicativa e técnicas de comunicação e informação em rede. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; LIMA, C. R.M de. (Org.). **Informação e democracia**: a reflexão contemporânea da ética e da política. Brasília, DF: IBICT, 2010.

_____. **Conferência sobre Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro, 2010. Aula ministrada em 15 out. 2010. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila.

_____. **Jürgen Habermas**: razão comunicativa e emancipação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SOUSA, Paulo de Tarso Costa de. Metodologia de análise de redes sociais. In: MUELLER, Suzana Pinheiro. **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

SOUZA, Queila; QUANDT, Carlos. Metodologia de análise de redes sociais. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SUNSTEIN, Cass. **Infotopia**: how many minds produce knowledge. New York: Oxford University Press, 2006.

TAPSCOTT, Don. **Wikinomics**: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

TÖROK, J.; IÑIGUEZ, G.; YASSERI, T.; MIGUEL, M. S.; KASKI, K.; KERSTÉSZ, J. Opinions, conflicts, and consensus: modeling social dynamics in a collaborative environment. **Physical Review Letters**, v. 110, n. 8, 2013.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, n. 3, v. 19, maio 2010.

PTWIKIS. **Linha do tempo**. Tool Labs – Ferramentas para projetos lusófonos. [2013?]. Disponível em: <https://tools.wmflabs.org/ptwikis/Linha_do_tempo>. Acesso em: 10 dez. 2013.

WIKIMEDIA FOUNDATION. **Home**. [2013?]. Disponível em:
<<http://wikimediafoundation.org/wiki/Home> >. Acesso em: 10 dez. 2013.

WIKIPEDIA. **Wikipédia**. [2013a?]. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 10 dez. 2013.

WIKIPEDIA. **Wikipédia**:Lista dos 1000 artigos essenciais. [2013b?]. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 10 dez. 2013.

YASSERI, Taha et al. Dynamics of conflicts in Wikipedia. **PLoS ONE**, v. 7, n. 6, June 2012.

YASSERI, T. et al. The most controversial topics in Wikipedia: a multilingual and geographical analysis. In: FRICHMAN P.; HARA N. (Org.). **Global Wikipedia: international and cross-cultural issues in online collaboration**. [S.l.]: Scarecrow Press, 2014.

ANEXO A- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS

Wikipédia Discussão:Lista dos 1000 artigos essenciais

Wikipédia Discussão:Lista dos 1000 artigos essenciais



Parte desta discussão foi arquivada, e movida para uma subpágina.

Em várias situações é útil arquivar discussões antigas. Se procura uma discussão que não esteja nesta página, consulte o arquivo.

Ilustração da lista

Acho que a inclusão das imagens e tabelas vai acabar por tornar impossível a edição desta página (passou de 30 kb para 40 só com a inclusão na primeira secção). Melhor arranjar umas imagens mais pequenas e só colocar nos artigos que já foram avaliados e retirar as tabelas. GoEThe (discussão) 12h13min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Se a tabela só tiver o artigo e a classificação é meio desnecessária. Podemos adaptar da en e usar os símbolos A B C, q nem na lista deles. Rjclaudio ^{msg} 12h19min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Os símbolos a usar seriam o 1 a 5 + AD (estrela), conforme a WP:1.0, sendo o 5 um AB. GoEThe (discussão) 12h52min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Esses símbolos são bons qnd se coloca o conjunto completo e só deixa um dos símbolos coloridos. Se colocar só um símbolo, vai ficar uma lista cheia de símbolos azuis. Não dá pra *bater o olho* e já saber qual a qualidade do artigo, q nem dá pra fazer na en. Rjclaudio ^{msg} 13h00min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Criam-se símbolos com cores diferentes. Não dá é para usar uma escala que não é usada na classificação dos artigos. GoEThe (discussão) 13h03min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Ok, cores diferentes pra mim já está bom. Rjclaudio ^{msg} 13h05min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

- E como fico o *efeito visual* que essa sugestão vai causar? ⊖ **Discordo** do uso de cores distintas. O padrão de avaliação da nossa wikipédia já é esse usado aqui - números ao invés "letras", avaliação mais comum no mundo anglófono. Flávio, o **Maddox** ^(msg! • contrib) 16h24min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Queria algum modo de poder ver facilmente quais os artigos q estão bom baixa qualidade. Se ficar um símbolo único e tudo azul só mudando o número vai ter q olhar um por um pra achar qual artigo está ruim e qual está bom. Se ficar como está agora, com o ícone completo (5 cinza e 1 azul) dá pra ver direito. Ou cores diferentes, ou símbolos diferentes, ou a imagem com a escala completa. Rjclaudio ^{msg} 17h24min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Ou podemos fazer o teste e ver como fica. Alguém dá uma classificação de qualidade pros autores e coloca símbolo único só mudando o número. Quem sabe não fica tão ruim assim de ver as coisas. Rjclaudio ^{msg} 17h25min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Revisão da lista

Pela contagem, temos 1237 artigos. Bem mais q os 1000. Temos q fazer uma revisão. Rjclaudio ^{msg} 12h37min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Penso que a elaboração da lista dos 1000 artigos essenciais deveria seguir o mesmo modelo da que elegeu os 500 brasileiros de todos os tempos, com a participação de toda a comunidade sugerindo e decidindo o que é importante em cada assunto. Robertogilnei (discussão) 12h42min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

⊕ **Concordo** contigo Robertogilnei. RmSilva ^{msg} 12h52min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Só não pode ser q nem a dos brasileiros, q meia dúzia discutiu/votou. E que a lista no final não foi usada para nada. Na verdade, cadê a lista final? Não achei. Rjclaudio ^{msg} 13h05min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Também não achei. Mas considero ser o melhor método de escolha dos artigos que devem ou não ser incluídos, ao invés do adotado nessa lista sabe-se lá por quem. Robertogilnei (discussão) 13h26min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

11 de janeiro de 2011 (UTC)

E a lista do meta, q é usado pro ranking global? Seria bom termos ela por aqui tb. Ficariamos com 2 listas (uma nossa e uma tradução do meta)? Rjclaudio ^{msg} 13h32min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Estamos aqui para isso. A lista global pode ser uma coisa à parte, embora talvez vão ser bastante sobreponíveis, excepto talvez algum destaque para personagens lusófonas na nossa. Espero apresentar algumas sugestões pelo menos para a secção de biologia até ao final da semana. Como sugerem fazer a reformulação? Vamos sugerindo artigos para retirar / incluir aqui? GoEThe (discussão) 13h44min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Eu insisto que deve ser feito por etapas, sendo definido um tópico de cada vez. Afinal, porque só os três autores ali são essenciais? Por que o avestruz é essencial ao mundo lusófono e o pombo-doméstico, que tem ampla distribuição, não é? Robertogilnei (discussão) 13h48min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

As listas foram fundidas em 2006/2007. Desfiz essa fusão e vou tentar revisar a lista do Meta. A daqui, sugiro desde já, deveria ser movida para algo como Wikipedia:Artigos essenciais à wikipédia em português.

Flávio, o **Maddox** ^(msg! • contrib) 14h08min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

OK, também acho que deve ser feito por tópicos. Só temos de ter cuidado para não escolher muitos artigos para um tópico inicial e depois atingirmos os 1000 sem chegarmos ao fim. GoEThe (discussão) 14h16min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Se passarmos dos 1000 depois será uma seleção inversa, escolhendo quais artigos vamos tirar. O importante é começarmos com os principais artigos de cada tópico. Rjclaudio ^{msg} 14h18min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Creio que a lista do meta seria o melhor ponto de partida, pois tornaria desnecessário estarmos a escolher mil artigos num processo que se me afigura à partida impossível. Esta é uma enciclopédia em língua portuguesa, mas não é a enciclopédia dos temas lusófonos. Creio que salvo muito poucas excepções (como os países por exemplo), esta lista de 1000 deve ser o mais universalista possível. Se querem uma lista dos artigos "lusófonos" em termos lusófonos, tudo bem, mas creio que devia ser uma coisa à parte. Se não, esta lista vai ficar ainda pior do que está agora, arrisco-me a dizer. João Sousa ^{DC} 14h20min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Concordo com todos os argumentos expostos pelo João Sousa. Deveríamos modificar o mínimo possível a lista do Meta. Aliás, poderíamos apenas fazer um "suplemento" de + 100 artigos somente para artigos da lusofonia. OTAVIO1981 (discussão) 15h44min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Gostei da ideia do Otavio. Nao precisamos de outra lista de 1000 artigos essenciais, podemos fazer um suplemento (de 100, de 50, de 200, q seja) só com assuntos de interesse lusófono. Rjclaudio ^{msg} 15h48min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

Também concordo com os últimos acima. Manter a lista do meta (que, convenhamos, é útil apenas para fins de comparação com outras Wikipédias) e uma lista suplementar de artigos de interesse da lusofonia (esta sim, especial para nós, porque será *nossa* escolha). Kleiner ^{msg} 17h34min de 11 de janeiro de 2011 (UTC)

A lista do meta é importante para vermos o quanto a wiki está boa em relação a uma enciclopédia *global*. Agora a nossa lista será uma comparação para uma enciclopédia lusófona. O enfoque é diferente. Pessoalmente eu estou construindo uma enciclopedia global, então pra mim a lista do meta será mais importante q a nossa.

Vamos falar da nossa lista então? Sugiro começarmos por um tema mais objetivo e *fácil* (eu acho): as subdivisões dos países. Falando do Brasil (o critério será equivalente para todos os países lusófonos), todas as regiões (Região Sudeste do Brasil) vão entrar na lista? Todos os estados? De cidades, todas as capitais? Por população, as x mais populosas? Alguma outra q não esteja nesses critérios?

Rjclaudio ^{msg} 16h53min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Sugiro incluir somente as cidades mais importantes, além das capitais. Do Brasil indicaria Rio de Janeiro e São Paulo e de Portugal, a cidade do Porto. Acredito que uma abordagem histórica seria mais interessante e já dei um pontapé inicial neste sentido. OTAVIO1981 (discussão) 17h10min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Vamos fazer por etapas. Primeiro as localidades, depois passamos pros outros temas. Um de cada vez. Se tiver mt discussão ao mesmo tempo não sai nada. Se bem que talvez fosse mais rápido.

Capitais e cidades mais importantes? Subdivisões acima das cidades, coloca ou não?

Rjclaudio ^{msg} 17h17min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Sugiro adicionar-se à lista abaixo as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Macau e Porto. RmSilva ^{msg} 18h24min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Coloquei os estados e capitais (e equivalentes). Ficaram 212 artigos (faltando listar São Tomé e Timor-Leste). Ficou mt coisa? Tira os estados e deixa só as capitais? Ou faz a lista individualmente, escolhendo um por um? Rjclaudio ^{msg} 18h56min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Quando comecei a pensar numa lista Angolana, tentei escolher artigos que me possibilitassem entender o país Angola e certamente não optaria pelos distritos e cidades. Talvez o artigo sobre a divisão distrital fosse mais interessante pois pegar mais de uma cidade fica repetitivo. Fazendo um comparativo com o Brasil, nem todas as capitais eu considero essenciais para entender o que é o Brasil. Abç OTAVIO1981 (discussão) 20h28min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Acho que o "segredo" para fazer uma lista pequena e eficiente é esquecer Brasil e Portugal e pensar nos outros que não conhecemos tanto, selecionando o que é necessário para compreender com abrangência o país. Neste sentido, conhecer todas as capitais distritais de Moçambique me parece desnecessário. Quando a lista dos outros estiver mais ou menos pronta, por analogia fazemos Brasil e Portugal. OTAVIO1981 (discussão) 20h31min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Sou contra a inclusão de todas as capitais do Brasil. Palmas, por exemplo, é tão pequena que nem tem segundo turno. Acho que só deve ser inclusos os artigos sobre as cidades mais importantes. RmSilva ^{msg} 22h01min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

PS:Expando o comentário anterior aos outros países. Deveria ser feita uma seleção das principais cidades, e não uma lista de todas as capitais e sedes de instituições territoriais. RmSilva ^{msg} 22h03min de 14 de janeiro de 2011 (UTC)

Mudei então. Só pra ter uma ideia, nossa lista de temas lusófonos será de quantos artigos? 1000 tb? Ou menos? Rjclaudio ^{msg} 20h01min de 15 de janeiro de 2011 (UTC)

Acho que a lista deveria ser pequena, com no máximo 200 artigos, mas se no final a seleção for muito maior e tivermos que aumentar não vejo problemas quanto a isso. OTAVIO1981 (discussão) 11h43min de 16 de janeiro de 2011 (UTC)

Rascunho da lista suplementar lusófona

Localidades

1. Países

1. Brasil
2. Angola
3. Cabo Verde
4. Guiné-Bissau
5. Moçambique
6. Portugal
7. São Tomé e Príncipe
8. Timor-Leste

1. Cidades

1. São Paulo
2. Rio de Janeiro
3. Macau
4. Porto

História

Angola

1. História de Angola
2. Guerra Colonial Portuguesa
3. Independência de Angola
4. Reconquista de Angola
5. Guerra dos 55 Dias
6. Guerra Civil Angolana

Timor Leste

1. História de Timor-Leste
2. Ocupação de Timor-Leste pela Indonésia
3. Crise timorense de 2006
4. Crise de Timor-Leste de 1999
5. Invasão indonésia de Timor-Leste
6. Timor Português

Cabo Verde

1. História de Cabo Verde

Guiné-Bissau

1. História da Guiné-Bissau
2. Guerra de Independência da Guiné-Bissau

São Tomé e Príncipe

1. História de São Tomé e Príncipe

Moçambique

1. História de Moçambique
2. Império de Gaza
3. Império Monomotapa

Comentários a respeito da lista

Alguém ainda interessado em atualizar o suplemento proposto? Penso que das cidades, além das já incluídas, poderíamos colocar pelo menos as capitais dos países. Depois, penso em colocar as biografias. Até o momento temos 39 artigos (incluído supostamente as capitais) e falta Portugal e Brasil que tem temas mais desenvolvidos então será difícil pegar somente o essencial. Acho que tirando história, capitais e biografias não sobra muito de artigos essenciais. Talvez cultura, incluindo o carnaval por exemplo, o que acham? OTAVIO1981 (discussão) 18h43min de 11 de fevereiro de 2011 (UTC)

Dúvidas

Estes artigo e este não tratam do mesmo assunto?

Criador de artigos (discussão) 01h29min de 24 de março de 2011 (UTC)Criador de artigos

Posso criar uma tradução dessa Lista dos 10.000 artigos essenciais na Wikipédia Anglófona ^[1]?

Criador de artigos (discussão) 01h38min de 24 de março de 2011 (UTC)Criador de artigos

Compositores e músicos

Nessa seção, tirando Cesária Évora, Elvis Presley e Vinicius de Moraes, todos são de compositores de música clássica. Bem, será que não existem outros músicos mais recentes com importância maior ou igual? Aretha Franklin, Madonna e Michael Jackson por exemplo... Luan msg^{cont} 01h44min de 25 de abril de 2011 (UTC)

Palhaçada total

Esta lista é a maior palhaçada que já encontrei nesta wiki. Quem é que decide quais são os artigos essenciais? ninguém meus caros absolutamente ninguém, pois seja quem quer que seja que decida, mesmo que seja a comunidade, a lista vai ser sempre tendencioso e no fim vai ser o resultado dessas tendências e não do real objectivo que seria determinar quais são os 1000 artigos essenciais.

Mas já agora, será que alguém sabe explicar para que raio é ou serve esta lista? *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 23h02min de 17 de setembro de 2011 (UTC)

A lista é alterada mediante discussões no meta que é de onde ela vem. Pelo que entendi foi feita para comparar a evolução dos artigos em várias wikis. Por exemplo, por esta amostra de artigos, a wiki com maior qualidade é a catalã. Serve também de estímulo para aqueles que querem trabalhar em artigos mais importantes num ambito geral. Evidentemente é tendenciosa e sempre o será pois, a wikipédia em si é tendenciosa. A baixa participação feminina é a maior prova disso.OTAVIO1981 (discussão) 23h08min de 17 de setembro de 2011 (UTC)

Na verdade, eu entendo que essa lista foi feita para estabelecer quais poderiam ser os 1000 artigos que toda wikipédia deveria ter ao começar... Flávio, o Maddox ^(msg! • contrib) 23h10min de 17 de setembro de 2011 (UTC)

Acredito mais, na versão do Maddox, de facto esta lista teria sentido no inicio da wiki, hoje em dia não faz sentido nenhum, é um dinossauro sem razão de existir, mais valia apagá-la. *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 23h26min de 17 de setembro de 2011 (UTC)

Na verdade, a lista q é feita no meta é a Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter. **Citação:** Esta proposta, feita por um utilizador da wikipédia, tem como objectivo facilitar e assegurar que o maior número de wikipédias cubram uma área mínima de informação, útil à maioria dos usuários e que seja exigível a qualquer enciclopédia. Assim, aqueles que entrassem em contacto com a wikipédia sentir-se-iam mais motivados a participar no seu desenvolvimento. (tem mais, só ler a introdução lá).

Essa aqui é a versão lusófona, os artigos essenciais para o mundo lusófono e não para o mundo todo. De utilidade para essa, traduções para outras wikis (todas as wikis devem ter ao menos esses mil artigos sobre a lusofonia), e um guia para quem prefere trabalhar em artigos mais importantes. Seria também uma amostra da qualidade da wiki (se os mais importantes estão nesse estado, o resto não deve estar mt melhor). Sendo essenciais, são mt úteis para versões offline. Pessoalmente, tenho meus momentos de "quero focar minhas edições em artigos realmente importantes" e uso essa lista. Pra alguns ela deve ser útil, então não tem pq apagar.

As listas de "mais importantes" sempre serão parciais, não há como não ser. Tb são parciais qualquer classificação de Artigos por importância feita pelos projetos, mas ainda assim são classificações importantes

para direccionar os trabalhos em equipe.

Rjclaudio ^{msg} 23h32min de 17 de setembro de 2011 (UTC)

Mas nos projectos entende-se a parcialidade, pois são criados exactamente com esse objectivo, agora, francamente, se esta lista supostamente é para mostrar os artigos mais importantes para a wiki lusófona, então onde raio está o orgulho lusófono? Alguém se dá ao trabalho de contar os artigos relacionados com a lusofonia e dizer quantos lá se encontram? Só pelo que vi por alto se forem uns 5 já deverá ser muito. Não acham que existe uma grande incongruência nisso? *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 00h35min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Não são só 5 mas são uma vergonha

Autores (em 24)

- Fernando Pessoa
- Gil Vicente
- Luís Vaz de Camões
- Machado de Assis

Artistas (em 17)

- Aleijadinho

Compositores e músicos (em 14)

- Cesária Évora
- Vinícius de Moraes

Exploradores (em 15)

- Bartolomeu Dias
- Cristóvão Colombo
- Fernão de Magalhães
- Orlando Villas Bôas
- Pedro Álvares Cabral
- Vasco da Gama

Inventores e cientistas (em 17)

- Pedro Nunes
- Santos Dumont

Matemáticos e físicos (em 23)

(Nem um? estão a gozar certo?)

Filósofos e cientistas sociais (em 28)

(Nem um? estão a gozar certo?)

Políticos e líderes históricos (em 54)

- D. Dinis I de Portugal
- D. João II de Portugal
- Marquês de Pombal

Revolucionários e ativistas (em 5)

- Amílcar Cabral (Não tenho nada contra ele, mas é mesmo para rir, não é?)

No geral, então é melhor nem falar de tão ridículo, só por alto reparem que em História, estão apenas os artigos genéricos de história dos países da lusofonia. E então, onde estão os descobrimentos? Sem eles não teríamos o mundo que temos hoje, ou então o Regicídio de D. Carlos I de Portugal, ou a Guerra colonial, já para não falar das várias revoluções da lusofonia?

Se a lista é para manter, não acham que se deveria fazer algo em relação a isto? *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 01h17min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Veja as três primeiras seções dessa discussão, em especial #Rascunho da lista suplementar lusófona. A lista atual não é mais q uma duplicata da Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter. Deveria apagar essa lista deixando só os lusófonos e fazia outra do zero, começando com a que está na seção acima. Se deixar só vai aumentar a confusão entre essa lista e a outra. Rjclaudio ^{msg} 01h59min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Esta lista não causa confusão nenhuma, a não ser no percebermos o quão pobres estamos de artigos lusófonos. É apenas uma resenha da lista que existe apresentando apenas os artigos lusófonos, a menos que queira que a remova pela vergonha que ela é para todos nós. *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 03h28min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

A lista atual tem os artigos importantes para o mundo todo, que é cópia da outra lista do meta. A intenção dessa lista é ser um complemento daquela, tendo os artigos importantes para o mundo lusófono q aquela lista não tem. Ou seja, no estado atual, essa lista não cumpre o objetivo dela. Ela não é um complemento, ela é uma cópia. Rjclaudio ^{msg} 14h17min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Para ser copia, teria que ser total. Esta lista é uma amostragem e serve para nós nos capacitar-mos da realidade à nossa volta bem como para metermos um pouco de juízo na cabeça e na tal "lista complementar" acrescentar o que falta, pois não vejo lá nada melhor do que na tal lista do "meta". *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 15h38min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

A tal "lista complementar" é essa daqui. Ou melhor, deveria ser essa. Esse é o problema. Nós não temos uma lista complementar, não temos uma lista lusófona, nós temos duas listas mundiais. Tanto essa Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais como a Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter listam os artigos mais importantes mundialmente. Não precisa de duas listas com o mesmo objetivo, uma delas tem q sair. E como a Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter segue direito a lista do meta, q é como deve ser, é essa lista daqui q tem q ser modificada. Rjclaudio ^{msg} 16h12min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Seria bom mudar os nomes das listas. A Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter devia passar pra Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais e essa lista daqui deveria ir pra Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais (mundo lusófono), assim reflete melhor a intenção de cada lista (essenciais em geral, e essenciais lusófonos). Rjclaudio ^{msg} 16h23min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Nesta alteração, já concordo consigo, em relação ao resto, acho que alguém se deveria impor no meta, pois as escolhas deles sobre a lusofonia, metem nojo. *Pelo Poder do Z* ^{Alaf Ogimoc} 16h27min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

Essa parcialidade do meta já foi falada aqui. Só ir lá na discussão do meta e tentar melhorar os exemplos lusófonos por lá.

Já essa lista específica dos artigos lusófonos, somos nós q mesmos fazemos. O ideal é termos essa nossa lista pronta e aí podemos ir lá no meta e ver se algum dos itens q achamos importantes para os lusófonos podem entrar por lá.

Como a intenção da lista é para ter apenas artigos lusófonos, posso remover lá da lista todas as pessoas q não são lusófonas, praticamente tirar os artigos de ciência exatas (q são essenciais mundialmente), e todos os de ciências sociais q não falam especificamente dos lusófonos? Assim fica uma lista um pouco mais parecida com uma lista lusófona. Rjclaudio ^{msg} 16h47min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

E fica mais parecida com a lista da wiki.es, q me parece um bom exemplo. Rjclaudio ^{msg} 16h48min de 18 de setembro de 2011 (UTC)

adições

essa lista está parada ou sobrevive? de qualquer modo, deixo minha contribuição na parte dos artistas, sugerindo acrescentar:

artistas visuais: Mestre Ataíde, Victor Meirelles, Pedro Américo, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Tarsila do Amaral, Portinari, Lygia Clark, Hélio Oiticica.

músicos eruditos: José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, José Maurício Nunes Garcia, Carlos Gomes, Hans Joachim Koellreutter. Tetraktys (discussão) 05h12min de 24 de fevereiro de 2012 (UTC)

PS: na parte dos líderes políticos, embora não seja a minha área acho fundamental adicionar também Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Getúlio Vargas e o Lula Tetraktys (discussão) 05h18min de 24 de fevereiro de 2012 (UTC)

Referências

- [1] http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Vital_articles/Expanded
-

Fontes e Editores da Página

Wikipédia Discussão:Lista dos 1000 artigos essenciais *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?oldid=29052890> *Contribuidores:* Amorim Parga, Cláudio Aarão Rangel, Criador de artigos, Diotti, Dreispt, GoEThe, Hmy1968, Joaotg, Jorge Morais, João Sousa, Juntas, Kleiner, LuanSP, Maddox, Manuel Anastácio, Muriel Gottrop, Nuno Tavares, OTAVIO1981, RafaAzevedo, Richard Melo da Silva, Rjclaudio, Robertogilnei, Tetraktys, Zorglub, Águia, 5 edições anónimas

Fontes, Licenças e Editores da Imagem

Image:Crystal Clear app kfm.png *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Crystal_Clear_app_kfm.png *Licença:* GNU Free Documentation License *Contribuidores:* Codename Lisa, CyberSkull, Rocket000

Imagem:Symbol declined.svg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Symbol_declined.svg *Licença:* Creative Commons Attribution-ShareAlike 3.0 Unported *Contribuidores:* Original uploader was Richtom80 at en.wikipedia

Imagem:Symbol support vote.svg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Symbol_support_vote.svg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Zscout370

Licença

Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported
[//creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/)

ANEXO B- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS/ARQUIVO

Wikipédia Discussão:Lista dos 1000 artigos essenciais/Arquivo

Wikipédia Discussão:Lista dos 1000 artigos essenciais/Arquivo

Propostas de novos artigos essenciais

Sou favorável à criação dos seguintes tópicos na Lista dos 1000 artigos essenciais:

Autores

- José de Alencar
- Monteiro Lobato
- Mário Quintana

Artistas

- Anita Malfatti
- Tarsila do Amaral
- Candido Portinari
- Victor Brecheret

Compositores e músicos

- Rolling Stones
- Pavarotti
- Roberto Carlos
- ABBA

Inventores e cientistas

- Jean-Baptiste de Lamarck
- Gregor Mendel
- Louis Pasteur
- Aleksandr Oparin
- Linus Torvalds
- Steve Jobs
- Larry Page
- Charles Babbage
- Ada Lovelace

Políticos e líderes históricos

- Getúlio Vargas
 - Pedro I do Brasil
 - Pedro II do Brasil
 - José Bonifácio de Andrada e Silva
 - Deodoro da Fonseca
-

Revolucionários e ativistas

- Anita Garibaldi
- Giuseppe Garibaldi
- Bento Gonçalves
- Júlio de Castilhos

Pré-história á Idade Média

- Idade dos Metais
- Idade do Cobre
- Mesopotâmia
- Babilônios
- Caldeus
- Assírios
- Acádios
- Fenícios
- Hebreus
- Persas
- Civilização Minoica
- Cultura da Grécia
- Cultura da Roma Antiga
- Queda do Império Romano
- Santa Inquisição
- Inquisição Calvinista

Renascença á Era Industrial

- Guerra do Afeganistão (2001—presente)
- Ataques de 11 de Setembro de 2001

Continentes e regiões

- Europa
 - Inglaterra
 - França
 - Alemanha
 - Itália
 - Ásia
 - China
 - Japão
 - América
 - América Anglo-Saxônica
 - Estados Unidos
 - América Central
 - Brasil
 - Rio de Janeiro
 - São Paulo
 - Rio Grande do Sul
-

- Palestina

Hidrografia

- Cataratas do Iguaçu
- Cataratas de Vitória
- Lagoa dos Patos
- Rio Guaíba

Cidades

- Porto Alegre
- Las Vegas
- Boston
- Chicago
- Orlando

Maravilhas Naturais

- Alpes suíços
- Montanhas Rochosas
- Himalaia
- Monte Everest
- Floresta Amazônica
- Mata Atlântica
- Pantanal
- Parque Nacional de Aparados da Serra
- Fernando de Noronha
- Lençóis Maranhenses
- Migração do Serengeti
- Aurora Boreal

Política

- Partidos políticos
 - PMDB
 - PSDB
 - PT
 - PSTU
-

Organizações e Tratados Internacionais

- Alca
- Nafta
- Mercosul

Economia e negócios

- Agropecuária
- Agronomia
- Moedas
 - Cruzeiro
 - Cruzado

Cultura

- Cinema
 - Walt Disney
 - Walter Lantz
 - Warner Bros
 - Hanna-Barbera

Idiomas e Literatura

- Livros
 - Dom Casmurro
 - Triste fim de Policarpo Quaresma
 - O Cortiço
 - Memórias Póstumas de Brás Cubas

Arquitetura

- Construções específicas
 - Cristo Redentor
 - Petra
 - Machu Pichu
 - Chichen Itza

Música

- Pop-Rock
 - Rock
 - Jovem Guarda
 - Disco
 - Dance
 - Eletrônica
 - Funk Music
 - Hip Hop
 - Black Music
 - R&B
 - Soul
-

- Blues
- Reggae
- MPB
- Bossa Nova
- Samba
- Pagode
- Axé
- Forró
- Gospel
- Música nativista
- Música Sertaneja
- Música Erudita Contemporânea

Lazer

- Ginástica Olímpica
- Baralho
 - Pife
 - Buraco
 - Canastra
 - Paciência
- Jogo
 - Banco Imobiliário
 - Jogo da Vida
 - Videogame

Esportes

- Futebol
 - Corinthians
 - Palmeiras
 - São Paulo
 - Flamengo
 - Fluminense
 - Botafogo
 - Grêmio
 - Internacional
 - Vôleibol
 - Handebol
 - Queimada (jogo)
-

Religiões específicas

- Igreja Evangélica
 - IURD
 - Assembléia de Deus
- Budismo Tibetano
- Fundamentalismo religioso
 - Fundamentalismo Islâmico
 - Fundamentalismo Protestante
 - Fundamentalismo Hindu
 - Judaísmo ortodoxo
 - Integralismo Católico
- Judaísmo
 - Isaac
 - Jacó

Cotidiano

- Sorvete
- Coca-Cola
- Vinho Doce

Biologia

- Anatomia
 - Aparelho respiratório
 - Aparelho circulatório
- Organismos específicos
 - Aves
 - Tico-tico
 - Pardal-doméstico
 - Sabiá-laranjeira
 - Avestruz
 - Peixes
 - Peixe-bruxa
 - Lampréia
 - Peixes cartilaginosos
 - Tubarão
 - Tubarão-branco
 - Cação
 - Arraia
 - Quimera
 - Peixes Ósseos
 - Carpa
 - Tilápia
 - Anfíbios
 - Synapsida
 - Mamíferos

- Gato Persa
 - Gato Siamês
 - Pit-bull
 - Rotweiller
 - Poodle
 - Yorkshire
 - Shi-tzu
 - Dromedário
 - Cavalo Crioulo
 - Cavalo Árabe
 - Pônei
 - Répteis
 - Pterossauros
 - Plesiossauros
 - Ictiossauros
 - Lagartos
 - Crocodilos
 - Tartarugas
 - Aracnídeos
 - Crustáceos
 - Quilópodes
 - Diplópodes
 - Poríferos
 - Cnidários
 - Plathielminthes
 - Nematoda
 - Anellida
 - Mollusca
 - Echinodermata
 - Arthropoda
 - Chordata
 - Reino Vendobionta
 - Plantae
 - Raiz
 - Caule
 - Fruto
 - Semente
-

Medicina

- Doença
 - Transtorno Obsessivo Compulsivo
 - Ansiedade
 - Angústia
 - Depressão nervosa
 - Síndrome do Pânico
 - Síndrome de Down
 - Alcoolismo
 - Gripe Aviária

Tecnologia e Invenção

- Informática
- Ciência da Computação

Energia

- Biocombustíveis

Eletrônica

- LED
- Microprocessador
 - Intel
 - AMD

Tecnologia da Informação

- IBM
 - Microsoft
 - Apple Inc.
 - Google
 - Wikipédia
 - Orkut
 - Youtube
 - MP3
 - Sistema Operacional
 - Minix
 - PC-DOS
 - MS-DOS
 - Windows
 - Mac OS
-

Astronomia

- Sedna
- Laika
- Lixo espacial

OK. A minha ideia é colocar, de início, as propostas no artigo e, depois, vamos cortando o que ficar a mais. Pode-se também fazer alterações às categorias. Sou contra uma categoria apenas sobre mulheres... É um sexismo descabido e podemos indicar muitas mulheres nas outras categorias, sem ser necessário uma secção deste género. O que dizem? Manuel Anastácio 11:50, 17 Jun 2004 (UTC)

Acho que ideia deverá ser, também, reflectir sobre artigos prioritários e não indicar os "bons" artigos que já existem. Já tenho algumas objecções a algumas das propostas, mas vamos esperar que apareçam mais. Manuel Anastácio 14:13, 17 Jun 2004 (UTC)

Comentários da nova proposta

De acordo. Comecei também a fazer sugestões para novos artigos. Parece-me que vamos chegar no entanto a um ponto em que teremos (digamos) 700 artigos existentes e 300 inexistentes, a partir do qual a discussão se tornará (ainda mais) absurda. Alguém dirá: Eu acho que o artigo X, que ainda não existe, "vale mais" do que o artigo Y que está ali mas que "não vale nada". Um cenário surrealista, mas é só uma questão de tempo e estará a acontecer.

É de questionar se não será melhor separar as listas. Uma lista que será basicamente esta sem os links a vermelho. Outra que terá apenas links a vermelho.

Resumindo: Uma lista dos 1000 artigos essenciais (existentes) - Esta lista é uma reflexão dos interesses dos Wikipedistas de língua portuguesa.

Outra lista, de artigos inexistentes - Esta lista reflecte também os interesses dos Wikipedistas de língua portuguesa, mas agora numa perspectiva de "melhoramentos para o futuro". --Joaotg 17:04, 17 Jun 2004 (UTC)

João: acho que estás a confundir os 1000 melhores artigos com os 1000 essenciais. Os 1000 essenciais representam aqueles que, na nossa opinião, qualquer enciclopédia deveria ter. A questão não é se existem ou não. Aliás, se não existirem é que a lista tem significado: para alertar para a urgência de os criar. Não há, sequer, lógica em ter artigos que já estão a azul e cujo conteúdo já é aceitável. A minha ideia era ter nesta lista apenas artigos a vermelho, que iriam sendo substituídos por outros à medida que se fossem tornando azuis... Seria uma lista de prioridades, mais que outra coisa. creio que a tua ideia se aproxima mais da página Wikipédia:Os melhores artigos... Manuel Anastácio 00:17, 21 Jun 2004 (UTC)

Manuel, é uma questão de tornar claro aquilo que queremos com as páginas. Qual o objectivo desta página ? Se o objectivo é dar dicas aos visitantes de artigos "bem conseguidos" que já estão disponíveis e que os irão "iluminar" no caminho da verdade (-;-), então acho que o nome está sugestivo. Se o objectivo da página é dar sugestões para novos artigos, podia ter um nome como "Lista dos próximos 1000 artigos" ou algo do género. Estou atento à discussão do "Melhores artigos" e acho que talvez se pudesse usar aquela página para motivar quem escreve artigos. Será que te sentirias motivado se o teu artigo no qual trabalhaste tão arduamente fosse reconhecido como um dos melhores pelos outros ? Acho que sim. Podia ser uma forma de estimular quem contribui e o resultado podia ser positivo para o projecto. Que te parece ? --Joaotg 17:44, 23 Jun 2004 (UTC)

Uma forma interessante de saber quais são os artigos importantes que estão faltando, é ver os artigos que existem em mais wikipédias e que ainda não existem na nossa. Diotti 02:15, 17 Outubro 2005 (UTC)

Projeto: Trocando em Miúdos

Quais os artigos essenciais???

1. Na História Geral das Civilizações:

1. a
2. b

2. Na Tradição Lusófona:

1. a
2. b

• **Seria interessante esquematizá-los da forma acima?**

--Sim, de preferência, pelo menos fifty/fifty o que não acontece por agora. Paulo Juntas ~ 19:48, 13 Outubro 2005 (UTC)

• **Em que estágio se encontram estes artigos e que providências poderiam ser tomadas em relação a isto?**

--Melhorar, melhorar e melhorar. Paulo Juntas ~ 19:48, 13 Outubro 2005 (UTC)

• **A lista deve ser "permanente"? Seria interessante, então, marcar-se com o "sinal de artigo destacado" à medida que este ou aquele assim for considerado?**

--Não, parar é morrer. podia-se marcar *, **, ***, ****, *****, e finalmente "destacado", conforme o estágio em que estivesse. Paulo Juntas ~ 19:48, 13 Outubro 2005 (UTC)

• **Tendo em vista uma possível volta das "semanas temáticas", tais artigos devam ser prioritariamente considerados?**

--Sim, pode ser. e talvez nos wikiconcursos. Paulo Juntas ~ 19:48, 13 Outubro 2005 (UTC)

--Águia^{msg} 18:14, 13 Outubro 2005 (UTC)

Ordenamento

• Penso que a melhor forma de ordenar os tópicos seria seguindo (mais ou menos) a própria categorização da Wikipedia:

• Artes

• Música

- Grupos
- Cantores
- Compositores

• Cinema

- Cineastas
- Actores

• Ciência

- Cientistas
- Ciências
 - Medicina
 - Astronomia

Qualquer coisa como isto. Penso que dá para perceber. Paulo Juntas ~ 20:22, 13 Outubro 2005 (UTC)

Concordo com Juntas. Aproximar-se-ia desta forma do quadro da página inicial.--Águia - Cláudio^{msg} 12:59, 14 Outubro 2005 (UTC)

Eu ia mais longe

Creio que uma boa ordem de trabalhos seria:

- Fazer uma lista em contínuo desenvolvimento, sem limites
- Votar, durante 1 mês, nos 1000 artigos (posso pedir ao NTBot para enviar um convite a todos os usuários, podemos usar a linha do *notice* no topo das páginas, etc)
 - A votação podia perfeitamente ser por artigo. No final, ficariam os artigos com mais votos (não pensem para já nos empates, não vamos complicar). Cada usuário teria direito a, por exemplo, 100 votos, 1 por artigo.
- Construir a lista efectiva;
- Correr as páginas de discussão dos artigos seleccionados e colocar uma predefinição do tipo: a comunidade acha que este artigo é essencial para o Livro do Conhecimento, colabore!
- E depois, aproveitar o WikiConcurso e projectos afins para *desbravar* o terreno.

Pelo menos teríamos uma maneira de classificar a wikipédia, em função das necessidades da comunidade (e leitores). Nota: nesta votação seria importante abdicar da regra sobre o número de edições e tempo de registo. O uso do nick seria apenas uma medida para contar o número de votos, e teríamos que possibilitar o voto ao *leitor* (aquele que não contribui, que apenas lê - porque esse, melhor que nós, saberá o que lhe faz falta), daí a abdicação das duas regras do direito ao voto. -- Nuno Tavares 03:17, 15 Outubro 2005 (UTC)

Complicando: Não sei se a votação será a forma correcta de se chegar ao pretendido (pelo menos ao que eu acho que é pretendido) que é inventariar os 1000 (ou mais) artigos "essenciais", sendo que estes *essenciais* não se podem resumir ao conhecimento que as pessoas *normais* (eu sou um *normal*) têm sobre determinado assunto: Por exemplo: Se eu atribuir 10 dos meus 100 votos à Filosofia, eu vou votar no Sócrates, Platão, Aristóteles, Discurso sobre o método etc. São estes os importantes? Não faço ideia, estes são apenas os que eu conheço melhor, dado o meu fraco conhecimento sobre o tema. Se a maior parte das pessoas forem tão *normais* como eu no que respeita à filosofia, poderemos correr o risco de deixarmos *de lado* alguns *essenciais* que a maioria das pessoas *normais* nem sequer saberá que existem.

Outro exemplo: Eu *reconheço* que os Beatles foram um grupo importantíssimo na cena mundial da música pop da altura e que continuam hoje, a influenciar muitos e muitos músicos, no entanto, para mim, não consta das minhas dez bandas favoritas; vou incluí-los nos meus 10 votos que irei atribuir ao tema? Irei, sem dúvida, porque lhes reconheço esse mérito mas, outros farão o mesmo? Outros, conhecerão os Beatles?

Sim Nuno, eu sei que agora vinha a parte em que eu ia dar uma alternativa, lol; vou pensar (mais). Paulo Juntas ~ 14:53, 15 Outubro 2005 (UTC)

Mas aí é que está, Juntas. O voto seria *precisamente* por popularidade: geralmente a popularidade de um artigo denota o relevo (importância) dele na história da Humanidade.. não concordas? Por exemplo, todos já ouviram falar dos Beatles pq eles foram os precursores do Rock, não é? Supostamente se não tivessem existido os Beatles, hoje estaríamos a ouvir ainda música clássica. Todos ouviram falar do Einstein por causa da Relatividade. Se não fosse o Einstein hoje não tínhamos ido ao espaço. E por aí fora. A ideia do voto é mesmo pela popularidade. E o meu apelo fica para *não votarem nos artigos que gostam, mas sim nos artigos que acham que fariam falta a um extra-terrestre que viesse à Terra depois do Dia do Juízo Final*. Ou seja, se nós fôssemos mandar uma sonda espacial para uma raça alienígena ainda numa fase equivalente à nossa pré-história, como os faríamos acelerar o desenvolvimento com apenas 1000 artigos?

Outra forma de determinar *o que é essencial*: pelo número de afluentes (automático). O único problema é que a lista teria que ser actualizada, por exemplo, de ano a ano. -- Nuno Tavares 02:33, 16 Outubro 2005 (UTC)

O Nuno disse: *"geralmente a popularidade de um artigo denota o relevo (importância) dele na história da Humanidade."* Com todo o respeito, Nuno, para mim isso é um absurdo sem tamanho. Adoro os Beatles e não estou negando que foram importantes, agora, a votação que você propôs iria refletir a influência da cultura pop do século XX e pouco mais que isso, não "os artigos importantes na história da Humanidade." É diferente. Amorim Parga^{Oi!} 21:43, 16 Outubro 2005 (UTC)

Tens razão. -- Nuno Tavares 06:47, 17 Outubro 2005 (UTC)

Eu descobri um artigo na wiki.en, que podia dar-nos uma ideia do que está a faltar aqui em matéria de biografias: en:The 100. Este artigo lista as 100 personalidades mais relevantes da história. Muriel 07:21, 18 Outubro 2005 (UTC)

Eu não conheço o islamismo, mas não deixa de ser curioso ver o Maomé acima do Newton, e Jesus abaixo dele :) Depois, Gutemberg em 8º, e Einstein em 10º. Como ateu, acho este lista um disparate, o Michael Hart que me desculpe :) -- Nuno Tavares 11:44, 18 Outubro 2005 (UTC)

É uma parvoíce completa, mas é uma boa check-list! Muriel 12:06, 18 Outubro 2005 (UTC)

Outra check list: en:The 2005 Global Intellectuals Poll. Muriel 08:52, 4 Novembro 2005 (UTC)

Acho completamente errado Einstein ficar acima de Isaac Newton por varios motivos:

- Teoricamente a **maior** teoria de einstein diz que o tempo e o espaco sao relativos e que **É** possível viajar no tempo, provas? e se é **REALMENTE** possível o que isso mudou até agora?
- Newton provou tudo que disse, einstein **Não**.

Pelo sim, pelo não, é absurdo newton ficar em 9, qualquer pessoa com bom senso iria concordar comigo, newton merece ficarm em 1#

Atualização

Para atualizar a lista, proponho a retirada de muitos tópicos e a utilização dela como um guia para os artigos que precisam ser destaque por serem essenciais seguindo os moldes da lista em inglês. - Jota Morais 06:35, 4 Outubro 2006 (UTC)

Fusão

Na fusão da Wikipedia:Lista dos artigos que todas as linguagens deveriam ter esta página, por ter o título mais interessante:

1. Não foram incluídos os verbetes que possuíam correlação com um dos listados ou que a totalidade do conteúdo já estivesse com um verbete correlato ou cuja grafia não correspondia ao verbete na enciclopédia em língua portuguesa;
2. Foi utilizada a nomenclatura do verbete com o artigo mais desenvolvido;
3. Os seguintes verbetes não foram inclusos por entender que já estavam desenvolvidos em um ou mais elementos da lista ou então não tão relevantes ou precisavam de uma análise mais profunda para ser colocado em alguma categoria.
4. Os interessados em melhorar a listagem considerem primeiramente analisar estes verbetes. Abraços Virtuais
Helder 01h55min de 24 de Outubro de 2007 (UTC)

Águia Alemanha Nazista Baço Boca Braço Charlemagne Coca-Cola Colonização da América do Norte Colonização da América do Sul Commonwealth de Estados Independentes Commonwealth de Nações Convenção Européia dos Direitos Humanos Cordão umbilical Dedo Desastres Descoberta da América Dinastia Ming Dinastia Qing Dinastia Shishunaga Dinastia Yuan Doença cardíaca Doença infecciosa El Niño Elefante Elétron Estômago Evolução humana Fêmur Feto Fígado George W. Bush Gerhard Schröder Gravidez Império da Macedônia Império Mughal Intestinos Isléa ISP Jacques Chirac Joelho Jogo Jogos Olímpicos de Inverno Jogos Olímpicos de Verão Jogos Paraolímpicos

Kofi Annan La Niña Lança Lao Tsé Lao Tsu Lapônia Laranja (cor) Leão Lech Wałęsa Língua coreanaCoreano
 Língua gregalGrego Língua italianaItaliano Língua neerlandesaNeerlandês Língua tailandês Língua vietnamita
 Mac OS Machado Mandarin Mão Medicação Mesoamérica Meteorologia Microsoft Windows Motor de busca
 MS-DOS Navegação Neblina Nelson Mandela Nêutron Neve Nuvem Olho Ombro Orelha Ovelha Parafuso PDA Pé
 Pênis Perestroika Perna Peste Negra Placenta Pólo aquático Pop Popa Prego Próton Pulso Qur'an Reprodução
 República das Duas Nações Restauração Meiji Reunificação da Alemanha Revolução Iraniana Rim SaurialLagarto
 Seios Sete maravilhas do mundo Shanghai Silvio Berlusconi Social-Democracia Solidarnosc Squash Suméria Ten
 gurus Teoria atômica Tíbia Tony Blair Tratado de Versalhes Tratamento médico Tribunal Europeu dos Direitos
 Humanos Turcos Seljúcidas Tutankhamun Unificação da Alemanha Unificação da Itália Urdu Urso Útero Vagina
 Viking Voodoo

"Essenciais"

Confesso que não entendi o propósito desta página. Quais artigos devem ser incluídos aqui? O que é um "artigo essencial"? Se estiver relacionado ao tema destes artigos, isto não estaria escapando ao Wikipedia:Princípio da imparcialidade? RafaAzevedo ^{msg} 10h48min de 18 de novembro de 2009 (UTC)

List of Wikipedias by sample of articles

O ranking: http://meta.wikimedia.org/wiki/List_of_Wikipedias_by_sample_of_articles

E a lista de artigos: http://meta.wikimedia.org/wiki/List_of_articles_every_Wikipedia_should_have

ANEXO C- WIKIPEDIA DISCUSSAO LISTA DOS 1000 ARTIGOS ESSENCIAIS 2

Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais

Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais

Com o objetivo de complementar a Wikipédia:Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter, que reúne os mil artigos mais importantes que toda Wikipédia deve ter, reunindo assim os assuntos mais relevantes mundialmente, foi feita esta lista complementar voltada especificamente para os interesses lusófonas.

Essa lista está em construção. Sinta-se livre para opinar sobre ela na página de discussão.

Os artigos com uma estrela dourada (★) ao lado foram eleitos "artigos destacados", enquanto os que possuem uma estrela prateada (☆) são considerados "artigos bons". Os artigos estão separados por assunto e qualificados de acordo com o sistema de avaliação da Wikipédia.

Biografias (25)

- 1. Álvaro Siza Vieira
- 2. Oscar Niemeyer

Autores (6)

Artigo		Avaliação
	Baltasar Lopes da Silva	1 Por avaliar ★
	Eça de Queiroz	1 Por avaliar ★
	Fernando Pessoa	1 Por avaliar ★
	Gil Vicente	1 Por avaliar ★
★	Luís Vaz de Camões	1 2 3 4 5 ★
★	Machado de Assis	1 2 3 4 5 ★

Artistas (1)

Artigo		Avaliação
★	Aleijadinho	1 2 3 4 5 ★

Compositores e músicos (3)

Artigo		Avaliação
	Cesária Évora	1 Por avaliar ★
	Heitor Villa-Lobos	1 Por avaliar ★
	Vinícius de Moraes	1 Por avaliar ★

Exploradores (6)

Artigo	Avaliação
Bartolomeu Dias	1 Por avaliar ★
Cristóvão Colombo	1 Por avaliar ★
Fernão de Magalhães	1 Por avaliar ★
Orlando Villas Bôas	1 Por avaliar ★
★ Pedro Álvares Cabral	1 2 3 4 5 ★
Vasco da Gama	1 Por avaliar ★

Inventores e cientistas (2)

Artigo	Avaliação
Pedro Nunes	1 Por avaliar ★
Santos Dumont	1 Por avaliar ★

Políticos e líderes históricos (6)

Artigo	Avaliação
Dinis I de Portugal	1 Por avaliar ★
Filipe II de Espanha	1 Por avaliar ★
João II de Portugal	1 Por avaliar ★
Juscelino Kubitschek	1 Por avaliar ★
Marquês de Pombal	1 Por avaliar ★
Virgulino Ferreira da Silva	1 Por avaliar ★

Revolucionários e ativistas (1)

Artigo	Avaliação
Amílcar Cabral	1 Por avaliar ★

História (28)

Pré-história à Idade Média (1)

1. História da colonização das Américas

Renascença à Era Industrial (5)

1. Partilha da África
2. Primeira Guerra Mundial
3. Segunda Guerra Mundial
4. Guerra Fria
5. História da África

Dos países lusófonos (22)

1. História de Angola
 1. Guerra Colonial Portuguesa
 2. Independência de Angola
 3. Reconquista de Angola
 4. Guerra dos 55 Dias
 5. Guerra Civil Angolana
2. História do Brasil
3. História de Cabo Verde
4. História da Guiné-Bissau
 1. Guerra de Independência da Guiné-Bissau
5. História de Macau
6. História de Moçambique
 1. Império de Gaza
 2. Império Monomotapa
7. História de Portugal
8. História de São Tomé e Príncipe
9. História de Timor-Leste
 1. Ocupação de Timor-Leste pela Indonésia
 2. Crise timorense de 2006
 3. Crise de Timor-Leste de 1999
 4. Invasão indonésia de Timor-Leste
 5. Timor Português

Localidades (31)**Continentes e regiões (10)**

1. África
 2. ★ Antártica
 3. Ásia
 4. Europa
 5. América
 6. América Latina
 7. Oriente Médio
 8. América do Norte
 9. Oceania
 10. ★ América do Sul
-

Países (9)

1. Angola
2. Brasil
3. Cabo Verde
4. Guiné-Bissau
5. Macau
6. Moçambique
7. Portugal
8. São Tomé e Príncipe
9. Timor-Leste

Cidades (12)

1. Angola
 1. Benguela
 2. Luanda
2. Brasil
 1. ★ São Paulo
 2. ★ Rio de Janeiro
 3. ★ Brasília
3. Cabo-Verde
 1. Praia
4. Guiné-Bissau
 1. Bissau
5. Moçambique
 1. Maputo
6. Portugal
 1. Porto
 2. Lisboa
7. São Tomé e Príncipe
 1. São Tomé
8. Timor-Leste
 1. Díli

Geografia (20)**Hidrografia (8)**

1. Oceanos
 1. Oceano Antártico
 2. Oceano Ártico
 3. Oceano Atlântico
 4. Oceano Índico
 5. Oceano Pacífico
 2. Lagos
 1. Grandes Lagos Africanos
-

3. Rios

1. Rio Amazonas
2. Rio Tietê

Organizações e Tratados Internacionais (12)

1. Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)
2. Conselho da Europa
3. Interpol
4. Liga Árabe
5. OTAN
6. OECD
7. Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
8. OPEP
9. Organização dos Estados Americanos
10. União Africana
11. União Europeia
12. Organização das Nações Unidas

Cultura (1)

Arquitetura (1)

1. Cristo Redentor
-

Fontes e Editores da Página

Wikipédia:Lista dos 1000 artigos essenciais *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?oldid=34431513> *Contribuidores:* Alex Nuno, Arley, Beria, Bonás, Burmeister, Carleandro, Castelobranco, Cesarschirmer, Clara C., Cláudio Aarão Rangel, Diego UFCG, Dreispt, Dvulture, Dálmata, E-roxo, Econt, Fabiano Tatsch, Fabsouza1, Fernando S. Aldado, FlávioHC., GoEThe, Gustavo gho, Gustavob, Heiligenfeld, Hmy1968, Igordebraga, Indech, JMGM, Jemo, Jo Lorib, Joanabrazilia, JoaoMiranda, Joaotg, Jorge Morais, João Sousa, João Xavier, Juntas, Kleiner, Lampiao, Leonardo.stabile, LeonardoG, Lfmiguel, Lijealso, Litrix Linuxer, Maddox, Manuel Anastácio, Manuel de Sousa, Mateus RM, Muriel Gottrop, Mário e Dário, Nuno Tavares, OTAVIO1981, Oolong, Osias, Patsy, PedR, PedroPVZ, Prowiki, Raafael, Reynaldo, Richard Melo da Silva, Rjclaudio, Santista1982, Silass, Taikanatur, TenIslands, Tosão, Vini 175, Waldir, Zorglub, Águia, Леонид Кринер, 21 רי"ג:א"ש, 21 edições anónimas

Fontes, Licenças e Editores da Imagem

Ficheiro:Cscr-featured.svg *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Cscr-featured.svg> *Licença:* GNU Lesser General Public License *Contribuidores:* Users CanadianCaesar, Protarion, White Cat, Harrisonmetz, Alkivar, Jon Harald Søby, Optimager, CyberSkull, ClockworkSoul on en.wikipedia, Erina

Ficheiro:Cscr-featured2.png *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Cscr-featured2.png> *Licença:* Creative Commons Attribution-Share Alike *Contribuidores:* Shyoon1

Ficheiro:Escala-azul-PA.svg *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Escala-azul-PA.svg> *Licença:* Creative Commons Attribution-Sharealike 3.0 *Contribuidores:* Danilo.mac

Ficheiro:Escala-azul-6de6.svg *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Escala-azul-6de6.svg> *Licença:* Creative Commons Attribution-Sharealike 3.0 *Contribuidores:* Danilo.mac

Licença

Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported
//creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/